



UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

FRANCISCO JOEL MAGALHÃES DA COSTA

**HISTÓRIA DAS PESSOAS COMUNS: UMA INFLUÊNCIA TEMÁTICO-
CONCEITUAL NAS PESQUISAS DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA
EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

FORTALEZA

2021

FRANCISCO JOEL MAGALHÃES DA COSTA

**HISTÓRIA DAS PESSOAS COMUNS: UMA INFLUÊNCIA TEMÁTICO-
CONCEITUAL NAS PESQUISAS DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA
EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

Tese apresentada a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Orientador: Prof. Dr. José Rogério Santana

Coorientador: Prof. Dr. Antônio Roberto Xavier

FORTALEZA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
Universidade Federal do Ceará
Biblioteca Universitária

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- C872h Costa, Francisco Joel Magalhães da.
História das pessoas comuns : uma influência temático-conceitual nas pesquisas do Núcleo de História e Memória da Educação da Universidade Federal do Ceará / Francisco Joel Magalhães da Costa. – 2021.
150 f. : il.
- Tese (doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza, 2021.
Orientação: Prof. Dr. José Rogério Santana.
Coorientação: Prof. Dr. Antônio Roberto Xavier.
1. História das pessoas comuns. 2. História vista de baixo. 3. História da educação. 4. Núcleo de história e memória da educação. I. Título.

CDD 370

FRANCISCO JOEL MAGALHÃES DA COSTA

**HISTÓRIA DAS PESSOAS COMUNS: UMA INFLUÊNCIA TEMÁTICO-
CONCEITUAL NAS PESQUISAR DO NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA
EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**

Tese apresentada a Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, como parte dos requisitos para a obtenção do título de Doutor em Educação. Área de concentração: Educação Brasileira.

Aprovada em: 14 / maio / 2021

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. José Rogério Santana (Orientador)
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Profa. Dra. Karla Colares Vasconcelos
Universidade Federal de Roraima (UFRR)

Prof. Dr. Carlos Augusto Viana
Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Prof. Dr. Luís Távora
Universidade Federal do Ceará (UFC)

Prof. Dr. José Gerardo Vasconcelos
Universidade Federal do Ceará (UFC)

AGRADECIMENTOS

A gratidão, por nós externada, significa que temos um sentimento de reconhecimento por tudo que nos foi concedido por amigos, professores, departamentos e instituições, em algum momento da nossa vida acadêmica. São benefícios prestados que, sem eles não alcançaríamos nossos objetivos.

Desse modo, um agradecimento especial:

- à Capes, pela bolsa de estudos, que viabiliza o nosso ir e vir, desempenho e dedicação ao estudo;
- ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faced/UFC e seus colaboradores pelo indispensável atendimento e atenção especial;
- ao corpo docente do NHIME, pela enorme contribuição intelectual e amizade, representados pelos professores José Rogério Santana (orientador), Antônio Roberto Xavier (coorientador), José Gerardo Vasconcelos, Luís Távora;
- aos participantes da banca: prof. Carlos Augusto Viana (UECE) e a profa. Karla Colares (IFRR);
- aos colegas que contribuíram com informações pertinentes ao trabalho:
 - prof. Emanuel Luís Roque Soares (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia);
 - prof. e escritor Júlio di Paula;
 - prof. Alles Lopes de Aquino (Estado do Ceará);
 - profa. Lia Machado Fiuza Fialho (UECE);
 - profa. Tânia Gorayeb Sucupira;
- e a todos e todas que compõem o Nhime.

RESUMO

O objetivo deste estudo é compreender a relação entre a História, as “pessoas comuns” e as dissertações e teses produzidas entre os anos 2000 e 2018, pelo Núcleo de História e Memória da Educação (NHIME), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal do Ceará (UFC). A questão central da pesquisa incide sobre a pesquisa das “pessoas comuns”, que são, do ponto de vista histórico, as esquecidas ou ignoradas pela História Tradicional, em nome de reis, nobres, poderosos, políticos e militares. Entre as pessoas comuns estão as mulheres, crianças, idosos, portadores de deficiência, delinquentes, negros, pobres, homossexuais, loucos, entre outros, que remetem às minorias. Assim, o estudo destaca as investigações históricas acerca das experiências, saberes e práticas social, cultural e educacional, resgate e inserção das “pessoas comuns” na História. A abordagem da pesquisa é de natureza qualitativa, cuja tipologia é exploratório-bibliográfica, que adotou o Método Histórico para a construção desta tese. As técnicas de coleta de informações e geração de dados valeram-se de revisão de literatura de fontes secundárias e fontes digitais, cujos procedimentos técnicos de organização e análise utilizados foram o Estado da Arte e a Análise de Discurso. A fundamentação teórica ancorou-se nos conceitos de Escola dos Annales, História da pessoas comuns, História da Educação, História vista de baixo, História das mulheres, entre outros. Os resultados apontaram 52 pesquisas que investigaram a história de crianças, portadores de deficiência, delinquentes, feirantes, grafiteiros, idosos, imigrantes, pescadores, jovens, pichadores, fanzineiros, professores, mulheres e negros. Este resultado corresponde a 52 trabalhos acadêmicos, no total de 109 produzidos pelo NHIME, divididos em 36 dissertações e 16 teses. Concluiu-se que os estudos sobre as “pessoas comuns” se evidenciaram a partir das teorias da História, sobretudo com a historiografia francesa, através dos Annales, e a historiografia inglesa, através dos ingleses marxistas; que os recursos teórico-metodológicos que delineiam as pesquisas sobre as pessoas comuns estão implicados com os elementos da tradição oral; e que todas as classes possuem conhecimentos que agregam à nossa sociedade.

Palavras-chave: história das pessoas comuns; história vista de baixo; história da educação; Núcleo de História e Memória da Educação.

ABSTRACT

The objective of this study is to understand the relationship between History, the “common people” and the dissertations and theses produced between the Years 2000 to 2018, by the Center for History and Memory of Education (NHIME), of the Graduate Program in Education (PPGE), Faculty of Education (FACED), Federal University of Ceará (UFC). The central question of the research concerns the research of the “common people”, who are, from the historical point of view, those forgotten or ignored by Traditional History, in the name of kings, nobles, powerful, political and military. Common people include women, children, the elderly, the disabled, delinquents, blacks, the poor, homosexuals, insane people, among others. Thus, the study highlights the historical investigations about experiences, knowledge, social, cultural and educational practices, rescue and insertion of the “common people” in History. The research approach is of a qualitative nature, whose tipology is exploratory-bibliographic, which adopted the Historical Method for the construction of this thesis. The techniques of information collection and data generation used literature review of secondary sources and digital sources, whose technical procedures of organization and analysis used were the State of the Art and Discourse Analysis. The theoretical foundation was anchored in the concepts of Escola dos Annales, History of ordinary people, History of Education, History seen from below, History of women, among others. The results showed 52 surveys that investigated the history of children, people with disabilities, delinquents, marketers, graffiti artists, the elderly, immigrants, fishermen, young people, graffiti artists, fanzineiros, teachers, women and blacks. This result corresponds to 52 (48%) works, in a total of 109 produced by NHIME, divided into 36 dissertations and 16 theses. It was concluded that the studies on the “common people” are evidenced from the theories of History, mainly with the French historiography, through the Annales, and the English historiography, through the English Marxists; that the theoretical and methodological resources that outline research on “ordinary people” are involved with the elements of oral tradition; and that all classes have knowledge that they add to our Society.

Keywords: history ordinary people; history seen from below; history of education; Education History and Memory Center.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	HISTÓRIA CRISTÃ E FILOSOFIA DA HISTÓRIA: DA FÉ À RACIONALIDADE	23
2.1	Campos de estudos históricos na Idade Média: santos, milagres, guerras e soberanos	23
2.2	A era da razão: os movimentos da vida terrena e do humanismo	24
2.3	As filosofias da história: o devir material e o progresso dos seres humanos	26
3	TEORIZAÇÃO DA HISTÓRIA: O SURGIMENTO DAS ESCOLAS E PARADIGMAS HISTÓRICOS.....	28
3.1	Escola histórica alemã: uma historiografia política, narrativa e não-problematizada	28
3.2	Escola metódica: ciência positiva, objetividade e nenhuma subjetividade	30
3.3	Os paradigmas históricos: historicismo, positivismo e materialismo histórico	31
4	TENDÊNCIAS HISTORIOGRÁFICAS DO SÉCULO XX: VOZ E VEZ DOS EXCLUÍDOS	35
4.1	Escola dos Annales: o olhar sobre novas abordagens, novos temas e objetos	35
4.1.1	<i>Primeira Geração: os fundadores da revista Annales</i>	38
4.1.2	<i>Segunda Geração: a Era Braudel</i>	40
4.1.3	<i>Terceira geração: Le Goff e Nora</i>	41
4.1.4	<i>Historiografia e Interdisciplinaridade: características básicas dos Annales</i>	42
4.1.5	<i>Novos campos da História propostos pelos Annales</i>	43
4.2	História Inglesa: a renovação dos estudos culturais	47
4.2.1	<i>História Social: a inscrição de todos os tipos de abordagem</i>	49
4.2.2	<i>História Vista de Baixo: investigação de todas as atividades humanas</i>	49
5	NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS INDIVIDUAL E COLETIVA	51

6	COLETA DE DADOS E GERAÇÃO DE INFORMAÇÕES	79
7	RESULTADOS E DISCUSSÃO	84
8	CONSIDERAÇÕES FINAIS	122
	REFERÊNCIAS	125
	APÊNDICE A – RELAÇÃO DE DISSERTAÇÕES COLETADAS E SEUS RESPECTIVOS TÍTULOS E LINKS DE ACESSO	138
	APÊNDICE B – RELAÇÃO DE TESES COLETADAS E SEUS RESPECTIVOS TÍTULOS E LINKS DE ACESSO	145

1 INTRODUÇÃO

O objetivo deste estudo é compreender a relação entre a História, as “pessoas comuns” e as dissertações e teses produzidas, entre os anos 2000 e 2018 pelo Núcleo de História e Memória da Educação (NHIME), uma linha de pesquisa atrelada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Faculdade de Educação (Faced), da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Nas últimas décadas, a produção de textos científicos sobre as “pessoas comuns” cresceu no meio acadêmico, contudo, ainda está longe de um estabelecimento disciplinar, quando deveria ocupar uma posição estratégica nas universidades, nos programas de História, na disciplina História da Educação e outras áreas das Ciências Humanas.

“Pessoas comuns”! Que objeto histórico é este? Para Hill (1987), as pessoas comuns são aquelas que não fazem parte das classes dominantes, nem do poder da Igreja, nem da nobreza. Na mesma linha de pensamento, Dosse (1994) contrapõe os tempos extraordinários e o cotidiano das pessoas comuns, daquele lado, os heróis da história, os reis e generais, deste lado, as mulheres, imigrantes e marginais. Burke (1992) argumenta que as escolas, universidades e outras instituições similares consideram a experiência das pessoas comuns como inacessível ou sem importância, que elas não são vistas como um problema histórico, mas como um dos problemas que o governo tinha de lidar.

Segundo os autores, as pessoas comuns são as ignoradas pela História Tradicional, pautada pela resultante das ações dos grandes homens, notadamente os poderosos, políticos e militares. Entretanto, a história também é feita por “pessoas comuns”, a partir de suas ações e realizações cotidianas, de seus costumes, experiências e vivências, passados por gerações e gerações. Podemos lembrar das crianças e jovens, das mulheres, dos negros e negras, dos escravos e escravas, dos professores e professoras, da grande massa de trabalhadores e trabalhadoras formais e informais, entre outras categorias.

Estas representações sociais nos remete ao termo Minorias ou Grupos Minoritários. Nesse sentido, Kosovsky (2000) argumenta que as minorias podem ser vistas como todos os grupos sociais considerados inferiores e que sofrem discriminação. São objeto de preconceito social e sem os direitos de cidadania respeitados.

Entre as minorias mais discriminadas estão os mais idosos, os mais jovens, as crianças, os deficientes físicos ou mentais, os dependentes de drogas, as mulheres, os negros, os índios, os grupos religiosos, sobretudo os de matriz africana, os iletrados, os pobres, entre outras. À História do Brasil, podemos lembrar de grupos que foram escravizados, explorados e ridicularizados. No país, a discriminação, o racismo e o preconceito ainda permeiam no meio social, mesmo com as leis que proíbem todo e qualquer tipo de discriminação contra as pessoas, no que diz respeito à raça, etnia, religião, sexo ou quaisquer outros tipos de diferenças.

Este tema é abrangente, complexo e pode ser visto de vários ângulos e diversos questionamentos. Do ponto de vista histórico:

1. Em que momento histórico ocorreu a inserção das “pessoas comuns” na História?
2. Qual a historiografia leva o crédito de inclusão destas pessoas, a alemã, a francesa ou a inglesa?
3. Quais as categorias de indivíduos passaram a ser campos de investigação histórica?
4. Quais os principais recursos teórico-metodológicos sustentam as pesquisas destas pessoas, no domínio histórico?

Esses tópicos interrogativos estão conectados com o fator histórico, com o estudo das escolas e as ferramentas históricas, enquanto o fator educacional e a linha de pesquisa estão ligados a perspectivas da educação:

1. Por que pesquisar as “pessoas comuns”?
2. Que ligação se estabelece entre as pesquisas que tratam das “pessoas comuns” e a História da Educação?
3. O uso de novas tecnologias é compatível com as pesquisas sobre as “pessoas comuns”?

Essas questões serão aprofundadas na seção teórica, mas faremos uma abordagem imediata sobre cada uma.

Na História da Idade Média, contemplamos o predomínio da História Cristã, preocupada com os feitos de Deus, com a vida dos santos e outros gêneros historiográficos que se ocupavam com os acontecimentos políticos e militares. Verifica-se neste período um olhar universal da humanidade, o devir humano, as guerras e os grandes feitos dos grandes homens, não há preocupação com as especificidades e subjetividades das “pessoas comuns”. A interpretação dos desígnios

divinos antecede a investigação das razões humanas, os aspectos morais e espirituais vencem as vivências. São os planos divinos sobre a humanidade.

Este fora o período de Santo Agostinho e S. Tomás de Aquino, filósofos cristãos importantes para a manutenção doutrinária da Igreja e do pensamento histórico dominado pela Providência Divina. Entretanto, surgem movimentos intelectuais com olhares humanistas e renovadores, em detrimento dos valores católicos na Idade Média.

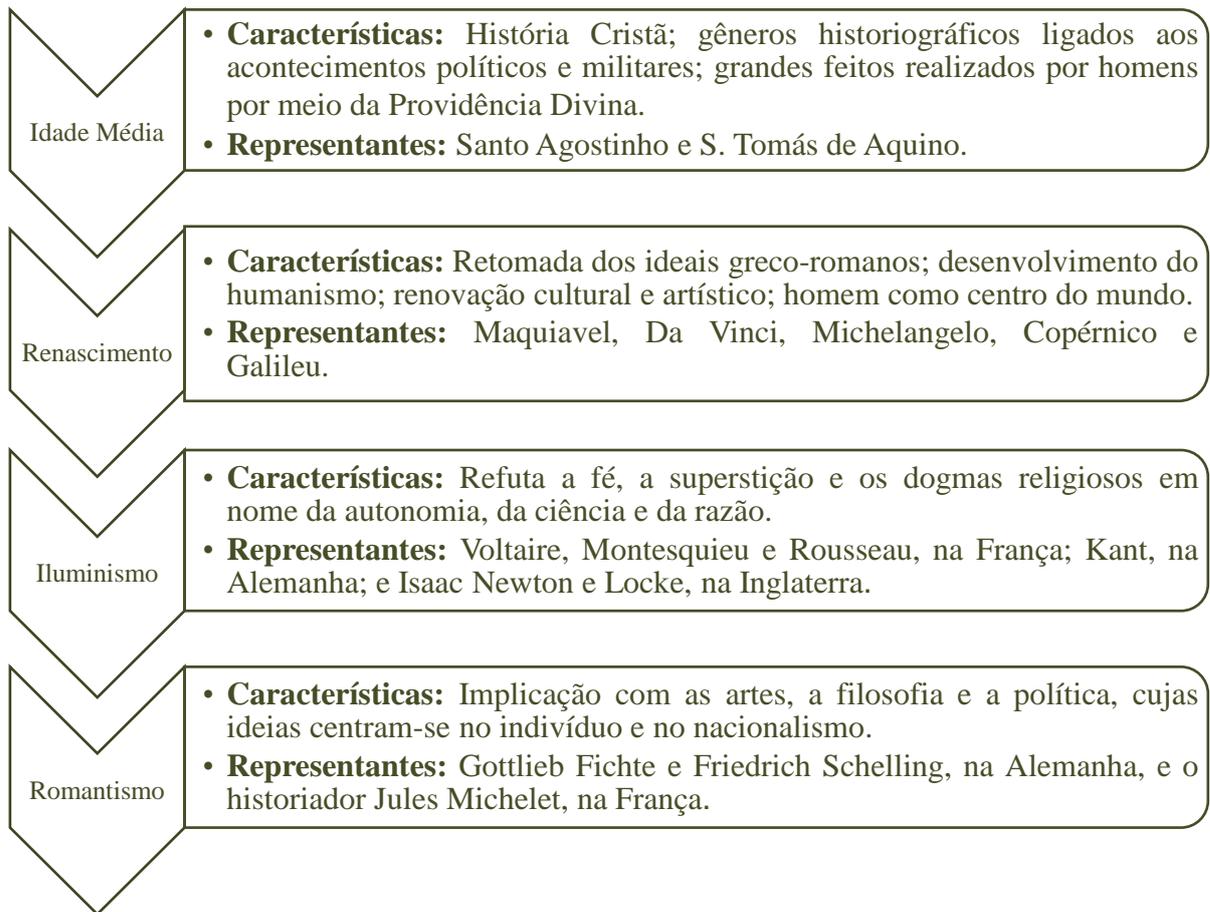
Por exemplo, o Renascimento se caracteriza pela retomada dos ideais da antiguidade greco-romana, pelo desenvolvimento do Humanismo, pela renovação cultural e artística e pelo posicionamento do homem no centro do mundo. Tais pensamentos eram defendidos por filósofos, artistas e cientistas como Maquiavel, Da Vinci, Michelangelo, Copérnico e Galileu. O principal pensador renascentista, Maquiavel, segundo Mauad e Grinberg (2010), foi um dos primeiros a elaborar uma reflexão sobre a história, na perspectiva humanista, na qual defendia a ideia da liberdade e participação das camadas populares no poder.

Já o Iluminismo, movimento também conhecido como Ilustração, refuta a fé, a superstição e os dogmas religiosos em nome da autonomia, da ciência e da razão. O pensamento iluminista envolve alguns filósofos de renome como Voltaire, Montesquieu e Rousseau, na França; Kant, na Alemanha; e Isaac Newton e Locke, na Inglaterra. Entre os mais notáveis do período, segundo Aranha e Martins (1993), Kant afirmava que o homem iluminista havia alcançado a maioria e tornara-se dono de si, confiante em sua capacidade racional, e passaria a recusar toda autoridade arbitrária.

Por último, o Romantismo tinha as suas implicações com as artes, a filosofia e a política, e suas ideias estavam centradas no indivíduo e no nacionalismo. Entre os representantes do ideal romântico podemos citar os filósofos Gottlieb Fichte e Friedrich Schelling, na Alemanha, e o historiador Jules Michelet, na França. Este foi destaque do romantismo político na história.

Vale destacar que, em meio a algumas críticas, estes movimentos, notadamente o iluminismo, foram essenciais na fomentação de questionamentos para a Filosofia da História. A imagem a seguir apresenta, resumidamente, os fatores históricos narrados acima.

Quadro 1 – Fatores históricos



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

As filosofias da História florescem no século XVIII. No pensamento histórico setecentista nascem ideias como o devir material, a evolução das espécies e o progresso dos seres humanos. Neste contexto, são levados em conta os pensamentos de intelectuais como Kant e Hegel, na primeira metade do século XIX. Contudo, na segunda metade do século XIX, a visão de mundo suscita a intenção de descobrir um sentido para a História e sua cientificidade. Dessa forma, em oposição as especulações filosóficas, surgem as escolas, paradigmas e teóricos, envolvidos com a objetividade no domínio da História, como Von Ranke, Comte e Marx.

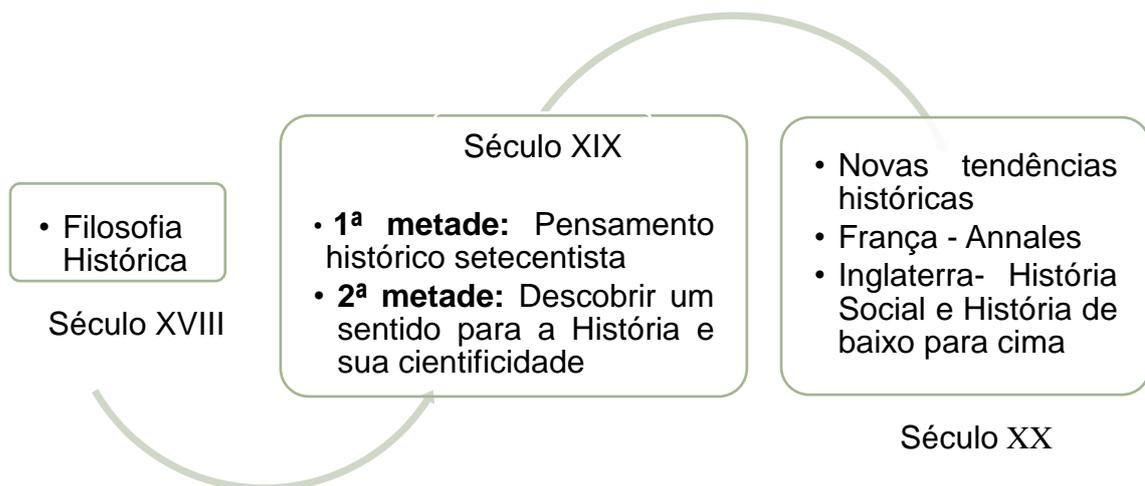
No século XX, surgem novas tendências na historiografia, notoriamente na França e na Inglaterra. Do lado francês, a Escola dos Annales foi fundada, em 1929, por Marc Bloch e Lucien Febvre, com o objetivo de agrupar em torno de si novos temas e novos objetos esquecidos pela História Tradicional. Do lado inglês, a Escola Marxista estava associada aos nomes de Hobsbawm, Hill e Thompson, cujo pensamento não estava em harmonia com a História Oficial, contudo, suas ocupações

estavam implicadas com o desenvolvimento do capitalismo, numa perspectiva marxista, com os valores, crenças e as formas de ação histórica com os setores populares.

Na França, a Escola dos Annales foi protagonista de uma revolução historiográfica no século XX, com o propósito de escrever uma nova história, totalizante, que ultrapassasse os limites da historiografia vigente, voltada à política e aos grandes acontecimentos. Para isso, apropriou-se de métodos e conceitos de outras disciplinas das Ciências Humanas como a Geografia, a Sociologia, a Psicologia, a Antropologia, entre outras.

Na Inglaterra, a produção intelectual do grupo de historiadores apontava para o estabelecimento das ideias da História Social e da História de Baixo para Cima, com o envolvimento dos movimentos populares, como fator importante e ativo do processo, valorizando a experiência das “pessoas comuns” e de todas as atividades humanas. Estes movimentos teóricos têm sido mote para as pesquisas dos núcleos de História da Educação dos programas de pós-graduação em educação, fomentando e enaltecendo a educação como recurso de investigação e transmissão, propagando os saberes da massa que saiu “do sótão ao porão”.

Quadro 2 – Processo histórico das pessoas comuns



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

A educação, no processo histórico, torna-se um importante instrumento de investigação e transmissão, porque ela transita em todas as ações dos sujeitos sociais, nas variadas dimensões da vida e nos múltiplos ambientes. Para Brandão (1995, p. 07), “ninguém escapa da educação. Em casa, na rua, na igreja ou na escola,

de um modo ou de muitos todos nós envolvemos pedaços da vida com ela: para aprender, para ensinar [...], para saber, para fazer, para ser ou para conviver.” Nessa lógica, Xavier, Fialho e Vasconcelos (2018, p. 123) afirmam que “a educação é uma prática social indispensável para o viver e evoluir positivamente em sociedade”. Ela é responsável por manter viva a memória de um povo e oferecer condições para a sua sobrevivência. (ARANHA, 1996).

As experiências e ações desses sujeitos sociais, vividas e transmitidas nos diversos contextos e variados ambientes, fomentam a História da Educação. Esta, como disciplina, surge no final do século XIX e passa a integrar às Ciências Humanas como a Sociologia, Psicologia e Filosofia, juntas dialogam para compreenderem o ser humano e, como campo de investigação, amplia o nosso universo como sujeitos históricos e contribui à formação integral pelo caminho da cultura das línguas, cultura científica e cultura histórica. Ela é pluridisciplinar com múltiplos temas e objetos de pesquisa como a história da criança, do ensino, da educação, da mulher, dos jovens, dentre outras. (BRASIL, 2006).

A História da Educação constitui-se em um importante meio para a manutenção de um povo, pois ela, segundo Brasil (2006, p. 67),

Remete à memória cultural, às questões de cultura e das práticas educativas que são engendradas no cotidiano de cada sociedade, pelo Estado, pelas instituições não oficiais, grupos de interesses não escolares, professores, estudantes e outros atores sociais.

Levando em conta a citação, os espaços de produção, implicados com a História da Educação, ampliaram-se consideravelmente, devido a implementação de grupos de pesquisa e associações de pesquisadores, a realização de congressos, publicação em periódicos especializados e pesquisas dos programas de pós-graduação.

Nesse sentido, a influência da Escola dos Annales e da Escola Inglesa e seus campos de estudos, notadamente a História Cultural, proposto pela primeira; a História Social e a História Vista de Baixo, propostos pela segunda; permeiam, em nossos dias, nos programas de pós-graduação em História e outros programas, que trazem em suas grades o estudo da História. É o caso do Núcleo de História e Memória da Educação (NHIME), do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Faculdade de Educação (FACED), da Universidade Federal do Ceará (UFC). O NHIME segue uma via educacional que contempla os mais diversos eixos

temáticos e passa a visitar espaços e atividades humanas atrelados às práticas educativas (digitais) e culturais, que podem ser pesquisados e transformados em objeto de estudo histórico-educacional.

Foi a partir de nossa percepção sobre os temas dos campos de estudo citados e o cotejamento com os trabalhos realizados pelo NHIME, que surgiram a definição do tema e a formulação do problema de pesquisa. Este surge de um espírito investigativo, ansioso por respostas da realidade questionada, buscando soluções ou mesmo a compreensão do fato a ser estudado. A escolha do problema, assim como o tema, sobrevém da experiência do pesquisador em seu ambiente de trabalho ou de suas curiosidades. (LIRA, 2014).

As curiosidades e indagações instigam a busca por respostas, para isso faz-se necessário a formulação de objetivos, na tentativa de solucionar o problema que motivou a pesquisa. A solução do problema requer a especificação de um objetivo geral, definido no início da Introdução, e de alguns objetivos específicos como suporte:

- 1) desvelar os objetos históricos estudados desde a Idade Média até o século XX;
- 2) descrever as escolas e paradigmas históricos;
- 3) apresentar e analisar os campos temáticos contidos nas dissertações e teses, ligados ao domínio da história das “pessoas comuns”.

As questões e objetivos que envolvem a história e a memória da educação com as escolas e paradigmas históricos foram indagados a partir de um debate, sobre a revolução historiográfica causada pela Escola dos Annales, realizado na sala do NHIME, lócus de produção das dissertações e teses analisadas, o mesmo lócus onde estudamos e pesquisamos, e também de onde surgiram a ideia e a inquietação de saber se as dissertações e teses sobre as “pessoas comuns”, produzidas pelo Núcleo, teriam sido influenciadas ou mostrariam uma certa relação com uma determinada escola ou paradigma. O olhar externo pode questionar os temas abordados, pelo fato de serem assuntos, em linhas gerais, fora dos padrões dos mais conservadores.

No entanto, após o início deste estudo, vimos no todo da produção algo que perpassa os muros do conservadorismo, da história dos grandes vultos e acontecimentos da História Oficial ditada de cima para baixo. Desse modo, iremos mostrar as histórias de “pessoas comuns”, pois elas são importantes e suas experiências e vivências acrescentam alguma coisa à sociedade. São histórias de “pessoas comuns”; histórias locais de sujeitos anônimos, desconhecidos ou pouco

conhecidos; histórias de capoeiristas que, com habilidade do besouro¹, ao som do berimbau, rodopiam, saltam e lutam contra o preconceito e a injustiça social (VASCONCELOS, 2009); são quilombolas que, consoante às práticas educativas e culturais empregadas ao seu povo, procuram disseminar a existência de traços ancestrais africanos, que ainda resistem, desde a escravidão (SUCUPIRA, 2015); são práticas educativas não-formais e informais de candomblecistas, no ritual de um terreiro de candomblé, que se unem aos fazeres religiosos para a construção de saberes, validados pela tradição oral e memória ancestral. (BARBOSA, 2018).

Entre outras pesquisas, encontramos histórias de mulheres educadoras ou não-educadoras, que de alguma forma se vinculam à educação, mesmo que na informalidade. Também temos histórias de crianças, jovens e idosos, narrativas de prostitutas, dentre outras. São histórias e sujeitos vistos pelo capital estético como feios, pelo capital econômico como improdutivos, pelo conceito do politicamente correto como marginais ou insubordinados, este é o olhar do Brasil Oficial, diferentemente do Brasil Real, onde as histórias apresentam a realidade como ela é, sem remodelação plástica, nem tapumes.

Essas categorias mostram o teor de sua importância para que os sujeitos envolvidos nos cursos de pós-graduação, vinculados à história e à memória da educação, tenham um conhecimento mais aprofundado e uma análise sistemática do que foram as escolas e paradigmas históricos, isto porque, quem se questiona acerca da função da História e do historiador não pode evitar a reflexão sobre tal ciência e os conceitos teórico-metodológicos das escolas e paradigmas históricos, visto que eles refletem a existência da própria História.

Na tessitura e na investigação da história das “pessoas comuns”, os recursos metodológicos são imprescindíveis. Entre eles encontram-se alguns totalmente adequados à construção histórica de pessoas consideradas inferiores, pois não existem, de modo geral, uma bibliografia sobre elas. Nesse caso, os pesquisadores ao construir a história de tais pessoas, precisam ouvir as suas narrativas, precisam entrevistá-las, precisam ouvi-las, ou seja, dependem da tradição oral.

¹ Manoel Henrique Pereira, capoeirista do início do séc. XX, que enfrentava a polícia e os poderosos da região próxima à cidade baiana de Santo Amaro. VASCONCELOS, José Gerardo. **Besouro cordão de ouro: o capoeira justiceiro**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

Vale ressaltar a escassez de trabalhos desta natureza, exceto por alguns identificados no google, que se utilizam analiticamente do conteúdo das dissertações e teses, mas não necessariamente investigam o mesmo objeto. Dentre eles, uma tese de doutorado intitulada “Pesquisa em leitura: um estudo dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995”, que descreve e analisa a trajetória da leitura no Brasil, com destaque para o ano de defesa, local de produção, gênero dos orientadores e orientados e foco temático (FERREIRA, 1999). Neste viés, encontramos uma dissertação nominada “Um estudo dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado: 45 anos de produção em leitura no Brasil (1965-2010)”, cujo objetivo foi inventariar a produção de pesquisas acadêmicas realizadas nos interiores dos programas de pós-graduação brasileiros, para entendê-las à luz da História Cultural (PENIDO, 2017).

As razões apresentadas compõem a justificativa desta pesquisa, que “consiste numa exposição sucinta, porém completa, das razões de ordem teórica e dos motivos de ordem prática que tornam importante a realização da pesquisa” (LAKATOS; MARCONI, 1991, p. 219). São os motivos dos sujeitos e suas histórias, apresentadas ao círculo acadêmico e não acadêmico, que farão com que sejam lembrados, e suas histórias lidas, relidas e reproduzidas.

Neste contexto, a fundamentação teórica é indispensável, ela oferece maior cientificidade ao estudo, através de resenhas feitas pelo pesquisador em busca de teorias sobre o assunto, aceitas pela comunidade científica, pertinentes à discussão do tema. (LIRA, 2014). Para isso, nos debruçamos sobre uma bibliografia que contém as teorias ligadas às escolas e aos paradigmas históricos, e sobre uma literatura composta de livros e artigos voltados à técnica e métodos.

Sem a teoria não há cientificidade histórica, nem reflexão sobre o pensamento histórico, a história seria apenas uma narrativa romanceada, sem versão científica, isenta de uma crítica racional. Na seara teórica, as obras, os conceitos e o pensamento dos autores, historiadores ou filósofos, têm uma importância fundamental na construção do trabalho científico. Desta feita, buscamos amparo teórico-metodológico nos historiadores Burke (1991, 1992), Dosse (1994), Barros (2013), Le Goff e Nora (1976), Cardoso e Vainfas (1997) e suas percepções sobre os conceitos de Annales, historiografia, mentalidades, memória, história das mulheres e história vista de baixo; nos autores Fazenda (2012), Xavier (2018), Zilberman e Silva (1988),

que trabalham o conceito de interdisciplinaridade, Monroe (1984) e Aranha (1996), estudiosos da história da educação, entre outros autores e conceitos.

A tipologia da pesquisa é exploratório-bibliográfica, com análise de fontes secundárias. Trata-se de um estudo pouco explorado que tem como escopo esclarecer alguns conceitos e relação entre eles. A abordagem da pesquisa é de cunho qualitativo, pois trata-se de uma pesquisa descritivo-interpretativa atribuída aos dados e informações observados, coletados, organizados e analisados. (LIRA, 2014). Em nosso caso, para realizarmos o que a citação descreve, iremos utilizar o procedimento técnico chamado Estado da Arte. Este procedimento vem sendo utilizado no Brasil desde a década de 1980, no entanto, de acordo com Ribeiro e Castro (2016), é pouco utilizado, pois as revisões constituídas como Estado da Arte produzidas no país, no início do século XXI, eram muito poucas, e seu uso ainda é considerado incipiente no campo da pesquisa brasileira, inclusive na área de pesquisa educacional.

O levantamento atualizado de pesquisas, através do recurso Estado da Arte, segundo Ferreira (2018), tem o caráter bibliográfico com o desafio de mapear e discutir uma temática sobre determinada produção acadêmica, entre os diversos campos do conhecimento, e a função de responder os aspectos, dimensões e condições ao se produzir determinadas dissertações de mestrado e teses de doutorado. Elas recebem o reconhecimento por desenvolverem metodologia de cunho inventariante e descritivo acerca da produção acadêmica sobre determinados temas.

Nesse rumo, nossa ideia é mapear, em primeiro momento, todas as teses e dissertações realizadas pelo NHIME, entre 2000 e 2018; em seguida apontar as categorias teóricas adotadas pelos autores, em cada pesquisa, a fim de encontrarmos um diálogo com a história das “pessoas comuns”. Esta tem a sua origem no passado, por isso propomos o uso do método de procedimento, o Histórico. Segundo Lakatos e Marconi (2003), consiste em investigar acontecimentos e processos do passado, a fim de verificar suas influências exercidas nos dias de hoje, podendo assegurar a percepção da continuidade e do entrelaçamento dos fenômenos e possibilitar a comparação dos elementos encontrados com suas origens históricas.

Quanto à técnica de análise, será baseada na Análise de Discurso, na perspectiva francesa, também conhecida como AD, que lida com a realidade crítico-social, diferente da análise de discurso na perspectiva inglesa, com atenção voltada para as regularidades textuais e funções de comunicação. Segundo Brasil (2011), a

análise de discurso tem um ponto de confluência entre a Linguística e as Ciências Sociais, onde aquela tem como fundamento a imanência da linguagem e estas afirmam a transparência da história. Assim, investigaremos a transparência de nossas histórias, abordadas nas dissertações e teses do NHIME, em busca de conceitos e categorias de análise que deem respaldo à nossa análise. São estes os métodos de abordagem e procedimentos técnicos que deram suporte ao caminho trilhado, em busca de respostas, consoante o objetivo traçado.

Ainda no campo metodológico, vale salientar os recursos metodológicos que compõem o universo digital, que podemos chamar de Metodologia Virtual. Este novo campo tecnológico possibilitou o feitiço do inventário de trabalhos científicos, a captação de cartazes e figuras nas redes sociais e o envio por WhatsApp e e-mail dos depoimentos de alunos e professores. Sem esses recursos seria impossível incrementar a pesquisa, devido ao isolamento social causado pela pandemia que toma conta do mundo, subtraindo vidas a todo instante.

Além dos depoimentos, testemunhos de vida relacionados com o Núcleo de História e Memória da Educação, foram anexados fotografias, figuras, cartazes de eventos e livros produzidos e organizados pelo NHIME. Tais relatos e figuras engrandecem a história do Núcleo, valoriza a relação com outras áreas do conhecimento e dá significado a produção de conhecimentos e sua divulgação. Eles partem de mestrandos e mestrandas, doutorandos e doutorandas, professores e professoras que continuam com suas atividades no Núcleo, e de mestres e mestras, doutores e doutoras, ex-professores e ex-professoras, que atuaram por um tempo, e hoje representam outras instituições ou se aposentaram.

De modo geral, elaboramos e dividimos o campo de desenvolvimento do trabalho em oito seções a contar da seção 1 – Introdução – na qual estão inseridos o problema, contextualização, objetivos, justificativa, referencial teórico, metodologia, prévia dos capítulos e prévia da conclusão.

Na seção 2 – História Cristã e Filosofia: da fé à racionalidade – estão as ideias da produção histórica dos autores medievos ao pensamento dos filósofos da História, passando pelos movimentos da Era da Razão. Esta seção se completa com 03 seções secundárias: 2.1 Campos de estudos históricos na Idade Média: santos, milagres, guerras e soberanos; 2.2 A era da razão: os movimentos da vida terrena e do humanismo; 2.3 As filosofias da História: o devir material e o progresso dos seres humanos.

A seção 3 – Teorização da História: o surgimento das escolas e paradigmas históricos – expõe a importância das teorias históricas e características das principais escolas e paradigmas históricos. Nela, se encontram 03 subseções: 3.1 Escola Histórica Alemã: uma historiografia política, narrativa e não-problematizada; 3.2 Escola Metódica: ciência positiva, objetividade e nenhuma subjetividade; 3.3 Os paradigmas históricos: historicismo, positivismo e materialismo histórico.

A seção 4 – Tendências historiográficas do século XX: voz e vez dos excluídos – arrola as novas buscas dos historiadores franceses e ingleses, dentro de um novo panorama sociocultural, contemplando principalmente as “massas inferiores”. Na seção estão inseridas 02 seções secundárias e 07 terciárias: 4.1 Escola dos Annales: um olhar sobre novas abordagens, novos temas e objetos – descreve a origem dos Annales e seu histórico, os seus principais fundadores e membros colaboradores da escola; 4.1.1 Primeira geração: os fundadores da revista Annales, discorre sobre o início da revista, dos primeiros membros e das principais propostas do período; 4.1.2 Segunda geração: a Era Braudel, exhibe a composição de teóricos da geração e os principais campos de investigação; 4.1.3 Terceira geração: Le Goff e Nora, também elenca os principais teóricos e os campos temáticos propostos; 4.1.4 Historiografia e Interdisciplinaridade: características básicas dos Annales, conceitua os termos historiografia e interdisciplinaridade e revela a importância das duas categorias para o crescimento da escola; 4.1.5 Novos campos da História propostos pelos Annales; 4.2 Escola Inglesa: a renovação dos estudos culturais; 4.2.1 História Social: a inscrição de todos os tipos de abordagem; 4.2.2 História vista de baixo: a investigação de todas as atividades humanas.

Na seção 5 – Núcleo de História e Memória da Educação: memórias individual e coletiva – comenta-se a história do NHIME, desde a sua origem até aos dias atuais, e elenca os campos temáticos.

A seção 6 – Coleta de dados e geração de informações – apresenta o link onde o material foi coletado, a relação das comunidades do repositório e uma descrição detalhada da comunidade FACED, portadora das dissertações e teses analisadas, além de tabelas com os números do material coletado.

Na seção 7 – Resultados e discussão – são mostrados os números, a descrição de cada trabalho correlacionado com a história das “pessoas comuns” e a análise sobre a importância de mergulhar neste contexto histórico.

Na seção 8 – Considerações Finais – há a exposição da síntese e da conclusão do estudo, a partir das informações, dados, análise e discussão, e por fim, as referências, o apêndice A, contendo a relação de dissertações, títulos e links de acesso, e o apêndice B, com a relação de teses, títulos e links de acesso.

A respeito da conclusão do estudo, podemos apontar o período do século XIX e a teorização da História como o momento inicial da necessidade dos historiadores de buscarem novos temas e novas fontes, que os levaram à investigação dos modos e costumes das pessoas alijadas da riqueza, do poder e da nobreza. A classe operária, objeto de estudo de Marx, parece ser a primeira evidência de estudo sobre uma categoria de “pessoas comuns”. O estudo avança no século XX, com o aumento de novas categorias, a partir da nova história dos Annales e da valorização dos aspectos sociais e culturais dos marxistas ingleses.

Com a valorização das experiências e vivências das pessoas comuns, novas categorias de indivíduos passaram a ser objeto de estudo histórico como as mulheres, as crianças, os negros, os loucos, os homossexuais, os parricidas e tantos outros. Neste processo de construção histórica, a tradição oral predomina no trabalho de pesquisa, onde a narrativa tem papel imprescindível na obtenção de dados.

2 HISTÓRIA CRISTÃ E FILOSOFIA DA HISTÓRIA: DA FÉ À RACIONALIDADE

A História tomou diversos rumos e diferentes discursos, ao longo dos séculos, gerando muitas indagações e alterações no procedimento e no decorrer de sua trajetória. A produção histórica dos cronistas medievais estava atrelada à história cristã, que tinha como objetos o devir humano e o conhecimento, subordinados à fé e à vontade de Deus. Contudo, esta ideia de mundo fora superada pelos conceitos de razão, devir material e progresso da humanidade, defendidos pelos movimentos intelectuais e pelas filosofias da história.

2.1 Campos de estudos históricos na Idade Média: santos, milagres, guerras e soberanos

Há uma enorme variedade de obras históricas desde os primeiros séculos da Idade Média. Neste período, segundo Bourdê e Martin (1983), observa-se uma superabundância da produção hagiográfica de santos, de relatos de milagres, de movimento de relíquias e listas episcopais. À época, podemos lembrar dois filósofos cristãos: Santo Agostinho e S. Tomás de Aquino.

Santo Agostinho nasceu no ano de 354, numa cidade da Argélia, chamada Tagasta. Foi o principal nome da Patrística, também conhecida como a Filosofia dos Padres da Igreja, considerada a base filosófica da doutrina cristã, nos primeiros séculos, quando a Igreja se firma como instituição.

S. Tomás, que bebeu na fonte agostiniana, nasceu em 1225, numa comuna italiana chamada Roccasecca. Foi o principal nome da Escolástica (sécs. IX – XVII), também influenciada pelo pensamento agostiniano, no seu primeiro período. Sua principal característica está na tentativa de conciliar os dogmas da fé cristã e as verdades reveladas nas sagradas escrituras com as doutrinas filosóficas clássicas.

Em Santo Agostinho, são variados os assuntos que apaixonam e torturam o espírito do homem, sobretudo a origem, o pecado, a culpa, a morte, o bem e o mal, o ser, o conhecer e o agir. Para ele, são providenciais o sentido da história e todos os acontecimentos históricos. (AGOSTINHO, 1996).

Já em S. Tomás de Aquino, o brilho da razão pelo qual os princípios nos são conhecidos, foi posto em nós por Deus, por esse motivo todo conhecimento humano não pode ter eficácia, senão pela virtude daquele brilho. (AQUINO, 2000).

Desta forma, a historiografia clerical se preocupa com os feitos de Deus e dos seus servos, enquanto outros gêneros como os anais e as crônicas relatam os acontecimentos políticos e militares, sobretudo as guerras e biografias que narram a vida de soberanos. Como pode ser visto, o relato histórico dos grandes homens e soberanos vencem as especificidades das “pessoas comuns”, a indagação dos desígnios divinos sobrepõe a investigação das razões humanas, os aspectos morais e espirituais superam as vivências.

Até o século XII, segundo Bourdê e Martin (1983), o gênero hagiográfico exerce um grande peso sobre o gênero historiográfico, porém, a partir deste, acontece o nascimento de uma consciência histórica, nascendo assim uma nova visão da história, essencialmente francesa.

Mas o que é Consciência histórica? Para Rüsen (2001), são processos mentais genéricos e elementares implicados na interpretação que os homens fazem do mundo e de si mesmos. Ela instaura-se a partir da carência humana de orientação do agir e do sofrer os efeitos da ação do tempo. Já para Mauad e Grinberg (2010), a consciência histórica orienta a maneira de como explicar a história. Por exemplo, existem aqueles que acreditam na providência divina como explicação para a história e os que creem na ação do homem para as transformações sociais.

A atenção dos autores medievos se volta às obras e aos atos da humanidade, ainda sob a proteção da Providência, averiguados, quase sempre, por clérigos preocupados com a história. A concepção providencialista da história humana, cuja intervenção divina modifica constantemente o seu curso, perpassou a Idade Média e dominou parte da Idade Moderna, com temas como a história universal, religião, calamidades, guerras, soberanos e grandes feitos.

Na Europa, durante a Idade Média, predominava a História da Providência Divina, por causa da rigorosa tradição cristã, daí a compreensão do mundo deriva das explicações baseadas nas doutrinas da Igreja Católica. Entretanto, podemos recordar dois movimentos intelectuais que se contrapunham aos valores católicos cultivados na Idade Média: Renascimento (séculos XIV-XVI) e Iluminismo (séculos XVII-XVIII). Com estas ideias, o homem passou a se guiar pela observação e não mais pela inspiração divina.

2.2 A Era da Razão: os movimentos da vida terrena e do humanismo

O Renascimento (sécs. XIV-XVI) estabelece a ruptura definitiva entre a Idade Média e a Idade da Razão. Ele foi um movimento de renovação cultural e artística que se caracterizou pela retomada de temas, técnicas e ideais da antiguidade greco-romana, e teve como um dos principais nomes, implicados com a História, o filósofo italiano de Florença, Nicolau Maquiavel (1469-1527). À época, podemos lembrar Leonardo da Vinci e Michelangelo nas artes plásticas, Nicolau Copérnico e Galileu Galilei nas ciências.

Neste período renascentista, destacamos o desenvolvimento do humanismo, uma filosofia moral que coloca o homem no centro do mundo e valoriza os estudos sobre a vida terrena, as instituições e a organização das cidades. Na perspectiva humanista, de acordo com Mauad e Grinberg (2010), os homens eram os verdadeiros sujeitos do conhecimento, cujo método se dava pela observação e não mais pela inspiração divina. A concepção humanista de história ancorava os estudos históricos, onde a ação do homem era o objeto de estudo. Já para Strathern (2000), tudo seria transformado por esse renascimento do conhecimento antigo e, conseqüentemente, a maneira de ver o mundo.

O segundo destaque é o Iluminismo, um movimento intelectual e filosófico presente na Europa, no final do século XVII, com maior predominância no séc. XVIII, sobretudo na França, Alemanha e Grã-Bretanha. Envolvidos com o iluminismo francês podemos lembrar Voltaire, Montesquieu e Jean-Jacques Rousseau; no alemão, Immanuel Kant; e no inglês, Isaac Newton e John Locke. Este movimento se caracteriza pela autonomia e pela defesa da ciência e da racionalidade, em oposição à fé, à superstição e ao dogma religioso. Desta maneira, de acordo com Mauad e Grinberg (2010), o progresso da vida se pauta pela razão, esta é considerada o instrumento de aperfeiçoamento constante do homem, em todas as suas atividades, porém, sob os preceitos científicos.

No período que compreende o final do século XVIII e parte do século XIX, podemos ressaltar um terceiro movimento implicado com as artes, a filosofia e a política, trata-se do Romantismo, que se caracteriza, nas palavras de Linhares e Queiroz (2016), pela visão de mundo centrada no indivíduo e no nacionalismo voltado para a consolidação dos Estados nacionais europeus. Este é um movimento saudosista, composto de autores patriotas, conservadores, românticos e ávidos por um passado pré-capitalista, pelo antiquário e pelo resgate dos costumes e da cultura popular.

O ideal romântico, ressaltam Mauad e Grinberg (2010), se opõe ao racionalismo iluminista ao enaltecer a imaginação, a intuição, a espontaneidade e a paixão, através de seus principais representantes, sobretudo na Alemanha com os filósofos idealistas pós-kantianos Johann Gottlieb Fichte e Friedrich Schelling, e fora dela com o filósofo e historiador francês Jules Michelet.

2.3 As filosofias da história: o devir material e o progresso dos seres humanos

Na parte final do século XVIII e primeira metade do século XIX, predominam as filosofias da História, através do pensamento francês (Voltaire e Condorcet) e alemão (Kant e Hegel). A expressão Filosofia da História foi cunhada por Voltaire, no século XVIII, que a compreendia como história crítica ou científica, enquanto Hegel e outros autores a consideravam como a História Universal.

As filosofias da História, na visão de Bourdieu e Martin (1983), são uma nova maneira de refletir sobre a História, cujas discussões principais são o devir material, a evolução das espécies e o progresso dos seres humanos. São ideias oriundas, talvez, de um contexto de incertezas, onde as mudanças sofridas na Europa, o processo de industrialização e urbanização, a transitoriedade gerada pelo acúmulo de informações sobre mundos diferentes, a instabilidade dos acontecimentos mostram uma etapa para um futuro ainda a ser obtido e construído. (MAUAD; GRINBERG, 2010). Estas preocupações têm o caráter universal, cuja reflexão histórica tem a ver com o processo vivido ou a ser vivido pelos Homens em geral. O Homem neste contexto significa a espécie e não o indivíduo, nem as suas especificidades, experiências e vivências.

A respeito das filosofias da História, há em Barros (2013) um comentário de caráter crítico, que situa as filosofias da História em Kant, Hegel e Voltaire, como realizações pessoais desses autores e não espaços coletivos de reflexão que passaram a pertencer a amplos setores da comunidade de historiadores com as teorias da história, ou seja,

Com a consolidação da concepção de conhecimento histórico como conhecimento científico, muitos historiadores deixaram de buscar explicações globais e passaram a preocupar-se com a pesquisa histórica em si, com explicações parciais, provisórias e objetivas. (MAUAD; GRINBERG, 2010, p. 12).

A Filosofia da História é uma maneira de refletir sobre a história, tal como a Teoria da História. Aquela diz que a história existe e faz sentido, por isso merece ser estudada. Esta parte do pressuposto de que a história pode ser conhecida e compreendida quanto às suas especificidades e constituição: subjetivo ou objetivo, científico ou poético.

No século XIX a história se emancipa da filosofia e se apegua à ciência. A orientação racionalista e metafísica é substituída pela positiva. (REIS, 1996). Assim, o espírito positivo, predominante entre os historiadores, inicia uma luta contra a Filosofia da História. Neste contexto, o método histórico torna-se guia e modelo para outras ciências humanas. Daí nasce uma nova consciência histórica com ênfase nas diferenças humanas no tempo.

3 TEORIZAÇÃO DA HISTÓRIA: O SURGIMENTO DAS ESCOLAS E PARADIGMAS HISTÓRICOS

Historicamente, o ser humano busca sentidos na sua existência, nos objetos do mundo e na história. Esta abrange as operações elementares e gerais da consciência histórica humana (RÜSEN, 2001), instaurada a partir da carência de orientação do agir, que leva a constituição da Ciência da História, ao domínio do passado e à constituição de um elemento histórico que podemos chamar de Teoria da História.

As teorias da História passam a vigorar no século XIX, é o momento em que a historiografia reivindica um estatuto de cientificidade. Mas, o que é teoria? É uma visão de mundo. (BARROS, 2013). É através dela que os estudiosos enxergam a realidade ou os objetos de estudo, de qualquer campo de conhecimento ou de atuação. Neste caso, a teoria é um modo de apreender o mundo. Ela corrobora, como campo de estudos, à compreensão da realidade e, ao mesmo tempo, proporciona uma reflexão sobre a natureza do conhecimento histórico. (MAUAD; GRINBERG, 2010). Assim, a Teoria da História pode ser considerada um corpo de explicações que define o objeto que se estuda, ou seja, o campo da realidade que o historiador aborda, que vale à reflexão sobre a natureza do histórico.

A teoria remete às correntes de pensamento ou teóricas, às escolas históricas ou historiográficas, aos paradigmas, aos conceitos e categorias. Para dirimir as dúvidas respeitantes a estas vertentes, Barros (2010) argumenta que uma “escola” pode ser entendida como uma corrente de pensamento, quando ocorre um programa formado por um número significativo de praticantes em volta de uma determinada atividade ou produção de um determinado tipo de conhecimento, através do método, de uma perspectiva teórica, de um paradigma historiográfico e de uma determinada maneira de entender a História.

3.1 Escola Histórica Alemã: uma historiografia política, narrativa e não-problematizada

Na passagem do século XVIII para o séc. XIX, momento em que a historiografia começa a se apresentar como científica, se constitui a Escola Histórica Alemã. Isto se deve muito a Leopold Von Ranke que, em meados do século XIX,

lançou algumas teses sobre o cientificismo da história, em contradição ao caráter especulativo, subjetivo e moralizador das filosofias da história. Os seus estudos apontam características objetivas, positivas e científicas para as investigações históricas, baseadas em regras dispostas da seguinte forma:

1ª. regra: incumbe ao historiador não “julgar o passado nem instruir os seus contemporâneos mas simplesmente dar conta do que realmente se passou”; 2ª. regra: não há nenhuma interdependência entre o sujeito conhecedor – o historiador – e o objeto do conhecimento – o fato histórico. Por hipótese, o historiador escapa a qualquer condicionamento social, o que lhe permita ser imparcial na percepção dos acontecimentos; 3ª. regra: a história – o conjunto das *res gestae* – existe em si objetivamente; tem mesmo uma dada forma, uma estrutura definida, que é diretamente acessível ao conhecimento; 4ª. regra: a relação cognitiva é conforme a um modelo mecanicista. O historiador regista o fato histórico, de maneira passiva, como o aparelho fotográfico fixa o aspecto de uma cena ou de uma paisagem; 5ª. regra: a tarefa do historiador consiste em reunir um número suficiente de dados, assente em documentos seguros; a partir destes fatos, por si só, o registo histórico organiza-se e deixa-se interpretar. (BOURDÉ; MARTIN, 1983, p. 114).

O pensamento de Von Ranke, através de seus postulados teóricos, impõe condições e condicionamentos à postura do historiador, em relação aos seus juízos, à sua aproximação com o objeto ou o fato histórico. Tais argumentos dialogam com o desdobramento da historiografia, que caminha para a sua cientificidade e metodologia específica de trabalho.

Assim, a Escola Histórica Alemã encaixa-se, perfeitamente, às exigências da nova historiografia, pois a sua visão histórica se alicerça em uma rigorosa crítica das fontes, vistas como evidências deixadas pelos seres humanos. Por isso, ela tem como maior característica a crítica documental. Nesta perspectiva, a Escola Alemã encaminhou um novo paradigma historiográfico, conhecido como Historicismo, promoveu a consolidação do historiador como um tipo específico de profissional e intelectual, e se apropriou do cargo da pesquisa historiográfica.

No cenário historicista, o homem é o tema predominante? Na visão da Escola Alemã, o homem é visto como um ser em movimento e em processo de diferenciação, no entanto, ela encaminha-se por uma historiografia política, narrativa e não problematizada, porque os historicistas, segundo Reis (1996), não desejam mais conhecer os segredos do devir humano, aí substituem as questões sobre o ser da história, pelas questões das condições de possibilidade do conhecimento histórico. Esta mudança de pensamento, foi motivo de duras críticas, sobretudo pelas escolas históricas do séc. XX.

Um dos principais nomes da Escola Alemã foi o historiador alemão Leopold Von Ranke (1795-1886), que ao lado de, Barthold Georg Niebuhr, também historiador alemão, são os maiores representantes da mudança na produção histórica. Porém, Ranke é considerado a maior expressão da História científica (REIS, 1996). O seu interesse estava voltado para a originalidade de um povo, de um indivíduo, para a psicologia individual dos grandes homens políticos e para a nobreza alemã. A vertente rankeana do historicismo alemão influenciou a Escola Metódica, constituída na França, nas últimas décadas do século XIX.

3.2 Escola Metódica: ciência positiva, objetividade e nenhuma subjetividade

A Alemanha foi o primeiro país responsável pelo desenvolvimento do “espírito positivo”, esboçado nos seminários universitários. A França foi o segundo, através da Revista Histórica (1876), que tinha como características a neutralidade e a imparcialidade, devota à ciência positiva e fechada às teorias políticas e filosóficas, a favor da República e contra a Igreja Católica (REIS, 1996). Fundada por Gabriel Monod e Gustav Fagniez e contribuição de Ernest Lavisse, Charles Victor Langlois e Charles Seignobos. Os dois últimos lançaram, em 1898, um manual de regras aplicáveis aos estudos históricos e ao ofício dos historiadores, que passou a ser um guia do método histórico positivista alemão na França.

O principal objetivo da Escola Metódica, expresso na Revista, foi a imposição da investigação científica, para afastar qualquer especulação filosófica, visando a objetividade absoluta no domínio da História, através da aplicação de técnicas rigorosas, inclinada à ciência positiva, tocante às fontes e à crítica de documentos. (BOURDÉ; MARTIN, 1983). A ideia inicial recaí sobre as investigações originais sobre as diversas partes da História e fornecimento de informações exatas sobre os estudos históricos nos países estrangeiros, sobretudo na França.

Para os metódicos, os documentos têm um valor absoluto e imprescindível para as investigações. Na visão deles, os documentos precisam ser, necessariamente, escritos como as cartas, correspondências, decretos e manuscritos diversos. Os documentos não escritos como os locais e monumentos, as estruturas sociais, as organizações e a oralidade não têm valor documental histórico. (BOURDÉ; MARTIN, 1983).

A valorização de documentos escritos e o uso restrito na investigação histórica, de certa forma, põe de lado a pesquisa sobre as 'pessoas comuns' que, de modo geral, não têm uma história escrita. Suas histórias não estão nas bibliotecas, nos museus ou arquivos das universidades, elas estão na memória individual ou coletiva, passadas pela oralidade, um procedimento não aceito pela rigorosa metodologia metódica.

As escolas históricas podem sintonizarem-se com os paradigmas, como os paradigmas podem interagir com as escolas. A Escola Alemã, por exemplo, reunia historiadores alemães ligados ao paradigma historicista e a Escola Metódica vinculada aos paradigmas historicista e positivista.

3.3 Os paradigmas históricos: historicismo, positivismo e materialismo histórico

Os paradigmas históricos: Historicismo, Positivismo e Materialismo Histórico apresentam uma relação estreita com a dimensão teórica do conhecimento histórico e possibilita a compreensão do contexto histórico das escolas históricas supracitadas, numa Europa oitocentista agraciada por um grande desenvolvimento do estudo da História e valorização dos aspectos históricos, sobretudo com o surgimento dos primeiros cursos de História nas universidades, que discorriam sobre a História Universal, a reflexão sobre o ofício do historiador e do processo histórico como um todo.

Para Reis (1996), no século XIX a História emancipa-se da filosofia e se apega à ciência. A orientação racionalista e metafísica é substituída pela positiva. Assim, o espírito positivo, predominante entre os historiadores, inicia uma luta contra a Filosofia da História. O método histórico torna-se guia e modelo para outras ciências humanas, enquanto os historiadores adquirem prestígio intelectual e social. Daí nasce uma nova consciência histórica com ênfase nas diferenças humanas no tempo, e não mais na abordagem sobre a universalidade humana.

No Historicismo, temos como principal representante o historiador alemão Leopold Von Ranke, assim como o é da Escola Alemã, responsável pelo encaminhamento deste paradigma histórico, cuja visão histórica está sustentada no desenvolvimento, não o desenvolvimento material, mas sobre o aperfeiçoamento direcionado a uma meta conhecida.

No Positivismo, temos como um dos fundadores e um dos maiores representantes o filósofo francês August Comte, formulador da doutrina positivista. Segundo Linhares e Queiroz (2016), buscava-se entre os objetivos positivistas a neutralidade ante as análises sociais no campo da História, e a regularidade das ações humanas, baseada nos métodos científicos difundidos pelas Ciências Naturais, com a certeza do progresso e constante desenvolvimento, além do aperfeiçoamento da humanidade.

Entre o Historicismo e o Positivismo existem alguns contrapontos apontados em Mauad e Grinberg (2010). O primeiro tem como principal meta o sentido que se inscreve nas ações humanas, enquanto o segundo mira-se na possibilidade de conhecer os fatos históricos, sobretudo os fatos regulares e repetíveis. Para o Historicismo, o sujeito é parte integrante do processo de conhecimento, cuja história transforma-se a partir da percepção subjetiva do desenvolvimento de uma ideia. Para o Positivismo, o conhecimento não está no sujeito, mas nos objetos com regularidades constatadas, neste caso, a subjetividade se apaga. Na opinião de Barros (2010), o Historicismo e o Positivismo marcam caminhos distintos, onde o particularismo histórico historicista logo se oporá ao universalismo positivista. Porque aquele defende o conceito do homem concreto, particular, histórico e sujeito à finitude.

No Materialismo Histórico, temos como elaboradores dos princípios da concepção materialista da História os filósofos alemães Karl Marx e Friedrich Engels. Marx estudou no Liceu de Tréveris, cidade alemã onde nasceu, depois nas universidades de Bona e Berlin. Ainda jovem bebe na filosofia de Hegel e concebe manuscritos sobre Economia, Política e Filosofia. Entre os anos de 1844 e 1850 reside em Paris, Bruxelas e Londres. A partir de 1851 muda-se em definitivo para Londres, onde conta com o auxílio financeiro de Engels e a venda de artigos para os grandes jornais, além da participação na fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores.

Ainda sobre Marx, ele foi redator-chefe de um jornal alemão chamado Gazeta Renana, cuja experiência jornalística aproximou-o da realidade cotidiana, adquirindo conhecimento sobre questões econômicas atreladas aos conflitos sociais, levando-o aos campos da Economia, da Política e das Teorias Socialistas. (MARX, 2013). Assim, determinadas ideias de Marx resumem-se nos princípios do Materialismo Histórico, e, em alguns conceitos como “as forças produtivas”,

caracterizadas pelos elementos materiais e humanos; e “as relações de produção”, que se estabelecem entre os homens, quando produzem e dividem os bens e serviços.

Para Bourdê e Martin (1983), os conceitos citados constituem a infraestrutura econômica de uma sociedade. A partir desta base concreta infraestrutural, constitui-se uma superestrutura política e jurídica, implicada com a consciência social, cujas manifestações são qualificadas de formas ideológicas. Dessa forma, a ação e a consciência mantêm uma estreita ligação. Os indivíduos somente compreendem o desenvolvimento, quando de sua participação no processo de mudança, enquanto objetos ativos da história.

Este paradigma remete aos bens materiais, implicados aos seres humanos ao longo da vida e suas formas de produção. Nas palavras de Linhares e Queiroz (2016), a proposta materialista se organiza em torno da possibilidade de construir uma escrita da História que contribuísse para o desenvolvimento humano e para a transformação social. A história e as mudanças na vida humana são impulsionadas pela vida material, cujas transformações partem das condições objetivas e concretas, pelas quais os homens em sociedade reproduzem a sua existência. Vale lembrar que os agentes desta história são indivíduos e grupos de indivíduos que podem ser definidos como classes sociais que, historicamente, se confrontam por meio de lutas concretas.

O impacto do Materialismo Histórico foi grande em várias áreas do conhecimento. No campo político, inspirou e expandiu os movimentos sociais e revolucionários, que provocaram certas transformações na cultura política e tornaram os direitos sociais um objeto das reivindicações políticas. No campo social, os pressupostos são reais como são reais os indivíduos e suas ações e condições de vida. (MAUAD; GRINBERG, 2016). A percepção e criticidade materialista-históricas sobre as classes sociais, que formam as sociedades, são evidências da preocupação sobre as “pessoas comuns”, no que diz respeito à escravidão, ao camponês, ao proletariado, ao trabalhador em geral, à exploração do trabalho e às desigualdades sociais e econômicas.

O Materialismo Histórico é uma forma específica de pensar a História ou de construção do conhecimento histórico, implicada com as lutas de classes, com os problemas vividos e com o envolvimento de sujeitos sociais aliados, até então, por outros pensamentos históricos e outras concepções teóricas. É nesta perspectiva da possibilidade de resgatar historicamente os excluídos e torná-los objetos de estudo

da História que surgem, no século XX, novas tendências nas historiografias francesa e inglesa.

4 AS TENDÊNCIAS HISTORIOGRÁFICAS DO SÉCULO XX: VOZ E VEZ DOS EXCLUÍDOS

No século XX surgem novas tendências nas historiografias francesa e inglesa. De um lado, a Escola dos Annales empenhou-se em conseguir uma nova escrita para a História, através da investigação de todas as vivências e experiências dos indivíduos dentro de uma determinada sociedade. Nesta intenção, relacionou-se com outras disciplinas das Ciências Sociais como a Sociologia, a Antropologia e outras, visando o aumento de fontes, de novos temas e objetos de estudo. De outro lado, a Escola Histórica Inglesa dedicou-se ao resgate dos excluídos do processo histórico e à possibilidade de participação dos movimentos populares nas lutas pelas conquistas materiais e culturais, na perspectiva marxista, contra as classes dominantes.

4.1 Escola dos Annales: o olhar sobre novas abordagens, novos temas e objetos

Em oposição ao pensamento positivista da Escola Metódica, ergue-se uma nova tendência da historiografia francesa, por intermédio da Revista Annales, fundada em 1929, por Lucien Febvre e Marc Bloch. Baseados nas orientações destes, Bourdieu e Martin (1983, p. 119) argumentam que,

A corrente inovadora despreza o acontecimento e insiste na longa duração; deriva a sua atenção da vida política para a atividade econômica, a organização social e a psicologia coletiva; esforça-se para aproximar a história das outras ciências humanas.

Com estes argumentos, eles objetivavam agrupar em torno de si, novos temas, novas abordagens, novos objetos e expressões do passado, temáticas esquecidas ou sem passado para a convencional. Esta nova escrita da História viria a causar rupturas e uma enorme influência àquele período, extensiva aos tempos atuais.

É pertinente lembrar que o pensamento de mudança da história fora intensa no séc. XVIII, quando alguns grupos, em diferentes países europeus, se manifestaram em oposição à história do período, como descreve Peter Burke:

Por volta de meados do séc. XVIII, um certo número de escritores e intelectuais, na Escócia, França, Itália, Alemanha e em outros países, começou a preocupar-se com o que denominava a “história da sociedade”.

Uma história que não se limitava a guerras e à política, mas preocupava-se com as leis e o comércio, a moral e os “costumes”. (BURKE, 1991, p. 11).

Vê-se que a preocupação por uma história mais totalizante rompera no século XVIII, com atuação mais encorpada nas últimas décadas do século XIX. À época, havia muitas críticas à História denominada tradicional, linear e factual, direcionada, prioritariamente, à política, aos grandes acontecimentos e vultos. Em consequência disso, havia muitos rumores e inquietações acerca de uma nova história, cujo movimento suscitou várias tentativas de reescrever a historiografia.

Os novos olhares, no século XIX, sobre novas abordagens da história, são vistos em Burke (1991), apontados nas tentativas de Jules Michelet, filósofo e historiador francês, defensor das classes subalternas, dos pequenos e simples, em geral, do povo; de Jacob Burckhardt, historiador suíço, dotado de uma visão ampla, que dirigiu seus estudos para além do Estado e da Religião, alcançando a cultura e a história da arte; de Fustel de Coulanges, historiador francês, dedicado mais à história da religião, da família, da moralidade à história dos eventos e da política; e por último Gustav Schomoller, economista alemão, um dos fundadores da Escola Histórica Alemã e grande opositor da história política.

Entretanto, as tentativas de uma nova escrita se efetivaram na França, nas primeiras décadas do século XX. O país francês não era um dos favoritos para ser o berço de uma nova história, visto que em outros países, sobretudo na Alemanha, existiam mais condições para tal. (BURKE, 1991). O autor atribui este fato à sensibilidade do povo francês aguçada após a revolução, ao surgimento da historiografia romântica e à obra histórica sobre a revolução de Jules Michelet. Contudo, foi na França que começou a ser implementada uma nova historiografia, a partir da insatisfação de Marc Bloch e Lucien Febvre, desde as décadas de 1910 e 1920, com a história política, que reduzia as situações históricas aos grandes homens, países e eventos, ignorando outras posições coletivas ou individuais, especialmente das minorias.

A Revista *Annales* foi oficialmente constituída como *Anais da História Econômica e Social* por Febvre e Bloch, professores de Estrasburgo, historiadores franceses e editores da Revista, que se preocupavam com o estudo de novas abordagens e com a interdisciplinaridade, isto é, a aproximação das ciências vizinhas como a Geografia, Economia, Sociologia, entre outras. Isto se deu num período de grande dificuldade para o mundo devido à crise de 1929, a mais longa recessão

econômica iniciada nos Estados Unidos, também chamada de A Grande Depressão. Esta atingiu vários países da Europa e despertou os estudos acerca da economia do momento, registrados pelos anais econômicos, transformando-se, posteriormente, em periódicos acadêmicos.

Ano após ano, os *Annales* ou Escola dos *Annales*, ganhou corpo, assumindo o epicentro de uma escola histórica, cujas preocupações estavam voltadas para os problemas e interdisciplinaridade. (BURKE, 1991). Na perspectiva da história-problema, os *Annales* se contrapõem à história factual, primada no séc. XIX, como científica, positivista e positivada; à história linear e profetizante, com princípio, meio e fim.

Para os *Annales*, a história é uma reflexão sobre um fato, ela parte de algo ou de um fato simples que é levado a vários objetos do mundo, porque a história como as ações do homem são um objeto inacabado e dinâmico que provoca vários estudos a respeito do algo ou do fato. Nessa lógica, a história-problema elastece as reflexões e interpretações, ou seja, tudo pode ser abordado de diferentes maneiras, arrolando a interdisciplinaridade entre os saberes, característica maior dos *Annales*. É racional dizer que os *Annales* com a história-problema provocaram uma grande ruptura com a história tradicional elevando o número de objetos de pesquisa e, conseqüentemente, ampliando as fontes, que foram além da história oficial ditada pelos governantes.

A Escola dos *Annales*, com a nova historiografia, determinou um novo rumo para a história. A busca por uma história abrangente e totalizante abriu um leque de possibilidades de se fazer história, graças a união com outras disciplinas das Ciências Humanas, suas teorias e seus métodos. Este processo levaria a diversificação do fazer historiográfico e, levaria também, à chamada História Nova.

Os responsáveis pela História Nova pertencem ao núcleo central dos *Annales*, formado por Lucien Febvre, Marc Bloch, Fernand Braudel, Georges Duby, Jacques Le Goff e Emmanuel Le Roy Ladurie, e em torno desse núcleo estão Ernest Labrousse, Pierre Vilar, Maurice Agulhon e Michel Vovelle, e um pouco além desse limite estão Roland Mousnier e Michel Foucault. Esses estudiosos promoveram uma nova história, e seus estudos continuam inspirando inovação. Os *Annales*, nesta perspectiva, tencionavam substituir a tradicional narrativa de acontecimentos por uma história-problema, contemplando todas as atividades humanas e não apenas a história política. (BURKE, 1991).

Estas ações caracterizaram uma nova historiografia, com a indispensável ajuda da interdisciplinaridade, desenvolvida ao longo de três gerações. Na primeira fase o movimento travou uma verdadeira oposição à história tradicional, política e dos eventos. Na segunda fase, dirigida por Fernand Braudel, caracterizou-se por apresentar conceitos diferentes acerca das estruturas, conjecturas e novos métodos, no que tange à História Serial. E, por último, na terceira fase, o destaque foi a fragmentação.

4.1.1 Primeira geração: os fundadores da revista *Annales*

A Escola dos Annales, a priori, foi dividida em três gerações. A primeira geração foi formada por Lucien Febvre e Marc Bloch, ambos professores da Universidade de Estrasburgo, onde se conheceram em 1920. O primeiro, especialista no século XVI, nasceu em 1878, formado em Nancy, depois em Paris na Escola Normal Superior e na Sorbonne. O segundo, medievalista, nasceu em 1886, em Lyon, foi aluno da Escola Normal Superior, da Sorbonne e das universidades de Leipzig e de Berlin. Foi professor, em seu retorno à França, dos liceus de Montpellier e de Amiens. Depois da Primeira Guerra Mundial inicia os seus trabalhos na Universidade de Estrasburgo.

O historiador Bloch, ao contrário dos metódicos, que tinham como base somente os documentos escritos, acreditava na diversificação de documentos para a construção do conhecimento histórico. Para Canabarro (2008), Bloch adotava a ideia de utilizar documentos arqueológicos, artísticos, numismáticos; e a investigação de crônicas, cartas, imagens pintadas e esculpidas, dentre outros artefatos históricos. O seu companheiro Lucien Febvre coadunava com a proposta de novas abordagens, novos objetos e novos problemas para a construção do conhecimento histórico. Esta renovação historiográfica se opunha aos metódicos, que valorizavam a historiografia erudita, política e dos grandes acontecimentos.

Neste período, Bloch e Febvre abordaram determinadas categorias e conceitos que caracterizaram a primeira geração, a saber, a historiografia, a interdisciplinaridade, a história econômica, a consciência coletiva, as representações mentais, a história rural, a história-problema, a história das sensibilidades, as representações sociais e a história da religião. (CANABARRO, 2008). Juntos fundaram a revista *Anais da História Econômica e Social*, cujo primeiro número fora

publicado em 15 de janeiro de 1929. Este periódico surgiu com o objetivo de levar à História uma abordagem nova e interdisciplinar, cujo objetivo foi facilitado pelo contato e participação de estudiosos de outros campos do conhecimento. Por exemplo, o comitê editorial contava com o geógrafo Albert Demangeon, o sociólogo Maurice Halbwachs, o economista Charles Rist e o cientista político André Siegfried. (BURKE, 1991).

Os Annales, àquela época, intencionavam dominar os estudos acerca da história social e da história econômica. Contudo, os campos de investigação da História se expandem na mesma proporção que cresce o universo de historiadores, por isso, aqueles campos se fragmentaram em novos subcampos e, conseqüentemente, em novas leituras históricas. Por exemplo, a história social propôs a história rural, a demografia histórica e a história do trabalho, enquanto a história econômica despertou interesse pela história da produção, história do consumo, do gerenciamento e pela história da publicidade. (BURKE, 1992). Vale frisar que as pesquisas e artigos publicados sobre a história econômica predominaram nos primeiros números da revista, mas cederam espaço para a história social.

Nos anos de 1930, era notável o sucesso dos Annales, não faltavam convites aos fundadores da Revista para a frente de cátedras ou presidências de determinadas universidades ou comitês editoriais. Bloch, em 1936, assumiu a cadeira de História Econômica da Sorbonne, e Febvre, em 1933, ocupou a cátedra no Collège de France, e dois anos depois foi designado para a presidência do comitê organizador da Encyclopédie Française. Devido ao sucesso dessa década, os Annales se tornaram o centro de uma escola histórica.

A Segunda Guerra Mundial freou esse desenvolvimento. A reação de Bloch, embora já tivesse 53 anos, foi a de alistar-se no exército. Após a derrota francesa retornou, por pouco tempo, a vida acadêmica, acabando por engajar-se na Resistência, na qual desempenhou um papel ativo até a sua captura. Foi fuzilado em 1944. (BURKE, 1991, p. 27).

Mesmo com a morte de Bloch, Febvre continuou a frente dos Annales, porém já contava com a presença de determinados colaboradores, todos historiadores franceses, como Charles Morazé, Robert Mandrou e Fernand Braudel. Nesse contexto, Febvre e Braudel conduziram a segunda geração da Escola dos Annales. Até aí, os Annales haviam rompido com a história tradicional factual, linear e política, e em meio a tantas rupturas, Braudel acrescentou à escola o complemento que

faltava, a saber, os aspectos da Geografia na perspectiva humana e dos estudos históricos, como os sistemas e as análises da sociedade no âmbito da geopolítica. Tudo isso vinculado à interdisciplinaridade, pois se a primeira geração deu vez e voz a ciências como a Psicologia, a Numismática, a Paleontologia, a Sociologia e a Economia, Braudel complementa com a Geografia, tornando a História mais problemática e ampliada. Com a morte de Lucien Febvre em 1956, Braudel assume a Escola dos Annales em sua segunda geração.

4.1.2 Segunda geração: a Era Braudel

A segunda geração, com Braudel na direção, manteve a ideia de uma historiografia na perspectiva da história total, considerando todas as dimensões sociais. Não poderia ser diferente, uma vez que Braudel foi fortemente influenciado pelas ideias de Bloch e Febvre.

Braudel estudou a vida do rei Felipe II e o cotidiano do Mediterrâneo em sua tese de doutorado intitulada *O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo à época de Felipe II* (BRAUDEL, 1984, 2016), publicada em 1949. Esta obra contemplava as ideias propostas pela Escola dos Annales, em sua primeira geração, como a interdisciplinaridade, a história na perspectiva de totalidade, abrangendo as áreas econômica, social, política e dos acontecimentos. No entanto, vem acrescentada de conceitos presentes, exclusivamente, na segunda geração como a Geografia Humana e a Demografia Histórica.

Estas ideias apresentadas na segunda geração dos Annales, de acordo com Canabarro (2008), não são unicamente de Braudel. Ele contou com a colaboração de outros historiadores e suas pesquisas, como Ernest Labrousse e seu trabalho sobre a história dos preços, a história da conjuntura e a geo-história; Pierre Goubert e o foco na demografia histórica; Georges Duby e a pesquisa sobre a história da propriedade, da estrutura social e da família; e Emmanuel Le Roy Ladurie que abordou o estudo acerca da história do clima.

Na segunda geração, de acordo com Burke (1991), não há um historiador, da metade do século, da mesma categoria de Braudel, e que até aos dias de hoje, parte significativa do que de mais interessante se faz em trabalhos históricos, é ainda realizada em Paris, na Europa e no Mundo. Braudel se aposentou e abriu espaço para

uma geração com o olhar voltado para os acontecimentos que rodeavam o contexto do sujeito, embasada pelas perspectivas de Jacques Le Goff e Pierre Nora.

4.1.3 Terceira geração: Le Goff e Nora

A nova administração dos *Annales*, em sua terceira geração, foi composta por André Burguière e Jacques Revel. Entretanto, os principais nomes eram Jacques Le Goff e Pierre Nora. Esta geração ficou marcada pelas grandes mudanças intelectuais, que remetiam a uma fragmentação, como esclarece Peter Burke:

Deve-se admitir, pelo menos, que o policentrismo prevaleceu. Vários membros do grupo levaram mais adiante o projeto de Febvre, estendendo as fronteiras da história de forma a permitir a incorporação da infância, do sonho, do corpo e, mesmo, do odor. Outros solaparam o projeto pelo retorno à história política e à dos eventos. Alguns continuaram a praticar a história quantitativa, outros reagiram contra ela. (BURKE, 1991, p. 56).

Estas mudanças mostraram a manutenção de temas políticos e de eventos, ao mesmo tempo que apresentaram novos temas. Pode-se incluir nessa esteira de mudanças e fragmentação, a inclusão, pela primeira vez na história dos *Annales*, o estudo sobre as mulheres e as ideias vindas do exterior, principalmente de membros da escola, que viveram nos Estados Unidos.

Esta geração foi iniciada em meio a uma onda de protestos de estudantes franceses, que reivindicavam reformas educacionais. Estes protestos tiveram a adesão de operários, gerando uma greve de trabalhadores. Tal movimento virou mote para esta geração dos *Annales*, pois “as mudanças ocorridas após 1968 repercutiram também na Escola dos *Annales* que, a partir deste período começou a incorporar novos direcionamentos na sua forma de construir a história”. (CANABARRO, 2008, p. 91). Esta passou a contar com múltiplas ideias, abordagens e objetos.

A diversidade de ideias, abordagens e objetos não se deu somente por causa do movimento de 1968. Outra causa foi o retorno de historiadores franceses dos Estados Unidos, (BURKE, 1991), contendo em suas bagagens novas ideias, principalmente tendências da psico-história, história econômica, cultura popular e antropologia simbólica, que passaram a compor o quadro de conceitos da terceira geração. Outros conceitos despontam como a memória, que ganha evidência, e surge como o que hoje chamamos de história das mentalidades, assim denominada porque trata das estruturas mentais, hábitos de pensamento ou de aparatos intelectuais, uma

categoria que, como a história econômica e social, fracionam, pragmaticamente, a história, à medida que esta se constitui como corpo de disciplina científica e escolar. (LE GOFF, 1990).

Neste viés, vale lembrar as muitas inovações que aconteceram em outras partes fora da França, como a história das mulheres que se desenvolveu nos Estados Unidos, Grã-Bretanha, Holanda, Escandinávia, Alemanha Ocidental e Itália; e a inclusão, pela primeira vez, de mulheres nos Annales como Christiane Klapisch, que abordou histórias medievais e renascentistas; Arlette Farge, que discorreu sobre o universo social das ruas de Paris do séc. XVIII; e Michèle Perrot, que estudou a história do trabalho e da mulher. (BURKE, 1991).

A vigência da terceira geração da Escola dos Annales resolve abandonar a ideia divisível de gerações e consolidar a Nova História. Esta origina-se a partir do movimento de renovação da história narrativa e do acontecimento, para exaltar a historiografia do problema, uma abordagem voltada para todas as atividades humanas, ampliando o leque de possibilidades historiográficas e novas perspectivas de objetos e fontes de pesquisa, para os pesquisadores de hoje e do futuro.

4.1.4 Historiografia e interdisciplinaridade: características básicas dos Annales

Conforme menção anterior, Marc Bloch, Lucien Febvre e a fundação da revista Annales, tradicionalmente conhecida como Escola dos Annales, evidenciaram a historiografia e a interdisciplinaridade para a História. Nesse sentido, Burke (1991) afirma que no campo da historiografia, no século XX, a Escola dos Annales tornou-se o epicentro da escola histórica, por sua contribuição inovadora, notável e significativa para a produção histórica europeia e mundial.

O mote de interdisciplinaridade para Bloch e Febvre, de acordo com Cardoso e Vainfas (1997), surgiu a partir de um artigo do sociólogo François Simiand, ao propor um programa onde a história se colocava no bojo com as demais Ciências Sociais. Outra motivação foram os contatos com estudiosos de outras áreas como o historiador da arte Émile Mâle, o linguista Antoine Meillet, o geógrafo Paul Vidal de La Blache, o antropólogo Lucien Lévy-Bruhl e outros pesquisadores que tinham a atenção voltada para a interdisciplinaridade. Foi isso que permitiu a consolidação de uma nova visão sobre e para a História.

Desta maneira, a interdisciplinaridade como uma característica básica dos Annales e como campo de saberes, “soa como prática educacional inovadora de transformação e mudanças sociais. Isso ocorre quando há sistematização de matérias ou disciplinas integradoras e imbricamento de conteúdos, métodos, teorias e empirias”. (XAVIER et al., 2018, p. 71). Nesta perspectiva, a revista tinha a função de ligar a História com as demais áreas do conhecimento, a saber, Geografia, Economia, Sociologia e tantas outras disciplinas.

Junto a interdisciplinaridade, tem-se a historiografia, outra característica básica dos Annales. Quanto a sua definição elementar, pode-se dizer que é o estudo da História ou a Ciência da História que, no domínio das análises dos contextos, tem o poder de gerar questionamentos acerca do tempo da história, em perspectivas temporais de curta, média e longa duração. Pode-se dizer também que a historiografia é o resultado de pesquisas de historiadores e seus relatos de experiências e acontecimentos passados, dentro de um rigor metódico e crítico, e não um simples inventário bibliográfico.

A História segue novos rumos em sua historiografia. Ela busca o caminho mais para o individual e mais local, a memória do cotidiano das “pessoas comuns” e outros elementos constituintes da nova historiografia como a história das mulheres, dos imigrantes e marginais, em detrimento das dimensões extraordinárias.

4.1.5 Novos campos da História propostos pelos Annales

A História, segundo Cardoso e Vainfas (1997), é composta de vários campos de investigação, divididos em três partes. A primeira, nomeada de grandes campos da História, arrola as dimensões econômica, social, política, das ideias, das mentalidades e cultural. A segunda parte, chamada de campos de investigação e linhas de pesquisa, desloca a atenção para âmbitos mais específicos, numa perspectiva micro-histórica, a saber, os domínios agrário, urbano e empresarial; e na perspectiva imaginária e cotidiana como as esferas da família, da vida privada, das mulheres, da sexualidade, da etnia, das religiosidades e das paisagens. A terceira parte, encarregada dos aspectos metodológicos e denominada de modelos teóricos e novos instrumentos metodológicos, traz métodos de análise e novas fontes.

Nesse sentido, a Escola dos Annales contribuiu para a construção de uma nova história e colaborou com novas abordagens, novos métodos e novos conceitos,

ampliando os seus estudos nos campos social, econômico, cultural e tantas outras áreas do comportamento humano.

Nos primeiros anos dos Annales, os temas predominantes nas pesquisas e nas publicações da Revista estavam ligados à história social e econômica. Esta, com publicação mais acentuada que aquela na primeira geração, declinou na segunda geração. Segundo os dados fornecidos por Cardoso e Vainfas (1997), durante a primeira geração, com direção de Febvre e Bloch, a revista produziu 60% de artigos inerentes à História Econômica, este percentual diminuiu para 40% a partir de 1946, sob a direção de Braudel, e continuou a queda na década de 1970, para 25%.

O declínio da história econômica também foi visto, um pouco mais tarde, no Brasil, constatado na elaboração de dissertações e teses, no programa de História da Universidade de São Paulo, quando apresentou queda na década de 1980 em relação a de 1970. Esta queda de produção também foi apresentada nas universidades federais Fluminense e do Rio de Janeiro.

A derrocada das ideias econômicas, no âmbito histórico, incide em duas realidades: escassez de preocupação com as especificidades da história dos homens e a busca dos historiadores por novos campos do saber historiográfico. Ao contrário, o campo social tem em si o princípio de que, em História, todos os tipos de abordagens estão inscritos no social.

A História Social constitui-se intensamente, ao lado da historiografia, nas décadas de 1950 e 1960. Nestes anos, a abordagem histórica deriva para o papel da ação humana e seu comportamento, além de outros tópicos como a mobilidade social e a família. Nos anos 1970, a tendência da história social, imbricada com a Antropologia, se direcionou para o campo das identidades sociais e outras abordagens de cunho sociocultural.

Nesse contexto, dois campos de investigação histórica, a saber, das mentalidades e da cultura, atraem a admiração dos historiadores. A preocupação com as mentalidades ou com os modos de pensar e sentir vêm desde a primeira geração dos Annales, a partir dos estudos de Bloch e Febvre. Por exemplo, em *Os reis taumaturgos: o caráter sobrenatural do poder régio – França e Inglaterra (1924)*, Bloch (1999) analisa as crenças populares na cura com o toque do rei, no período medieval até o século XVIII; em *O problema da incredulidade no século XVI: a religião de Rabelais (1942)*, Febvre (2009) contempla os modos de pensar e sentir na Europa do século XVI, ao considerar o conceito de *outillage mental* (ferramentas mentais).

No entanto, as mentalidades não foram a preocupação maior na era Braudel, responsável pela segunda geração. Esta se caracterizou pela produção sobre a história total e histórias sintéticas, na perspectiva socioeconômica da história. (CARDOSO; VAINFAS, 1997).

No início dos anos de 1970, a nova direção dos *Annales*, formada pelos historiadores Jacques Revel e André Burguière e participação de Jacques Le Goff, pesquisadores dedicados às mentalidades, tomaram um rumo mais consistente. Por isso as preocupações anteriores, situadas na base socioeconômica e na vida material, deram lugar aos processos mentais, às representações e à vida cotidiana, cujos microtemas abordam o amor, a família, a criança, as bruxas, a morte, a mulher, os loucos, os homossexuais, o corpo e os modos de vestir, chorar, de comer e de beijar, entre outros.

Neste período de recentes caminhos, temas e aumento de fontes de pesquisa para a historiografia destaca-se a participação de Jacques Le Goff e Michel Foucault. Este contribuiu com linhas de investigação como o das prisões, micropoderes, doença e sexualidade. Aquele, pontuou as mentalidades em suas obras com importante colaboração de variadas abordagens, problemas e objetos.

Tal movimento de ideias e temas continua na direção das mentalidades e da cultura. No âmbito das mentalidades, o historiador Philippe Ariès chamou a atenção nos seus estudos acerca da relação entre a natureza e a cultura, com assuntos atrelados a fenômenos naturais como a morte, a infância e temas periféricos como a família e a escola. (ARIÈS, 1981).

Já no campo cultural, os fenômenos culturais foram contundentes no aumento de objetos e fontes para o conhecimento histórico. Um exemplo de abordagem neste sentido foram os estudos sobre os espaços sagrados como as igrejas e seus significados simbólicos, provocando um diálogo da história da religião com a Psicologia, Sociologia e Antropologia.

Na mesma perspectiva, Robert Mandrou (1979) despertou o interesse histórico para a bruxaria e cultura popular; Jean Delumeau (2009) se voltou para a problemática da história cultural, mais precisamente sobre a descristianização na Europa e a história do medo e da culpa no Ocidente, quando tratou dos medos da maioria, a saber, o medo do mar, dos fantasmas, das pragas e da fome, e dos medos da cultura dominante como satã, judeus e feiticeiras. Outro teórico, para exemplificar esta geração, foi Le Goff (1990, 2011, 2014), cujas contribuições seguiam na direção

das mentalidades, ao tratar do tempo dos mercadores, do tempo das igrejas na Idade Média e da história das mudanças das representações da vida depois da morte.

O conceito de mentalidades, segundo Cardoso e Vainfas (1997), sofreu muitas críticas tanto externa quanto internamente. O julgamento de fora apontava uma debilidade explicativa e o parecer de dentro questionava a solidez teórica. Diante disso, alguns historiadores se voltaram para outros campos de pesquisa, especialmente a partir dos anos 1980, com o surgimento de novos temas como a história das mulheres, da vida privada e micro-história. Esta é vista como um gênero específico de narrativa e modo de fazer história. Ela reside no subjetivismo e racionalidade pertinentes às comunidades, às famílias e aos indivíduos. Dessa forma, o gênero biográfico se apresenta como um recurso teórico-metodológico importante às narrativas e histórias de “pessoas comuns”.

Na perspectiva biográfica, podemos citar como exemplos as obras *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão: um caso de parricídio do século XIX* apresentado por Michel Foucault (FOUCAULT, 1977), e *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição* (GINZBURG, 2006). Este é um gênero que possibilita o entendimento da mentalidade de um grupo, através da vida de indivíduos comuns e seus aspectos culturais.

A História Cultural foi o grande refúgio das manifestações das mentalidades. Aquela é considerada, pelos historiadores da cultura, mais consistente que esta. No entanto, não negou a importância dos estudos das mentalidades, nem da história do cotidiano, nem o acercamento da Antropologia e da micro-história. A História Cultural, para Cardoso e Vainfas (1997), está voltada, tal como as mentalidades, para as manifestações das massas anônimas como as festas, as crenças e as resistências, ou seja, para o informal e para o popular. Nessa lógica, ela se mostra como uma história plural, expondo diversos caminhos para a investigação histórica.

Para Hobsbawm (2013), a história da disciplina que estuda o passado, a partir do século XIX, foi uma história de convergência e não de dispersão. Assim, observou-se um paralelismo entre a Escola dos Annales na França e os historiadores marxistas na Grã-Bretanha. De um lado, a escola francesa se debruçou sobre novas abordagens, investigou novos temas, implementou novos métodos e conceitos, e constituiu novas categorias históricas nos campos social, econômico, das mentalidades e cultural. De outro lado, o grupo de historiadores ingleses cimentou a

renovação do Materialismo Histórico com vistas para a valorização da cultura, a investigação de todas as atividades humanas e o resgate dos excluídos, esquecidos na história.

4.2 Escola Inglesa: a renovação dos estudos culturais

As contribuições intelectual, econômica, política e social de Marx, ao lado de Engels, são discutidas até hoje no meio acadêmico. Tais estudos derivam à concepção materialista, implicada à perspectiva histórico-sociológica, denominada de Materialismo Histórico. Para eles, a concepção materialista da história dependia de uma remodelação da perspectiva do socialismo, o qual seria efetivo se somente fosse implementada a partir das massas trabalhadoras, com o proletariado à frente. (MARX, 2013). Nesta lógica, um grupo de historiadores ingleses retomaram determinados textos de Marx, cuja contribuição teórico-prática flexibilizou as teorias marxistas, evidenciando a cultura ao primeiro plano nas discussões, atrelada à política e à história social.

A Escola Inglesa do Marxismo representa apenas um grupo no quadro da historiografia inglesa. Ela reunia historiadores marxistas, vinculados à Revista *Past and Present*, que buscavam certas renovações no corpo teórico-prático do Materialismo Histórico. (BARROS, 2010). Entre os representantes estavam os historiadores Christopher Hill, Eric Hobsbawm e Edward Palmer Thompson, importantes colaboradores na elaboração conceitual e metodológica para o Materialismo Histórico e para a historiografia como um todo. Eles figuram como importantes na formação da escola de pensamento marxista dentro da historiografia inglesa.

Os estudos de Hill se concentram na compreensão da história do século XVII, sobretudo a Revolução Inglesa. Esta reputação se deve aos vários artigos e livros, incluindo *O mundo de ponta-cabeça: ideias radicais durante a revolução inglesa de 1640*, que impactaram a releitura da história inglesa (HILL, 1987). Nesta obra, ele introduz um elemento no contexto conflituoso: as classes populares.

Nas suas primeiras obras, Hill aborda os aspectos econômicos e políticos, mais que os culturais, no entanto, em *O mundo de ponta-cabeça* ele se mostra mais aberto a novas perspectivas, à revolução cultural e à recusa da primazia do trabalho

intelectual, daí o enfoque central pelos trabalhadores de várias espécies e pela parte inferior da população, para qual deve ser reconhecido o seu direito.

Nos anos 60 e começo dos 70 difundiu-se a convicção de que não era justo o banco liberal falar pelo negro, o homem de mente aberta pela mulher, o europeu progressista pelo africano ou asiático; mas que era preciso reconhecer, a esses oprimidos, o direito de usar a própria voz, ainda e sobretudo quando errassem. (HILL, 1987, p. 17).

É notória a importância de Christopher Hill para a historiografia de hoje, sobretudo no tocante aos estudos sobre as “pessoas comuns”, ao reconhecimento dos direitos das classes inferiores e à posição que lhes cabem, pois elas têm o seu próprio discurso e a sua própria luta contra as adversidades, incluindo as classes dominantes.

Quanto a Hobsbawm, diferente da nacionalidade inglesa dos seus colegas historiadores, ele nasceu em Alexandria, cidade egípcia. Foi educado na Áustria, Alemanha e Inglaterra. Lecionou na Universidade de Londres como professor de História Econômica e Social. Como historiador participa desde o início do processo de renovação da historiografia da Inglaterra, provocando uma revolução da disciplina histórica, a partir dos anos de 1930, momento em que os efeitos renovadores começam a tomar forma, com fortes influências do pensamento marxista. Mas o que podemos entender por história marxista? Segundo Hobsbawm (1983, p. 18, tradução nossa),

Implica tratar no saber do passado um corpo teórico, uma metodologia e um conjunto de categorias elaboradas a partir do pensamento de Marx. Para acrescentar que a historiografia marxista concentra sua atenção nas explicações das transformações dos sistemas sociais.

Neste sentido, boa parte da obra do autor tende para os problemas sócio-políticos, sobretudo apresenta grande interesse pelas classes subalternas. Incluem-se aí os humilhados, os ofendidos, os famintos, os oprimidos e os rebeldes. Podemos citar os livros *Bandidos*, que aborda o banditismo social (HOBSBAWM, 2001); *Mundos do trabalho*, onde o autor discorre sobre a história dos trabalhadores e trabalhadoras e da história do movimento operário e sua ideologia (HOBSBAWM, 2000); e por último, *Rebeldes primitivos: estudio sobre las formas arcaicas de los movimientos sociales em los siglos XIX y XX* (HOBSBAWM, 1983).

Sobre Thompson, ele foi professor da Universidade de Leeds. A sua prática docente exerceu grande influência nos estudantes de História, tanto na Inglaterra

quanto fora dela. Obteve um enorme sucesso com o seu o livro A formação da classe operária inglesa, cujas ideias fundaram o valor da história a partir de baixo, com o objetivo de resgatar, historicamente, os excluídos. (THOMPSON, 1987a, 1987b).

Os interesses de Thompson estavam imbricados com o ativismo político e a educação popular, um ramo extracurricular da universidade, ministrada para homens e mulheres comuns. Assim, a produção intelectual de Thompson e do grupo de historiadores estava voltada para o estabelecimento de ideias da História Social e da História de Baixo para Cima, com o envolvimento de movimentos populares, como fator importante e ativo do processo.

4.2.1 História social: a inscrição de todos os tipos de abordagens

Nas primeiras décadas do século XX, havia um vínculo significativo entre os aspectos econômicos e sociais, no entanto, o interesse dos historiadores pendiam para a evolução da economia, porque esclarecia a estrutura e as mudanças da sociedade. Os Annales são um exemplo deste vínculo e mudança de interesse ao longo da história, quando aboliram a metade econômica e se declararam sociais.

Para Hobsbawm (2013), o termo História Social, antes da formação de seus interesses institucionais e profissionais, era empregado em três acepções: história das classes pobres ou inferiores ou de seus movimentos (sociais); trabalhos sobre uma diversidade de atividades humanas de difícil classificação; e por último, implicado com a Economia. No entanto, nenhuma versão produziu um campo acadêmico em História Social, nem conheceu um desenvolvimento efetivo até os anos 1950. Somente nos últimos anos desta década, foram fundados os primeiros periódicos especializados no assunto. A partir daí, houve um rápido desenvolvimento e crescente emancipação da História Social, cujo avanço pode estar atrelado às mudanças técnicas e institucionais no interior das disciplinas acadêmicas das ciências sociais e ao crescimento mundial da sociologia como tema acadêmico.

4.2.2 História Vista de Baixo: a investigação de todas as atividades humanas

A História Vista de Baixo propôs produzir conhecimento histórico a partir da investigação de todas as atividades humanas, de mulheres, crianças, jovens e homens considerados comuns, uma massa que faz parte do processo histórico tanto

quanto os grandes vultos, objeto de estudo da História tradicional. Tal proposição foi discutida na Inglaterra pelos historiadores Edward Palmer Thompson e Christopher Hill, na década de 1960. Precisamente surgiu em 1966, quando Thompson publicou um artigo sobre *The History from Below*, em *The Times Literary Supplement*. Por conseguinte o conceito de História Vista de Baixo entrou na linguagem comum dos historiadores, que passaram a potencializar novas perspectivas de investigação do passado, além do paradigma tradicional.

Essa perspectiva atraiu de imediato aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é frequentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história. (BURKE, 1992, p. 41).

A experiência dos sujeitos, que formam a massa do povo, é considerada sem importância pela história convencional, no entanto, é vista pela História Vista de Baixo como objeto de estudo, porque procura compreender e resgatar todas as atividades e sentimentos do passado deste contingente. Este é um processo que amplia o campo temático e torna a história das “pessoas comuns” como um campo especial de estudo.

A partir do entendimento dos pensamentos e sentimentos das “pessoas comuns”, abre-se a possibilidade de uma síntese mais abundante da compreensão histórica dos indivíduos e grupos sociais ignorados e, às vezes, considerados perdidos no passado ou com o passado inexistente. Assim, este campo de investigação suscita a ideia de que muitos setores da população podem ser descobertos e investigados, e “[...] podem desempenhar um papel importante neste processo, recordando-nos que a nossa identidade não foi estruturada apenas por monarcas, primeiros-ministros e generais.” (BURKE, 1992, p. 60).

Desta forma, a investigação sobre as “pessoas comuns” pode auxiliar na instauração da identidade de indivíduos, classes e grupos inferiores, tais quais os pesquisados das dissertações e teses produzidas pelo Núcleo de História e Memória da Educação (NHIME).

5 NÚCLEO DE HISTÓRIA E MEMÓRIA DA EDUCAÇÃO: MEMÓRIAS INDIVIDUAL E COLETIVA

O Núcleo de História e Memória da Educação (NHIME) foi criado, no final da década de 1990, por José Gerardo Vasconcelos, doutor em Sociologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professor titular da mesma instituição, e por Maria Juraci Maia Cavalcante, doutora em Ciências Econômicas e Sociais pela Universität Oldenburg (Alemanha) e professora titular da UFC. Hoje é coordenadora do núcleo de Educação Comparada, pertencente ao mesmo programa.

O NHIME foi implementado com o intento de desenvolver um amplo projeto de pesquisa chamado História e Memória da Educação no Ceará, por falta de uma literatura afeita à história educacional local. Nesse sentido, o Núcleo tinha como objetivos realizar um levantamento de fontes historiográficas, documentais, orais, impressas e iconográficas; e reconstruir a história social, situando-a no tempo (séculos XIX e XX) e no espaço, que envolvesse diversos recortes dos territórios cearense e nordestino brasileiros.

O Núcleo fora formado por vários eixos temáticos como Reformas educacionais, Instituições escolares (públicas, privadas e confessionais), Biografias de professores e intelectuais da educação, História cultural de letrados e iletrados, Ação político-educacional e território, tudo associado à Educação Brasileira e às teorias e metodologias da pesquisa histórica, contribuindo com a participação dos seus professores nos seminários de educação brasileira e nos seminários temáticos voltados à formação de pesquisadores na área, com enfoque variados: Historiografia cearense, História educacional (local e nacional), História nova, teorias e metodologias, Fontes e narrativas históricas, Biografias, memórias individual e coletiva.

O NHIME está inserido no Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC). Esta, de acordo com Martins Filho (1998), foi criada pela Lei n. 2.373, em dezembro de 1954, encaminhada no governo Getúlio Vargas e sancionada pelo presidente João Café Filho, sucessor daquele. Instalada, oficialmente em junho de 1955, próximo à Praça do Carmo, na esquina da rua Major Facundo com a Avenida Duque de Caxias, onde hoje se encontra o Banco do Brasil e constituída, inicialmente, pelas instituições de ensino superior já existentes: a Faculdade de Direito, a Escola

de Agronomia e a Faculdade de Farmácia e Odontologia, cujo primeiro reitor, durante quatro mandatos, foi o professor Antonio Martins Filho, o maior articulador à criação da universidade. Vale ressaltar que a universidade daria a Fortaleza uma posição de destaque entre os grandes centros da cultura nacional, uma consciência universitária, uma enorme contribuição cultural e uma grande melhoria para o ensino.

Hoje a UFC envolve praticamente todas as áreas do conhecimento e tem a missão de difundir conhecimentos, valores éticos, científicos, artísticos e culturais, além de formar profissionais nas mais variadas áreas. Isto se dá através dos seus 119 cursos de graduação, 94 de pós-graduação e 700 atividades de extensão promovidas pelos campus do Benfica, do Pici e de Porangabuçu, sediados em Fortaleza, além dos campus localizados no interior do estado, nos municípios de Sobral, Quixadá, Crateús e Russas, levando benefício a milhares de pessoas e desenvolvimento intelectual e econômico para todo Estado. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2018).

A FACED, outro berço do NHIME, foi criada em 1968 com dois departamentos: Teoria e fundamentos e Método e técnicas, cujo primeiro diretor foi o prof. Antônio Gomes Pereira. Porém, em 1973, por conta de uma reestruturação da UFC, nos moldes da reforma universitária, a faculdade foi desfeita e passou a ser um departamento de educação integrado ao Centro de Estudos Sociais Aplicados (CESA). Foi nesse período, precisamente em 1976, que foi criado o curso de mestrado em educação.

O CESA foi extinto em 1984 e recriada a Faculdade de Educação, sob a direção do prof. Antônio Carlos de Almeida Machado, desta feita com três departamentos: Fundamentos da educação, Teoria e prática de ensino e Estudos especializados, cuja missão consiste na formação de professores e gestores para a Educação Básica e Educação Superior, através do curso de Pedagogia na graduação, e tão somente o Mestrado em Educação na pós-graduação, pois o doutorado só foi criado em 1994. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2019).

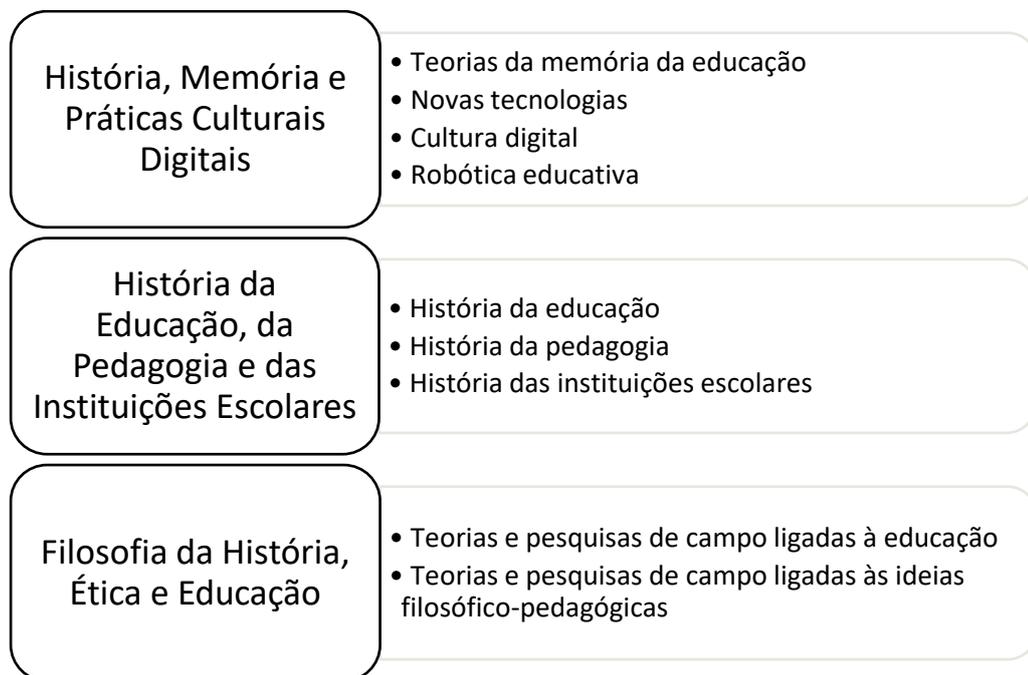
O Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da UFC está vinculado à FACED e agrega as seguintes linhas de pesquisa: Avaliação educacional (NAVE); Desenvolvimento, linguagem e educação da criança (LIDEEC); Educação, currículo e ensino (LECE); Filosofia e Sociologia da educação (FILOS); História e memória da educação (NHIME); Linha de História da educação comparada (LHEC); Marxismo, educação e luta de classes (E-luta); Movimentos sociais, educação popular

e escola (MovSoc); e Trabalho e educação (NTE). De acordo com o site do programa, uma linha de pesquisa é

um campo temático-científico que articula pesquisadores em torno de subáreas ou objetos de estudo, visando a produção do conhecimento e assegurando a formação teórico-prática dos pós-graduandos. São formadas por, no mínimo, 04 docentes pesquisadores permanentes que desenvolvam projetos de pesquisa associados ao PPGE, compostas por, no mínimo, dois eixos. Cada eixo temático existente deve ser composto por, no mínimo, 02 docentes pesquisadores permanentes. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2019).

As linhas de pesquisa do PPGE estão imbricadas com praticamente todas as áreas do saber. O NHIME, em especial, desenvolve pesquisas sobre a História e memória das instituições escolares, das reformas, das políticas e práticas educacionais, sob a égide dos arquivos públicos e privados em documentos oficiais e fontes jornalísticas, iconográficas e orais, e é formado por três eixos, cada um com seus objetos específicos de estudo, de acordo com o quadro abaixo:

Quadro 3 – Eixos temáticos do NHIME e seus respectivos estudos



Fonte: Elaborado pelo autor (2021).

O quadro acima espelha bem os objetivos do núcleo, pois eles trilham os caminhos, pensados inicialmente, do projeto de pesquisa sobre a história e a memória da educação no Ceará, principalmente quando falamos de história da Pedagogia, das instituições escolares, das teorias da memória da educação, das teorias imbricadas

com a filosofia pedagógica e de todas as teorias ligadas à educação. Contudo, os campos de pesquisa se ampliaram com o uso das novas tecnologias, promovendo um diálogo com a cultura digital e a robótica educativa.

A partir das plataformas digitais, é possível resgatar fatos do passado, registrados por celulares com capacidade de gravar e fotografar momentos importantes na carreira de pesquisadores, como a qualificação de mestrado ou doutorado, e principalmente defesas de dissertações ou teses.

A Fotografia 1 mostra uma determinada reunião com alunos e professores do NHIME. Na ocasião, temos as doutorandas, da esquerda para a direita, Francisca Karla Botão Aranha, Teresa Maria da Silva Ferreira, Sammia Castro Silva, Tânia Gorayeb Sucupira e o professor colaborador do programa, Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior.

Fotografia 1 – Reunião no NHIME



Fonte: Grupo do NHIME/Facebook (2015).

As reuniões acontecem todas as quartas-feiras, a partir das 14h, na sala do NHIME/FACED/UFC. Os encontros contam com a presença de professores, mestrandos e doutorandos da linha, professores convidados, para uma eventual apresentação ou seminário, e alunos de outros eixos do programa e graduandos curiosos em conhecer o projeto e as atividades do NHIME.

Nas reuniões é discutida a pauta de assuntos e objetivos, do início ao fim do semestre, que devem ser tratados e cumpridos. Além das reuniões, o espaço também é usado para seminários, apresentações e confraternizações. As professoras

e professores convidados ou da casa, pautam assuntos diversos: sobre teóricos relevantes do campo da Educação, Sociologia, Filosofia, entre outras disciplinas; acerca do uso das tecnologias digitais na execução da pesquisa; em relação a produção de artigo em periódicos especializados e capítulo de livro; no tocante à inscrição e atualização da Plataforma Lattes; e outros procedimentos teórico-metodológicos relativos às atividades discentes da pós-graduação. Os mestrandos mostram os seus projetos de admissão no Programa, ou seja, os seus objetos de estudo e, mais tarde, a evolução de suas dissertações. Os doutorandos apresentam o desenvolvimento de suas teses.

A Fotografia 2 mostra a Qualificação de Mestrado da aluna, à esquerda, Camila Saraiva de Matos, ao lado da professora Lia Machado Fiuza Fialho, como membro da banca.

Fotografia 2 – Qualificação de mestrado de Camila Saraiva



Fonte: Grupo NHIME/Facebook (2015).

A Fotografia 3 mostra a defesa de Tese de Doutorado da Socorro Braun de Vasconcelos, e como membros da banca os professores Rui Martinho Rodrigues e Raimundo Elmo, de pé ajudando na técnica.

Fotografia 3 – Defesa de tese de doutorado de Socorro Braun



Fonte: Grupo NHIME/Facebook (2015).

Diante de tantas possibilidades teórico-metodológicas e do arcabouço temático que o núcleo oferece, iniciamos a apresentação dos depoimentos de professores e alunos que passaram ou permanecem no Núcleo. O primeiro deles é a percepção de um historiador de formação, mestre em educação e participante das reuniões do NHIME:

Fazer um comentário sobre o Nhime é meio complicado, porque entramos em contato com uma gama de produções nos mais variados assuntos, tais como sexualidade, religiosidade, biografia de mulheres, história das instituições escolares, entre outros. Os variados eixos de pesquisa contribuem para essa riqueza, o que torna muito difícil acessar todos os trabalhos produzidos pelo Nhime. Assim, como temos professores formados em diversos campos do conhecimento, eles trazem uma abordagem multidisciplinar e pesquisas que possibilitam essa diversidade temática, notadamente nos campos da História e Memória da Educação e das Práticas Culturais Digitais. É isso que torna o Nhime grande e denso em se tratando de produção acadêmica. E por essa grandeza, é muito complicado abordar todas as produções realizadas pelo núcleo. (Almir Mariano da Silva, 2021²).

A percepção do relator mostra alguns sinais atônitos, diante da miríade temática que o nosso programa de pós-graduação apresenta, através do Núcleo de História e Memória da Educação e dos professores que formam o Núcleo. Dos quais, um deles relata a sua opinião sobre a organização, produção e publicação:

O Nhime reúne um grupo de professores pós-doutorados, doutorandos, mestrandos e aqueles que já concluíram os seus trabalhos, que tem realizado muitas pesquisas e uma prática de reuniões constantes, permanentes e debates sobre temas que estamos pesquisando. São dois grandes grupos, com uma separação apenas formal, porque trabalhamos em conjunto. Um deles trabalha bastante com o que chamamos de história contemporânea ou

² Historiador e mestre em educação pela UFC.

contemporaneidade, que o Gramsci usava como categoria, onde o pesquisador pesquisa sobre o tempo em que ele está vivendo, em que o tempo da pesquisa se confunde com a história de vida do pesquisador. Há muitos relatos sobre ex preso político da ditadura e sobre a própria história da ditadura militar, por exemplo, uma história de curta duração, que tem 50 anos, ou seja, uma história recente, como é nova a história da educação do Ceará, de algumas décadas, talvez de 70 anos até hoje. Esta é uma linha forte de pesquisa do Nhime, como é também o estudo das instituições educacionais do Ceará e das pesquisas sobre os anos 30, sobre toda a influência do pensamento da Escola Nova, no governo Vargas. Outra linha trabalha com instituições escolares e a pesquisa biográfica, que o Nhime refaz esta estrutura biográfica, onde Le Goff entendia, na introdução do seu livro *Em busca da Idade Média*, composto de várias entrevistas, que a biografia precisa revelar o seu tempo e ser uma biografia de uma personagem significativa do seu tempo, então ele pesquisa pessoas grandiosas como São Luís, que foi rei, e como São Francisco, grande santo da Igreja Católica, e também pesquisa pessoas anônimas, que tiveram grande participação, mas estavam perdidas na história. Aqui, nós temos uma linha que tem grande interesse na história de vida de professoras que tiveram a vida marcante e estavam esquecidas pela memória de todos. Então, vários pesquisadores fizeram a biografia de professoras e ao trabalhar a biografia dessas educadoras, os nossos pesquisadores vão trabalhando também a história da educação do Ceará, a história da escola, dos métodos pedagógicos e da profissão docente. Isso que é importante, desde que a professora não era assalariada, era a professora que fazia parte da comunidade, a chamada professora leiga, é um resgate da história da educação e da escola do Ceará, a partir da história dessas personagens. Há vários trabalhos biográficos que abordam a história da mulher educadora, há um sobre Francisca Clotilde, de Gildênia Moura de Araújo Almeida, que foi professora, diretora de escola, poetisa, escritora, líder social e uma mulher à frente do seu tempo, que se divorciou, casou outra vez, criou uma escola junto com as suas filhas, então, esta biografia ficou famosa. Há sobre a história de vida da professora Maria de Sousa, de Adriana Vládja Feitosa, que morreu em 1964 com 63 anos de idade; sobre o professor José de Barcelos, de Antônio Roberto Xavier, fundador da Escola Normal cearense e um grande líder da gestão educacional do Ceará. Esta é a grande tendência do Nhime, buscar a história dos professores e professoras. Uma coisa muito importante é a diversidade teórica e metodológica dos professores do Nhime, nós temos variedades em nossas pesquisas, um diálogo permanente em bancas, em orientações, em textos escritos, e nossos orientandos conversam uns com os outros, conversam conosco, é um intercâmbio importante para que os alunos tenham uma visão mais ampla e um leque maior de compreensão da realidade, a partir de vários autores e tendências teóricas. Com relação à publicação, nós temos trabalhado com a disciplina Educação Brasileira, para mestrandos e doutorandos que não fizeram o curso de Pedagogia, e toda vez que se encerra essa disciplina, com duas turmas de 30 alunos, aproximadamente, em cada turma, ela publica uma coletânea de livros, chamada Educação Brasileira, com subtítulo. Uma coletânea fica a cargo do professor Ari Andrade e a outra do professor Luís Távora, somando em torno de 60 autores e 23 artigos, a cada publicação anual, uma impressão que traz um diálogo de todas as áreas do conhecimento do nosso programa de pós-graduação, com os nossos professores e seus orientandos e muita gente de fora, mais uma iniciativa do Nhime, além da coleção Diálogos Intempestivos, com centenas de títulos lançados pelas Edições UFC. (Luís Távora Furtado Ribeiro, 2021³).

³ Doutor em Sociologia (UFC) e professor titular da UFC.

No recorte o professor destaca os blocos de pesquisa e suas tendências temáticas, ressalta veementemente a publicação de livros, ao término da disciplina ministrada por ele e pelo professor Ari Andrade. Ainda destaca a Coleção Diálogos Intempestivos, responsável por centenas de exemplares que transitam entre as ciências humanas, sociais, exatas e naturais.

A partir da utilização dos recursos digitais, seguimos com os depoimentos. Desta vez, o relato do professor Elmo, no qual rememora o seu doutorado e o engajamento como professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Educação na Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará (2000 – 2016):

É sempre instigante rememorar, preencher lacunas avivadas pela imagem-lembrança, esta relação intersubjetiva procura no consciente-inconsciente determinados recortes temporais, fazendo-os colarem uns aos outros em significados geradores de momentos vividos. Dessa forma entendo, que para além das lembranças está o documentado, vestígios concretos da memória. São provas materiais do que experimentei, os quais, embora legítimos, são insuficientes para dizer do valor de tais vivências. De todo modo, olhamos para trás e recordamos. Memorar impõe o exercício de olhar para trás, refazer o passado para significar o presente. Este ato, via de regra, é estimulado por alguma particularidade do agora, como no caso de apresentar minha participação como aluno do Doutorado em Educação da UFC e após conclusão do curso, o meu engajamento como Professor Colaborador no referido Programa de Pós-Graduação em Educação. Ciente desta empreitada de rememorar neste período, minha vida acadêmica, deparo-me com a necessidade de percebê-la, também, dentro de uma discussão teórico-metodológica da micro-história, e dentro dela, algo rico em subjetividade, que são as narrativas biográficas e as autobiografias. Assim entendo que a micro-história avança nas pesquisas historiográficas no momento em que rompe com quaisquer práticas sedimentadas na retórica e na estética. Nesse sentido, interessa-se, de modo mais intenso, pela descrição de tudo o que se encontre mais próximo do comportamento humano, elegendo, como modelo de ação, a voz dos que, em séculos e séculos, foi ceifada pelo esquecimento. (Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior, 2021).⁴

Retornando à discussão aberta pelo professor Elmo sobre a micro-história, ela possui, portanto, um papel muito específico na História: o de “refutar o relativismo, o irracionalismo e a redução do trabalho do historiador a uma atividade puramente retórica que interprete os textos e não os próprios acontecimentos.” (LEVI, 1992, p. 136). Portanto, a micro-história fisga singularidades e, com isso, torna-se capaz de verticalizar situações, estudos, aproximando-se, de modo mais pleno, do homem e de sua hora, de um sujeito único e do contexto social em torno do qual giram suas ações, convertendo tudo isso no foco das explicações.

⁴ Doutor em educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC). Professor da Universidade Estadual do Ceará (UECE) e professor colaborador da UFC, no NHIME.

É neste ponto que a micro-história abre espaços para narrativas de vida, ou como os especialistas neste tipo de abordagem gostam de denominar de narrativas biográficas, assim, o memorial de um sujeito, pode inseri-lo no cotidiano de um lugar ou de uma instituição; por conta disso, tanto caminha em direção à história institucional como pode concentrar-se em áreas específicas; daí sua desenvoltura enquanto gênero – o que, intrinsecamente, relaciona-se com o processo de renovação metodológica dos estudos da História, fruto do entendimento de que a pesquisa biográfica, utilizando-se da memória, pode, enquanto recurso metodológico, expandir feixes para a reconstrução de um momento histórico ou, de modo mais particular, de determinados contextos. Nesse sentido, o professor Elmo dar continuidade ao seu relato:

Entendo que um memorial resgata percursos individuais, inseridos em seus respectivos contextos, a partir dos quais o presente dialoga com o passado. Perquirindo, pois a minha vida, através de um processo de rememoração, lembrando da profissão escolhida, dos meus projetos individuais e coletivos, as horas de láureas e as de frustrações, a tenacidade com que me envolvi no universo das pesquisas, a abertura à experiência do novo e a disposição em ouvir alunos e colegas professores, é que, de modo mais intenso, através da memória, vou lembrando e de certo modo, reaprendendo. O histórico do meu desempenho como professor de geografia da Universidade Estadual do Ceará, me levou em 2000, à seleção para o Doutorado em Educação na UFC, sendo aprovado para o mesmo com a orientação da Profa. Dra. Maria Juraci Maia Cavalcante e, com isso, iniciar a minha participação no Núcleo de História e Memória da Educação – NHIME. Em 31 de março de 2006 concluíria o meu doutorado com a defesa da tese intitulada: O LIMOEIRO DA EDUCAÇÃO: A história da criação da Diocese e a ação educacional de Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte (1938-1968). Esse estudo versava sobre a relação entre ação educacional e dinâmica espacial. Foi assim, que iniciei a construção do meu olhar, enquanto geógrafo, para a educação e a cultura, apresentando na tese um capítulo sobre “As ações instrucionais da Igreja numa análise espacial evolutiva. A partir daí toda a minha atenção, enquanto pesquisador, estaria voltada para o que denominei de “Pesquisas Geoeducacionais”, associadas a três temáticas: espaço, cultura e educação, ou seja, a análise da dinâmica espacial, levando em consideração a relação entre cultura, espaço geográfico e as ações das políticas públicas e privadas na educação. Este enfoque me possibilitou conhecer melhor, como se construiu ao longo do tempo a estrutura educacional em território cearense, como também, suas práticas culturais. Iniciei, também, no mesmo período, pesquisas sobre a gênese da ciência geográfica produzida por estudiosos, membros do Instituto do Ceará. A partir desse entendimento, todos os meus projetos de pesquisa, criação e organização de eventos, orientações na graduação e pós-graduação *latu sensu* e *stricto sensu*, criação de grupo de pesquisa, visualizariam o referido enfoque e, com isso, contribuiriam para um melhor entendimento do espaço geográfico do Estado do Ceará e de outras regiões do país. (Professor Elmo, 2021, “continua”).

Partindo do mote deixado pelo professor, o ato de narrar a vida favorece a constituição da memória pessoal e coletiva, inserindo o sujeito que narra “nas histórias” e possibilitando, por meio desse exercício, uma interpretação mais profunda

de suas práticas (CEZAR, 1997). O certo é que, entre encontros e desencontros com uma “escrita de si”, lembramos, escolhemos e organizamos o discurso, para poder dizer algo sobre uma trajetória de pesquisa, uma trajetória de vida, enunciada por quem a viveu. Dentro de sua história de vida na UFC, o professor reitera os seus compromissos acadêmicos:

Ciente do meu compromisso, com processo ensino-aprendizagem ao finalizar o meu doutorado em 2006, fui convidado a permanecer no Programa de Pós-Graduação em Educação da UFC, como professor colaborador do NHIME – Núcleo de História e Memória da Educação. Esta nova possibilidade que se abria facilitava a publicação dos resultados de minhas pesquisas em coletâneas do referido núcleo de pesquisa, agora, como pesquisador doutor. Ainda, em 2006, receberia outro convite, agora do Mestrado em Geografia da UECE e que posteriormente tornar-se-ia com a aprovação pela CAPES do Doutorado em Programa de Pós-graduação Stricto Sensu completo. Convite prontamente aceito, me fez professor do PROP GEO – Programa de Pós-graduação em Geografia. Poderia assim, a partir desse momento, desenvolver pesquisas com o auxílio de pós-graduandos, sempre no enfoque que havia escolhido trilhar. Este novo degrau em minha condição de pesquisador levou-me a discussões sobre a relação entre geografia e história, apresentando ponto de vista sobre a importância da geografia no conhecimento dos lugares para a instalação de escolas, instituições de ensino superior e instituições confessionais, ao longo de nossa história nacional. Neste recordar no referido período, participei de vários eventos, destacando o evento anual maior do NHIME, o Encontro Cearense de Historiadores da Educação – ECHE, no período de 2002 a 2016, participando sempre como organizador. A nossa missão nestes eventos era realizar levantamento de fontes historiográficas, documentais, orais, impressas e iconográficas com o intuito de reconstruir a história social, situando-a no tempo (séculos XIX, XX e XXI) e no espaço e que envolvam diversos recortes do território do Ceará e Brasil. Portanto, nestes eventos nos detínhamos as possibilidades que a História e as ciências humanas como a Sociologia e a Geografia, nos apresentava que era a que permite falar, contar, narrar a nós mesmos, por meio de nosso passado e do espaço que produzimos, de nossas matrizes culturais, das ações e processos educacionais, dos conflitos e resoluções, pensados a partir de contingências e possibilidades. Dessa forma, a história e a geografia buscam desvendar as entranhas e liames da vida social, em suas dimensões econômica, política e cultural, distendidas no tempo e no espaço. O ECHE tinha a intenção de contribuir para aglutinar as iniciativas de pesquisa na área de História e Geografia da Educação das diversas universidades cearenses, favorecendo o fortalecimento de uma rede de ação institucional de pesquisa. (Professor Elmo, 2021, “continuação”).

Depois de conhecermos um pouco da escalada acadêmica do prof. Elmo e sua participação no NHIME, iremos tomar conhecimento dos fragmentos da passagem do prof. Carlos Augusto Viana no Núcleo, durante o seu doutorado.

No período entre 2015 e 2017, eu tive a oportunidade de cursar o meu Doutorado, no Núcleo de História e Memória da Educação (NHIME), vinculado ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará; antes, graduei-me em Comunicação Social e, depois, fiz o Mestrado em Letras, todos nessa mesma Instituição de Ensino Superior.

Logo em meus primeiros contatos com os professores do NHIME, deparei o compromisso de todos com a transmissão do saber, com o cumprimento da carga horária, e, antes de tudo, com o interesse em oferecer aos alunos em geral uma sólida formação acadêmica, tanto com as atuações na sala quanto com a indicação de uma vasta bibliografia, um elemento-chave para a nossa segurança no desenvolvimento da tese. Fora do espaço acadêmico, havia, ainda, os espaços de convivência, nos quais eram consolidadas as relações dos alunos entre si e também com os professores, numa rica troca de experiências. Havia, com certa frequência, lançamentos de livros, fossem estes de natureza autoral ou organizados pelos professores e alunos, num registro das atividades curriculares. Outra atividade que a mim me pareceu muito cara residiu na organização e realização de eventos do Núcleo, quer nas dependências da Faculdade, quer em outros campos universitários, tanto no nosso Estado quanto fora deste. E, como nem só de pão vive o homem, são, também, inesquecíveis as comemorações de término de semestre ou as confraternizações das festas de final de cada ano. Por fim, descortinarei os caminhos porque fui conduzido por meu Orientador, o Professor Doutor José Rogério Santana, para a seleção de elementos-chave de minha pesquisa, de que se evoluiu a seguinte tese: ANTÔNIO GIRÃO BARROSO: HISTÓRIA E MEMÓRIA DE UMA EDUCAÇÃO PELO POÉTICO. Tratou-se de uma exaustiva viagem visando à delimitação da figura ímpar de Antônio Girão Barroso, delineando, de modo deliberado, um retrato de seu tempo e de sua hora. Concentrei-me em seu percurso, tanto de homem quanto de artista, aspirando à apreensão de uma singularíssima intervenção sua no quadro cultural de nossa cidade, ou seja, sua atuação como “Professor de Poesia” – a antonomásia que, ao longo de sua trajetória, mais o identificou. Suas inquietações de homem e de artista levaram-no, na década posterior à do Grupo CLÁ – a década de 50 – a mais um empreendimento: apresentar a uma nova geração de escritores os cânones do movimento concretista. Assim, não só escreveu poemas dentro dos ditames dessa corrente literária, como, também, publicou, em jornais ou na Revista CLÁ, artigos em que colocava em discussão as experiências a que se lançavam os poetas dessa nova orientação estética. A partir disso, concentrei-me no seu papel de educador pelo poético, isto é, a maneira como sucessivas gerações de poetas dele recebeu ensinamentos, quer no campo da estética, quer nos liames dos recursos expressivos – aspectos formais e / ou estilísticos. E são exatamente seus empreendimentos vanguardistas que irão dar respaldo à relevância da pesquisa, levando-se em consideração o fato de que, quase sempre, a esponja do tempo apaga marcas e dissolve impressões. Ao resgatá-lo, portanto, ele poderia servir de modelo de tenacidade aos estudantes, leitores ou artistas de hoje, a todos mostrando que cada um de nós, com ou sem limitações, deve estar aberto ao novo, por isso, antes de rejeitá-lo, é preciso encará-lo, perscrutá-lo, para, somente depois, rechaçá-lo – se for o caso. Entanto, a empreitada não foi das mais serenas, pois, ao longo da construção destes escritos, houve algumas dificuldades, mas transmutadas em desafios. A inexaurível sede de Antônio Girão Barroso pelas novas descobertas fez com que ele se dispersasse: ora um olho na Literatura, outro no Cinema; ora, voltava-se para o jornalismo; ora, cuidava de crônicas e de artigos; quando não mergulhava na organização de congressos literários, pensava na fundação de um salão de artes plásticas. Tanta multifacetação provocou, também, a dispersão de sua obra escrita: uma parte se perdeu, tanto por meio de extravios quanto pelo fechamento de jornais, como Unitário; e Correio do Ceará, – órgãos de imprensa pertencentes ao Grupo de Comunicação Diários Associados – onde publicou poemas, crônicas, crítica literária e artigos; salientamos que muitos desses textos desapareceram, pois, à época do encerramento de suas respectivas atividades, ainda não havia o processo de digitalização, tampouco o nosso biografado conseguiu amearhar o todo de suas criações. O mesmo se deu com considerável parte de sua intensa correspondência, nas quais emitia juízos de valor acerca das inumeráveis facetas do poético ou discutia questões relativas ao momento histórico,

político e cultural, tanto da cidade de Fortaleza quanto do Brasil. Em anexo, exibi cartas a ele enviadas por Mário de Andrade, Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade – nestas, uma curiosidade: a distância temporal que separa uma das outras é indício de quanto destas cartas se extraviaram. Antônio Girão Barroso, crítico literário, costumava escrever orientações estéticas e / ou estilísticas nos livros que lhe enviavam os novos escritores, ávidos por uma voz que os acolhesse, bem como os orientasse. Mas onde estariam esses livros? E mais: uma parte significativa de suas obras encontra-se ainda inédita. Ante tais desafios, servi-me, em especial, tanto da História Oral quanto das fontes escritas: por um lado, entrevistei escritores – hoje consagrados, membros da Academia Cearense de Letras – que, no limiar de sua carreira literária, foram tocados pela leitura de Antônio Girão Barroso e também por este foram lidos. Tais depoimentos foram fundamentais para o delineamento da tese: a intervenção de um professor de poesia; por outro, pincelei diversas entrevistas de Antônio Girão Barroso a jornais de nossa cidade – por meio delas, eu tive, com mais nitidez, acesso a seu pensamento acerca das artes e do mundo –; contei, ainda, o auxílio dos 29 números da Revista Clã, além do número 0. Em meio a tudo isso, percorri as ruas da cidade de Fortaleza dos anos 40 aos 60 do século XX, recuperando suas praças, seus bondes, suas figuras folclóricas, as agremiações culturais, usos, costumes, vestuários, culinária etc. Uma aventura, deveras. (Carlos Augusto Viana, 2021).⁵

Os depoimentos dos colegas, mestrandos, doutorandos e professores, mostram fragmentos da história passada no NHIME. Nessa perspectiva, os encontros acadêmicos, os Anais, fruto desses eventos, os artigos e os livros, também são ferramentas que nos fazem revisitar e ressignificar o passado.

Assim, veremos a seguir uma amostra de exemplares da Coleção Diálogos Intempestivos. Os exemplos aqui postos não abrangem todo o campo temático investigado pelo NHIME, mas certamente aponta os fios de pensamento das linhas de pesquisa. São livros do arquivo do autor, publicados entre os anos 2000 e 2018, considerando que todos os autores foram ou são pesquisadores do NHIME.

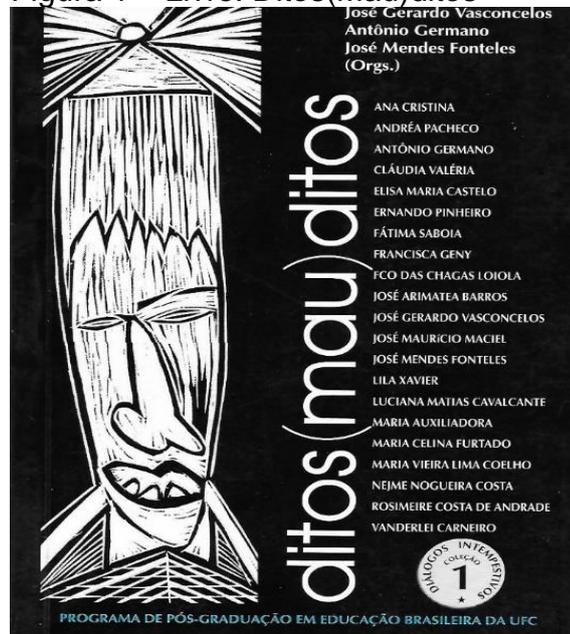
A esteira literária começa com “Ditos(Mau)ditos” (Figura 1), publicado em 2001 e organizado por José Gerardo Vasconcelos, doutor em Sociologia e professor do Departamento de Fundamentos da Educação da UFC; Antônio Germano Magalhães Júnior, doutor em Educação pela UFC e prof. adjunto da Universidade Estadual do Ceará (UECE); e José Mendes Fonteles, doutor em Educação pela UFC e prof. associado IV da UFC.

Este livro, no campo da Filosofia, trilha diversos percursos: sobre a Interpretação da Natureza em Francis Bacon; acerca da História Cíclica e História Linear em Rousseau; relativo à Filosofia Positivista de Augusto Comte; no tocante ao

⁵ Doutor em Educação pela UFC. Professor adjunto do Curso de Letras da UECE. Membro da Academia Cearense de Letras.

Sentido Histórico-Pedagógico, à recomposição do teatro e às tentativas de apreensão de seu canto, em Nietzsche; e outros caminhos filosóficos.

Figura 1 – Livro: Ditos(Mau)ditos



Fonte: Arquivo do autor (2001).

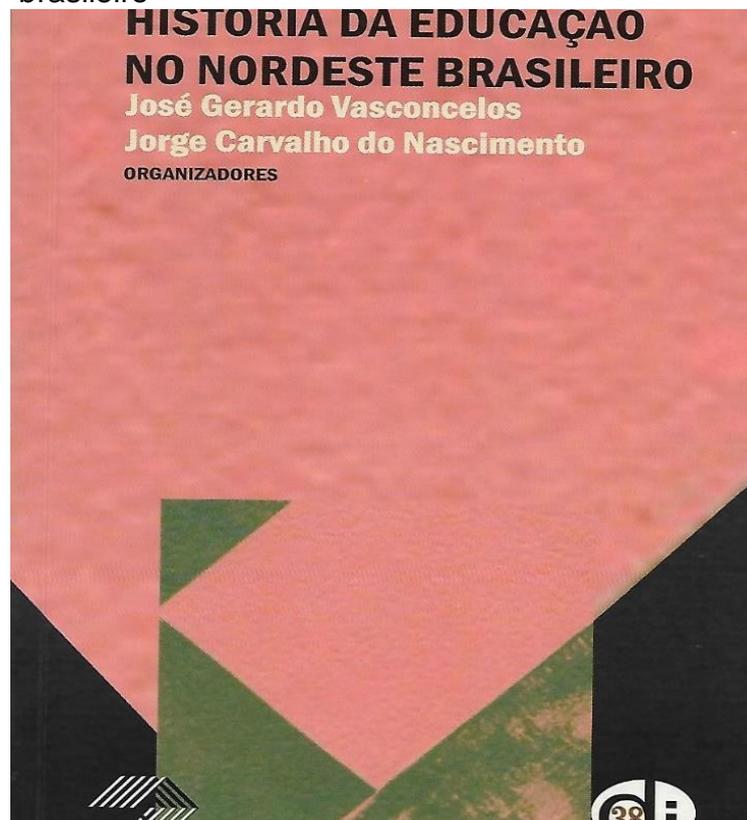
O Ditos(mau)ditos da filosofia é um alerta aos filósofos do nosso tempo. Segundo Vasconcelos, Magalhães Júnior e Fonteles (2001), a filosofia não deve ceder lugar à radicalidade, nem se deixar transformá-la em um punhado de signos e regras, que tomam forma em determinados enunciados lógicos. A filosofia deve se fazer viva, impetuosa com os seus pares e acontecimentos atuais. É o presente que nos interessa. É a realidade que se enverga, desmancha ou desencarna para dar lugar aos segredos da vida e da existência. A humanidade se encontra nua. Destituída de sonhos e saudosa de suas perdas.

O “História da Educação no Nordeste Brasileiro”, publicado em 2006, tem como organizadores Gerardo Vasconcelos e Jorge Carvalho do Nascimento, doutor em História da Educação pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC) e professor do Departamento de História da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

Neste livro os artigos destacam a História da Educação nos planos local, regional e nacional. O artigo O Campo da História da Educação no Brasil explora a conformação do campo da História da Educação no Brasil e desenha alguns aspectos de sua configuração atual (VIDAL, 2006); o estudo Sobre o Campo da História da Educação na Região Nordeste discute algumas características e produções

educacionais desta região e aponta alguns elementos referentes ao *locus* dessa produção, além do perfil da escrita dessa história e a preocupação dos historiadores quanto ao uso desse objeto de estudo (NASCIMENTO, 2006); e no âmbito local, o artigo Educação nos Cárceres do Ceará no Final dos Anos 1980 retrata a história de vida de um ex-detento e suas experiências vividas no presídio. (VASCONCELOS, 2006).

Figura 2 – Livro: História da educação no Nordeste brasileiro



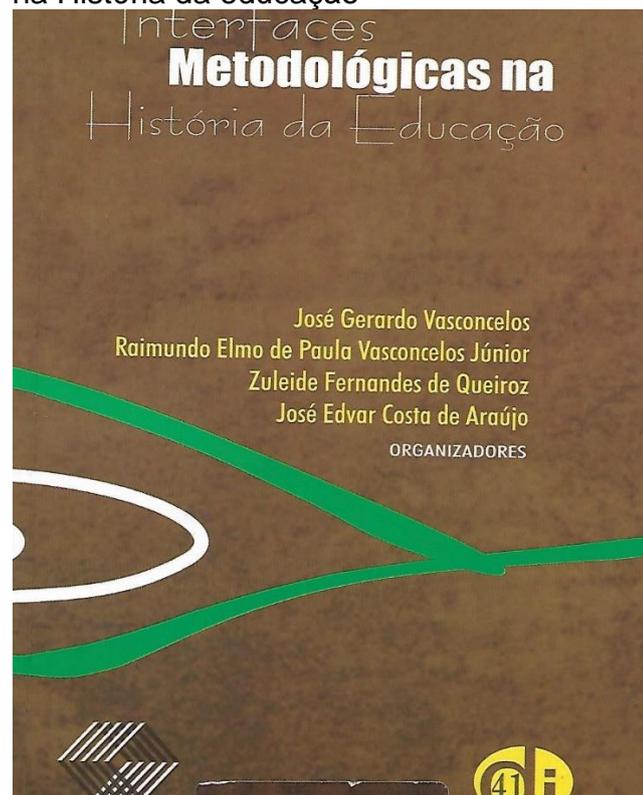
Fonte: Arquivo do autor (2006).

Os autores Vasconcelos e Nascimento (2006) afirmam que este livro traz à baila o debate sobre algumas características do campo de estudos da História da Educação na região Nordeste, também apresenta o perfil da escrita desta história, as preocupações dos historiadores, o uso deste objeto de estudo, contribuindo para a elucidação do modo pelo qual o campo tem produzido sobre a educação, as temáticas, os períodos históricos e seus critérios de seleção e os modos de explicar a história que daí decorrem.

O “Interfaces metodológicas na História da Educação”, exibido na Figura 3, tem como organizadores Gerardo Vasconcelos e Raimundo Elmo de Paula

Vasconcelos Júnior, professores do programa; Zuleide Fernandes de Queiroz, doutora em educação FAGED/UFC, professora do departamento de educação da Universidade Regional do Cariri (URCA); e José Edvar Costa de Araújo, doutorando em educação FAGED/UFC, professor da Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA).

Figura 3 – Livro: Interfaces metodológicas na História da educação



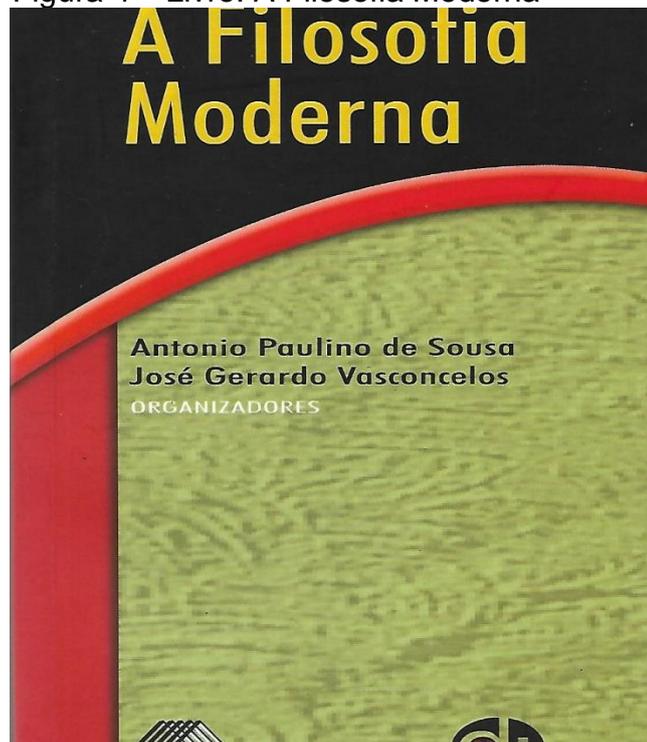
Fonte: Arquivo do autor (2007).

Em Vasconcelos et al. (2007), os textos são leituras de mundo e de educação, tentativas de racionalização do mundo. Aqui o debate está pautado sobre a afrodescendência, a história dos estabelecimentos escolares, a pesquisa biográfica, o racismo na educação e outros temas.

Sobre a história dos afrodescendentes, pauta deste trabalho, Cunha Jr. (2007) esclarece que essa história no Brasil está sendo reelaborada, fruto das necessidades de conhecimento expressas pelos movimentos sociais de maioria afrodescendente, denominados de movimentos negros. Estes movimentos existem desde o início da República e tomaram novos sentidos a partir da década de 1970, num movimento que pode ser chamado de Consciência Negra.

O “A filosofia moderna”, exposto na Figura 4, foi organizado por Antonio Paulino de Sousa, doutor em Sociologia pela Paris VII-Sorbonne e professor da Universidade Federal do Maranhão (UFMA); e Gerardo Vasconcelos, professor da UFC.

Figura 4 – Livro: A Filosofia Moderna

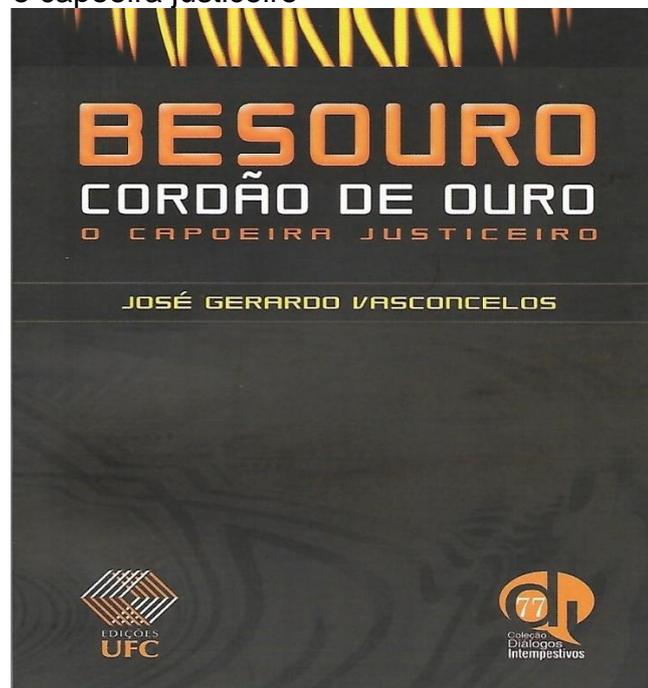


Fonte: Arquivo do autor (2008).

Neste livro, Sousa e Vasconcelos (2008) trazem questões político-filosóficas, a partir de posições e críticas de autores como Bourdieu, Adorno, Horkheimer, Habermas, Bachelard e Kant. Bourdieu, baseado nas meditações sobre a obra de Pascal, esmiuça os problemas decorrentes da razão promulgada pela disposição escolástica. (LIMA; SOUSA, 2008). Adorno e Horkheimer, a partir do questionamento sobre a racionalidade subjetiva e racionalidade instrumental, dão subsídios para um entendimento de como o pensamento moderno foi responsável pelo desenvolvimento de uma nova forma de pensar. (DUBLANTE; SILVA, 2008). Bachelard enuncia os seus pressupostos epistemológicos contra os princípios do unitarismo e substancialismo. (GONÇALVES, 2008). Kant contribui para as reflexões filosóficas a partir da crítica em relação ao problema do conhecimento. (GONÇALVES, 2008).

O “Besouro cordão de ouro – o capoeira justiceiro”, mostrado na Figura 5, conta o percurso metodológico do professor Gerardo Vasconcelos para produzi-lo. Usa as suas andanças pelas ruas estreitas da cidade baiana de Santo Amaro da Purificação e seu espírito investigativo adentrando nas casas modestas, na rotina linear e no passado quase mudo dos moradores, para obter algumas informações sobre a vida do personagem Besouro. Sua busca também se deu nos cartórios, ansioso por documentos relacionados ao nascimento, vida e morte do Besouro.

Figura 5 – Livro: Besouro cordão de ouro: o capoeira justiceiro



Fonte: Arquivo do autor (2009).

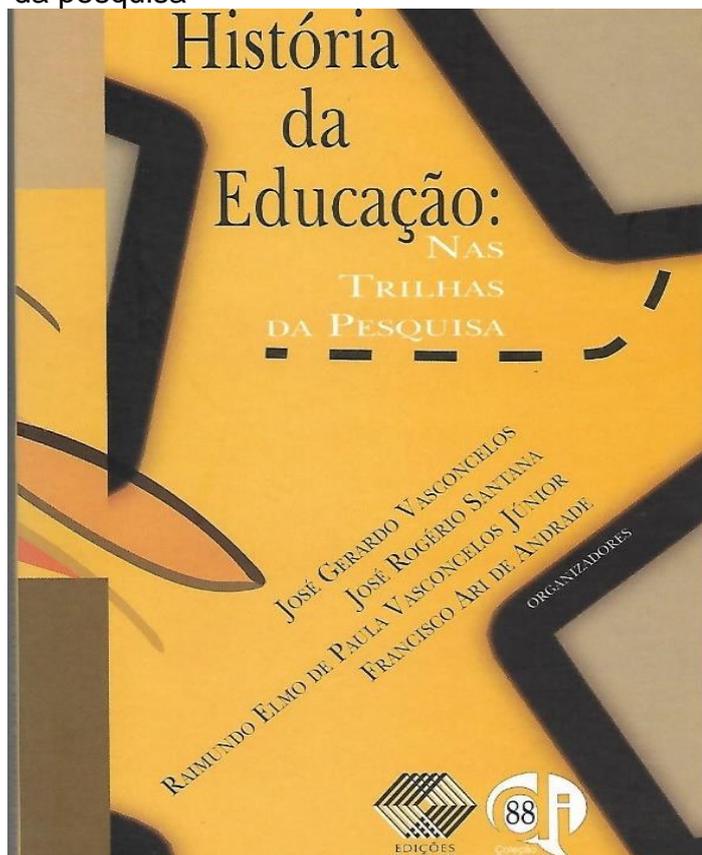
Vasconcelos (2009) coloca em foco um indivíduo que representa uma luta coletiva de todo um povo escravizado. Seu nome é Manoel Henrique Pereira, vulgarmente conhecido como Besouro. De acordo com os documentos encontrados pelo pesquisador, Besouro nasceu em 1895, baseado no processo que resultou na sua expulsão do exército em 1918, com 23 anos à época, e morreu em 1924, de acordo com documento encontrado no Arquivo Municipal de Santo Amaro da Purificação – BA.

Segundo o autor, Besouro era temido na região e representava a força do elemento negro, pela liberdade e direitos de realização de suas práticas culturais, em

oposição ao poder e aos costumes instituídos pelos grandes proprietários de terra, pela Igreja Católica e pela justiça da República Velha.

O “História da Educação: nas trilhas da pesquisa”, apresentado na Figura 6, é um livro da Coleção Diálogos Intempestivos, publicado em 2010 pela Edições UFC, e organizado pelos professores Gerardo Vasconcelos, Rogério Santana, Elmo Vasconcelos e Ari Andrade, todos da Linha de Pesquisa NHIME. Vasconcelos et al. (2010) apresentam mais um livro do Grupo de Pesquisa de História e Memória da Educação (NHIME), com resultados de pesquisas que se desenvolveram junto ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira (PPGE) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Ceará (UFC).

Figura 6 – Livro: História da educação: nas trilhas da pesquisa



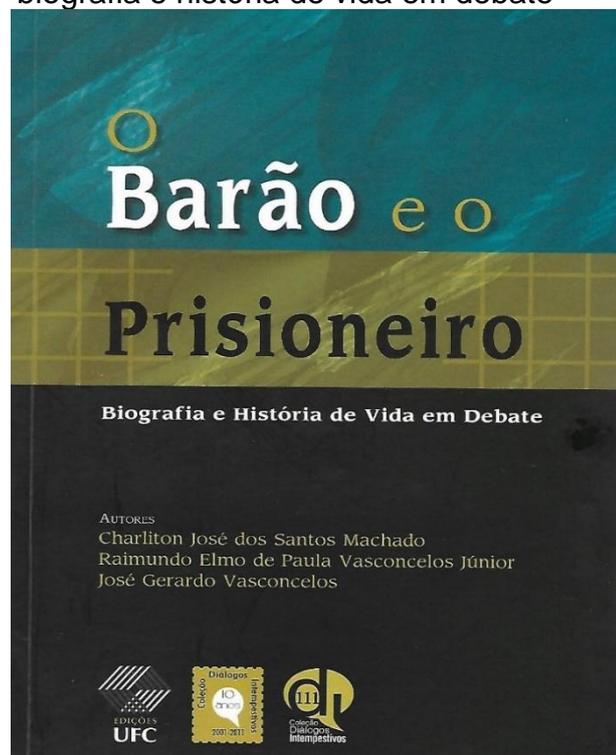
Fonte: Arquivo do autor (2010).

Este livro é uma coletânea de pesquisas que põe em pauta a evolução do ensino militar no Brasil, no período colonial de 1699 a 1808. Discute a historiografia da educação brasileira como objeto de renovação e debates intensos. Mostra a história da educação feminina no Brasil, a luta das mulheres no mundo em prol dos

direitos femininos, notadamente o direito de acesso à educação. Levanta questões sobre o processo educacional dos filhos das profissionais do sexo da cidade de Fortaleza e sobre o contexto, a gênese e os desdobramentos dos fatores influenciadores do início da educação profissional no Brasil. Examina detalhadamente a trajetória da feitura do projeto – A Campanha Nacional das Escolas da Comunidade – CNEC e o ‘entusiasmo’ pela educação no Ceará, principalmente do Ensino Secundário de 1950 a 1961, entre outras análises.

“O Barão e o Prisioneiro: biografia e história de vida em debate”, apresentado na figura 7, conta com a participação do professor Charliton José dos Santos Machado, doutor em educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), pós-doutor em educação pela Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), e atual professor associado I da UFRN. Ao lado dele estão os professores Elmo Vasconcelos e Gerardo Vasconcelos.

Figura 7 – Livro: O Barão e o Prisioneiro: biografia e história de vida em debate



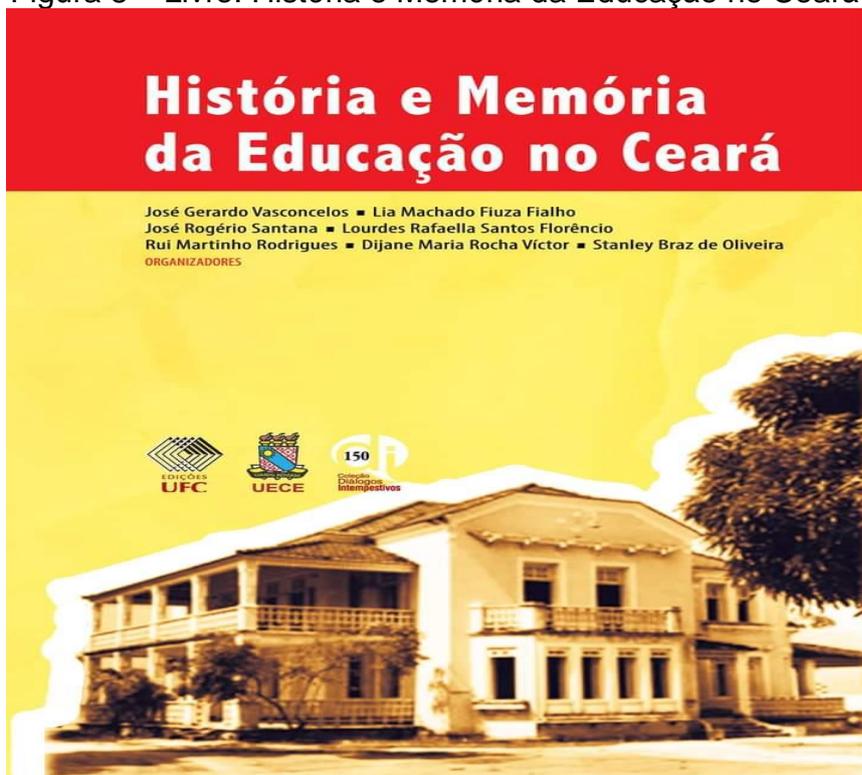
Fonte: Arquivo do autor (2011).

O Barão e o Prisioneiro descreve o estudo biográfico do Barão de Studart, médico, historiador, geógrafo, abolicionista e filantropo, um personagem dos mais destacados das letras cearenses de fins do século XIX; a trajetória de um prisioneiro;

e a análise acadêmica dos dois. Machado, Vasconcelos Júnior e Vasconcelos (2011) destacam a contribuição dos estudos biográficos à compreensão histórica. De um lado, um personagem das letras destacado em todos os campos em que atuou. De outro lado, um prisioneiro símbolo, que representa todos os prisioneiros de um sistema carcerário.

“História e Memória da Educação no Ceará”, expresso na Figura 8, é uma publicação de 2013, organizada por José Gerardo Vasconcelos; Lia Machado Fiuza Fialho, doutora em educação pela UFC e professora adjunta da Universidade Estadual do Ceará (UECE); José Rogério Santana, doutor em educação e professor adjunto da UFC; Lourdes Rafaella Santos Florencio, doutora em educação; Rui Martinho Rodrigues, professor associado da UFC; Dijane Maria Rocha Víctor, doutora em educação e professora assistente da UFC; e Stanley Braz de Oliveira, doutorando em Geografia. O livro conta com a participação de 24 autores e coletânea de 11 artigos.

Figura 8 – Livro: História e Memória da Educação no Ceará



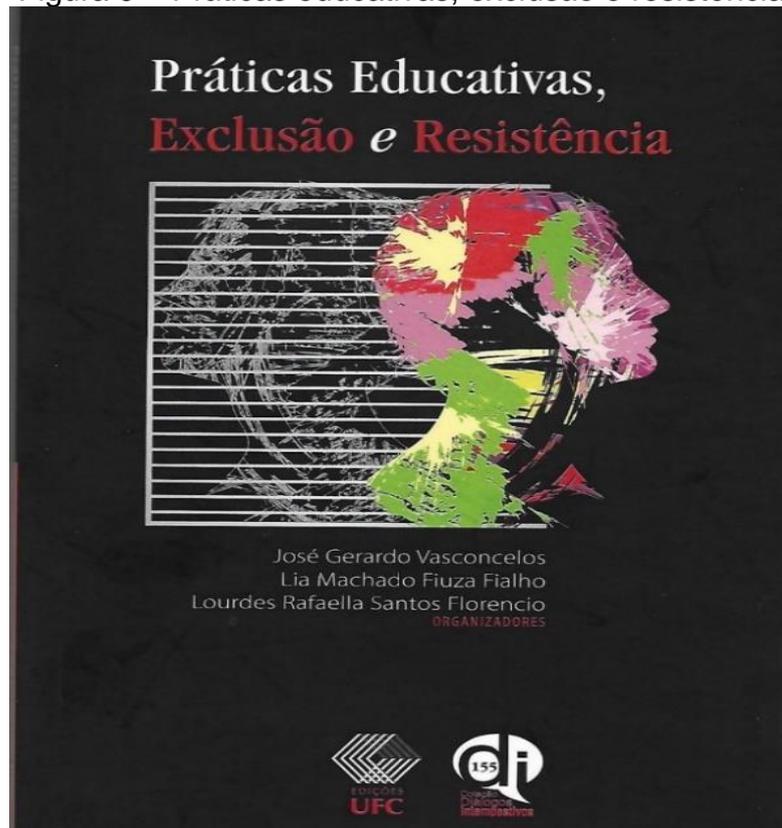
Fonte: Arquivo do autor (2013).

O História e Memória da Educação do Ceará abre um leque de opções teóricas e metodológicas, que trilham a história da educação, as histórias social, oral, cultural e política, que potencializam os caminhos epistemológicos dos pesquisadores

da educação e de outras áreas do conhecimento. Os autores discorrem sobre as instituições de ensino de todos os graus e estudos biográficos de personagens relevantes para a educação (VASCONCELOS et al., 2013).

“Práticas educativas, exclusão e resistência”, exposto na Figura 9, publicado em 2014, é um livro organizado pelo professor Gerardo Vasconcelos e pelas professoras Lia Fialho e Rafaella Florêncio. Vasconcelos, Fialho e Florêncio (2014) apresentam uma coletânea de pesquisas acadêmicas em uma perspectiva histórica e multidisciplinar, implicadas com a violência, discriminação, educação e sistema sociopolítico. Aqui se examina as sanções legais que abrangem as punições de natureza penal, administrativa e pedagógica; disserta sobre uma determinada instituição de internação para cumprimento de medida socioeducativa, entre outras reflexões.

Figura 9 – Práticas educativas, exclusão e resistência

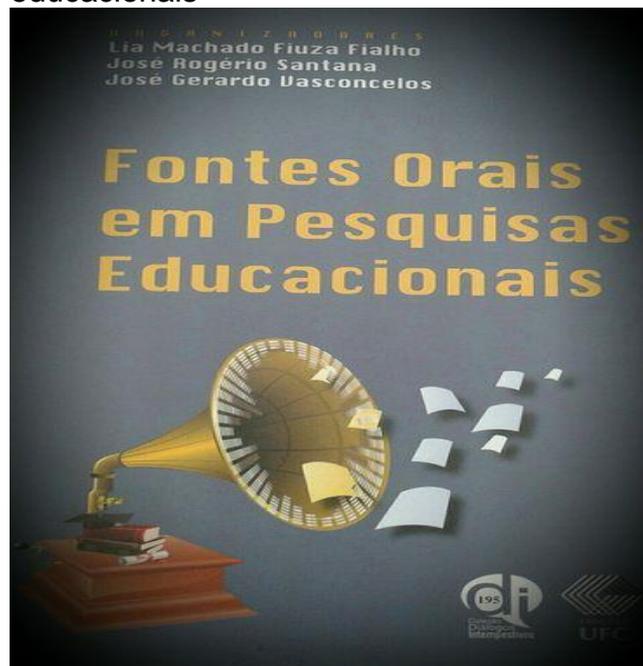


Fonte: Arquivo do autor (2014).

O “Fontes orais em pesquisas educacionais”, realçado na Figura 10, publicado em 2015, foi organizado pela prof^a. Lia Fialho e pelos professores Rogério Santana e Gerardo Vasconcelos. Neste livro podemos destacar o artigo A

Fecundidade da História Oral Temática nas Pesquisas Educacionais, que trata sobre a elaboração de projetos de pesquisa no campo da história e memória da educação, que se utilizam da história oral como metodologia. (SILVA JÚNIOR, 2015).

Figura 10 – Livro: Fontes orais em pesquisas educacionais



Fonte: Arquivo do autor (2015).

O Fontes orais em pesquisas educacionais leva o leitor a transitar por percursos compreendidos por biografias, metodologia, teoria da História, história oral, História e memória, visibilidade social e realização pessoal por meio da religiosidade e campesinato, experiência de vida e educação. Tais estudos se encontram no campo das circunstâncias históricas específicas da dimensão temporal e espacial do objeto pesquisado, analisando os contextos implicados com as estruturas e conjunturas, a ação social, os aspectos ligados à micro-história e os fenômenos macrosociais.

Outra forma de busca e expansão de conhecimentos são os encontros organizados pelo NHIME. O Encontro Cearense de Historiadores da Educação (ECHE) é o principal evento do NHIME. Resumidamente expondo, as 13 últimas edições do evento ocorreram com periodicidade anual, em diversos locais. O 1º em 2002 e o 2º em 2003 decorreram na FAGED/UFC. Em 2004, realizamos o 3º evento na UVA/Sobral. Em 2005, retornamos a Fortaleza, onde o 4º evento teria como sede, novamente, a FAGED/UFC. O 5º evento, em 2006, foi realizado em Guaramiranga, juntamente com o I Encontro Norte e Nordeste de História da Educação, obtendo o

apoio da Prefeitura local e de órgãos estaduais e federais de fomento à pesquisa. Em 2007, o 6º evento ocorreu em Aracati juntamente com o I Colóquio Internacional de História da Educação, o qual teve a presença do professor Justino Pereira Magalhães, Catedrático da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa e da professora Teresa Laura Artieda, professora titular da Facultad de Humanidades de La Universidad Nacional del Nordeste, Chaco, Argentina. Em 2008, o 7º evento ocorreu em Barbalha/CE, contando com a presença do professor Felipe Zau, Pesquisador e Assessor do Ministério da Educação de Angola.

Retornamos a Fortaleza, onde foi realizado na FACED/UFC o 8º evento, com palestras de Simon Schwartzman, ex-presidente do IBGE, professor da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e da Fundação Getúlio Vargas e de Zeny Rosendahl, professora da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisa sobre Espaço e Cultura. No 9º evento, em 2010, tornamos a UVA-Sobral e o nosso convidado para a conferência de abertura foi Jorge Ramos do Ó, professor associado do Instituto de Educação da Universidade de Lisboa. Em 2011, o evento foi realizado através de uma parceria da Universidade Federal do Ceará (UFC) e Universidade Estadual do Ceará (UECE), sendo, esta última, sede também do encontro que contou com a participação de, aproximadamente, seiscentos inscritos e do palestrante Durval Muniz de Albuquerque Júnior, professor na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN). O XI Encontro voltou para Universidade Federal do Ceará, nas dependências da Faculdade de Educação do Ceará - FACED, oportunidade em que foi lançado o I Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação, com o conferencista Marcos Antônio de Almeida.

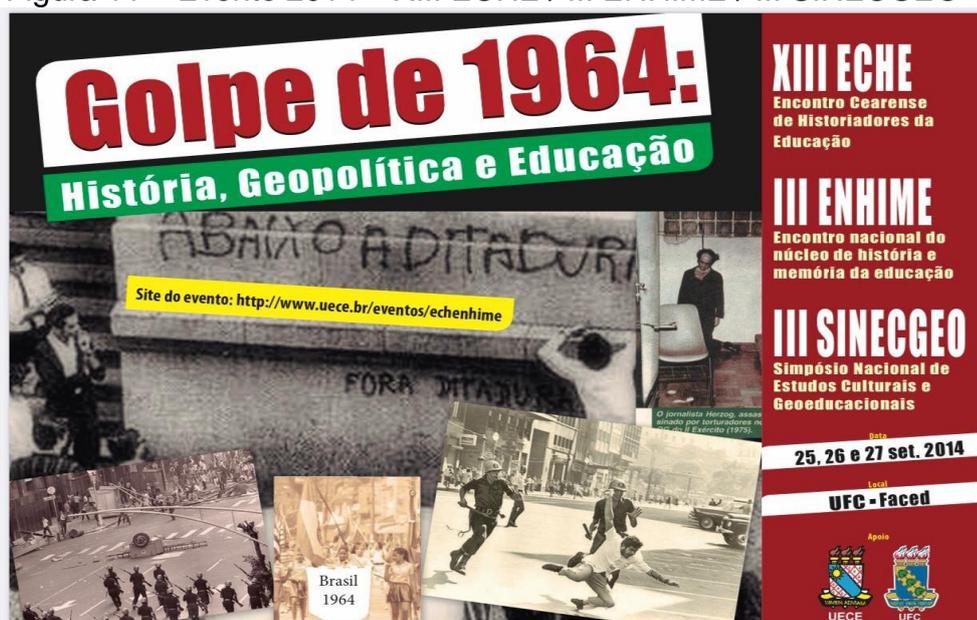
Na perspectiva de compreender os fenômenos acerca do homem e suas relações: consigo, com os outros e com o mundo, desde 2002, o NHIME vem divulgando suas pesquisas, bem como a de outros grupos afinados com a temática relacionada com suas investigações. Por meio do evento maior, pelo qual registra os resultados em publicações: artigos, revistas e livros, somando doze edições: "História e Memória da Educação no Ceará" (2002); "Biografias, instituições, ideias, experiências e políticas educacionais" (2003); "Saberes populares e práticas educativas" (2004); "História da educação: arquivos, documentos, historiografia, narrativas orais e outros rastros" (2005); "História da Educação no nordeste brasileiro" (2006); "Interfaces metodológicas na história da educação" (2007); "Vitrais da

memória: lugares, imagens e práticas culturais" (2008); "Escola e culturas: política, tempos e territórios em ações educacionais" (2009); "Tempo, espaço e memória da educação: pressupostos teóricos, metodológicos e seus objetos de estudo" (2010); "Cultura, educação, espaço e tempo" (2011); "O real e o virtual em debate" (2012); e "50 anos de Formação Docente" (2013).

Em 2014, o NHIME apresentara a temática "GOLPE DE 1964: HISTÓRIA, GEOPOLÍTICA E EDUCAÇÃO", inspirada no cinquentenário do golpe militar no Brasil, com foco na discussão da História da Educação de cunho sociopolítico, contemplar-se-á a diversidade de experiências educacionais ocorridas naquele período. A proposta é analisar as questões que se colocam em debate nas pesquisas em História da Educação, passando pelo inventário de temas, áreas, enfoques e denominações que qualificam esse campo do conhecimento. Tais pesquisas são extremamente importantes tanto para a formação acadêmica dos alunos como para a compreensão da formação do homem como ser atuante no contexto sociopolítico.

O evento "Golpe de 1964: História, Geopolítica e Educação", salientado na Figura 11, foi marcado pela coordenação simultânea de dois Encontros e um Simpósio: XIII Encontro Cearense de Historiadores da Educação (ECHE), III Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação (ENHIME) e III Simpósio Nacional de Estudos Culturais e Geoeeducacionais (SINECGEO).

Figura 11 – Evento 2014 – XIII ECHE / III ENHIME / III SINECGEO



Fonte: Arquivo do autor (2014).

A comissão de organização geral do evento foi composta por José Gerardo Vasconcelos, Lia Machado Fiuza Fialho, José Rogério Santana e Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior, doutor em Educação pela UFC e professor colaborador da UFC.

Os Anais do evento Golpe de 1964 foram formados por 09 Grupos de Trabalho (GT), 331 autores, 143 artigos e 32 resumos expandidos, com os seguintes temas:

- GT 1 – História e formação docente;
- GT 2 – Pesquisa biográfica na história da educação;
- GT 3 – Geopolítica, educação e patrimônio;
- GT 4 – Cultura, paisagem e educação;
- GT 5 – História da educação e da pedagogia;
- GT 6 – Controle, transgressão e práticas educativas;
- GT 7 – Imagem, memória e fontes digitais;
- GT 8 – Religião, poder e educação;
- GT 9 – Formação docente e pesquisa científica.

Com o tema “Centenário da seca de 1915: História, Educação e Literatura”, expresso na Fotografia 4, deu-se a abertura do XIV Encontro Cearense de Historiadores da Educação e do IV Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação no auditório da FACED/UFC.

Fotografia 4 – Abertura do evento acadêmico XIV ECHE e VI ENHIME



Fonte: Grupo do NHIME/Facebook (2015).

O XIV Encontro Cearense de Historiadores da Educação - ECHE e o IV Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória da Educação - ENHIME têm o objetivo de ensejar visibilidade à produção acadêmica de pesquisadores experientes e iniciantes, sob diferentes recortes e perspectivas, que incidam sobre a temática geral proposta: CENTENÁRIO DA SECA DE 1915: HISTÓRIA, EDUCAÇÃO E LITERATURA. De 17 a 19/09/2015 - 19h30 - Conferência de abertura: Seca de 1915: História, Educação e Literatura.- Conferencista: Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro.

Figura 12 – Evento 2015 – XIV ECHE / IV ENHIME



Fonte: Arquivo do autor (2015).

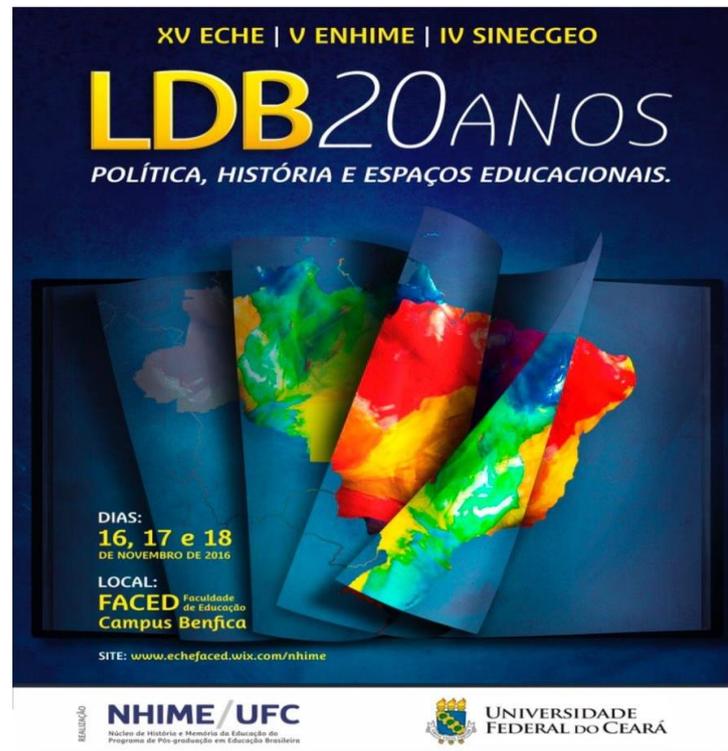
O evento Centenário da Seca de 1915 teve como organizadores o professor Gerardo Vasconcelos e as professoras Lia Fialho e Karla Colares Vasconcelos, doutora em educação pela UFC e professora da Universidade Federal de Roraima (UFRR). Os Anais do evento foram estruturados por 239 autores, que produziram 95 artigos e 25 resumos.

O evento seguinte ocorreu em 2016, com o objetivo de dar visibilidade à produção acadêmica sobre o tema educação, lembrando os 20 anos da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional nº 9394/96 (LDB). O evento aconteceu na Faculdade de Educação (FACED), campus Benfica, com o título “LDB 20 anos: Política, História e Espaços Educacionais”, cujo encontro marcou a união de três conferências: o XV ECHE – Encontro Cearense de História da Educação, o V

ENHIME – Encontro Nacional do Núcleo de História e Memória do Ceará e o VI SINECGEO – Simpósio Nacional de Culturais e Geoeducacionais.

Os organizadores do LDB 20 anos foram Bruna Germana Nunes Mota, mestra e doutora em educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC), Mônica Monteiro da Costa Vasconcelos, mestra em educação (UFC) e Danielle Rodrigues de Oliveira, mestra e doutoranda em educação (UFC).

Figura 13 – Evento 2016 – XV ECHE / V ENHIME / IV SINECGEO



Fonte: Arquivo do autor (2016).

Os Anais – LDB 20 anos – foram compostos por 06 Grupos de Trabalho, com a participação de 239 autores, cujas produções foram distribuídas em 103 artigos e 10 resumos. Cada GT correspondeu a um determinado tema:

- GT 1 – Formação de professores e pesquisa educacional;
- GT 2 – Pesquisas (auto)biográficas e seus significados educativos;
- GT 3 – Educação e patrimônio;
- GT 4 – Cultura digital e educação brasileira;
- GT 5 – História da educação, política e formação em pedagogia;
- GT 6 – Práticas educativas em espaços não-escolares.

Além da publicação de livros, Anais e organização de eventos, o NHIME exorta aos seus mestrandos e doutorandos à publicação de artigos em revistas especializadas. Tais ações geram novos campos de pesquisa e novas perspectivas de conhecimento.

Podemos identificar muitos artigos, dissertações e teses que dialogam com uma extensa esteira de objetos e fontes, bem à ideia da Escola dos Annales e da Escola Inglesa, que transformados em dados e informações fomentam o desenvolvimento do capítulo seguinte.

6 COLETA DADOS E GERAÇÃO DE INFORMAÇÕES

No momento de buscar informações e coletar dados nos damos conta da importância das tecnologias de informação e comunicação, da internet e dos repositórios científicos. As tecnologias, segundo Gerhardt e Silveira (2009), disponibilizam um grande volume e diversidade de informações, que implicam a reconstrução permanente de conhecimentos.

A aplicação de tecnologias à pesquisa em educação possibilita a pesquisa bibliográfica, a gestão e organização, a coleta de dados, o tratamento de dados e divulgação. (informação verbal)⁶. Estas informações foram imprescindíveis na busca das dissertações e teses, no Repositório Institucional Universidade Federal do Ceará (Repositório UFC), que tem como propósito, reunir, armazenar, organizar, preservar e disseminar a produção científica e intelectual da comunidade universitária pertencente à UFC. (UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ, 2020).

O repositório UFC está cotado como o melhor repositório institucional do Nordeste, ocupa o sétimo lugar no ranking brasileiro e alcança o 66º. lugar entre todos os tipos de repositórios do mundo. Ele é composto de 25 equipamentos, chamados de comunidades do repositório, entre eles estão a biblioteca universitária, centro de ciências, os campus sediados na capital e no interior do estado, os programas de pós-graduação, a Faced, entre outros:

Quadro 4 – Comunidades do repositório UFC

BU – Biblioteca Universitária
CCA – Centro de Ciências Agrárias
CC – Centro de Ciências
CCRATEÚS – Campus Crateús
CH – Centro de Humanidades
CQUIXADÁ – Campus de Quixadá
CRUSSAS – Campus de Russas
CSOBRAL – Campus de Sobral
CT – Centro de Tecnologia

⁶ Informação fornecida por Miguel Dias, no seminário Tecnologias aplicadas à pesquisa em educação, realizada no NHIME/FACED/UFC, em Fortaleza, em março de 2019.

Quadro 4 – Comunidades do repositório UFC “continua”

EU – Encontros Universitários
FACED – Faculdade de Educação
FADIR – Faculdade de Direito
FAMED – Faculdade de Medicina
FEAAC – Faculdade de Economia, Administração, Atuária e Contabilidade
FFOE – Faculdade de Farmácia, Odontologia e Enfermagem
ICA – Instituto de Cultura e Arte
LABOMAR – Instituto de Ciências do Mar
Memorial da UFC
PREX – Pró-Reitoria de Extensão
PROGEP – Pró-Reitoria de Gestão de Pessoas
PROGRAD – Pró-Reitoria de Graduação
PRPPG – Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
UFC – Especialização – Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC)
UFC – Graduação – Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC)
Z – Comunidade teste

Fonte: Repositório institucional UFC (2018).

Em todas as comunidades foram encontrados, no início da pesquisa, em 6 de set. de 2018, um total de 32.840 materiais (teses, dissertações, monografias, editoriais e artigos), sendo que 1.983 materiais foram publicados entre os anos 1900-1999 e 30.857 entre os anos de 2000-2018. Todo esse material disserta em quase todas as áreas do conhecimento, ou seja, os trabalhos acadêmicos que compõem o repositório, em sua totalidade, abordam múltiplos assuntos como informática, enfermagem, transportes, ciências dos materiais, recursos hídricos, saneamento, saúde, zootecnia, sustentabilidade, direitos fundamentais, políticas públicas, engenharia, qualidade de vida, pobreza, trabalho, política, direito, cultura, literatura, arte, mulheres, sexualidade, gênero, ensino, criança, idoso, memória, jovem, agricultura, comunicação, religião, formação de professores, educação, entre outros.

Quanto aos assuntos específicos da Faculdade de Educação (FACED), são eles: educação em geral, avaliação, ensino, formação de professores, processo de ensino-aprendizagem, trabalho, escola em geral, currículo, pedagogia, alfabetização, cultura, matemática, memória, arte, ensino superior, filosofia, política, juventude, tecnologia, professor, infância, religião, biografia, violência, história da educação, linguagem e outros.

A comunidade repositório Faced arquiva os materiais por períodos, com intervalos de 09 anos, com exceção do primeiro período de apenas 01 ano, iniciado na década de 70, do século XX, quando foi implementado o programa de pós-graduação, com a produção das primeiras dissertações. Na comunidade foram encontrados 2.396 materiais (teses, dissertações, monografias, editoriais e artigos), de 1978 a 2018, perfazendo 40 anos de arquivamento de trabalhos acadêmicos. O primeiro período vai de 1978 até 1979, com 26 materiais encontrados; o segundo inicia em 1980 e vai até 1989, com 161 materiais; o terceiro parte de 1990 e vai até 1999, e acumula 152 materiais; o quarto intervalo começa em 2000 e termina em 2009, e arquiva 467 materiais; e por último, o quinto período, com 1590 materiais. A Tabela abaixo apresenta a visualização lógica dos números de materiais, que compõem a comunidade Faced.

Tabela 1 – Distribuição de materiais, por período, da comunidade Faced

Períodos	Quantidade de materiais
1º. 1978 – 1979	26
2º. 1980 – 1989	161
3º. 1990 – 1999	152
4º. 2000 – 2009	467
5º. 2010 – 2018	1590
Total	2396

Fonte: Repositório institucional UFC (2018).

Neste repositório a busca por teses e dissertações produzidas pelo Nhime, no período entre 2000 e 2018, se deu pelo ícone dos assuntos, e posteriormente a identificação dos orientadores, uma vez que são nomes conhecidos do programa e, conseqüentemente, pelas defesas por eles orientadas. Assim, foram descobertas 109 defesas, sendo 58 dissertações e 51 teses, visualizadas na Tabela 2.

Tabela 2 – Dissertações e teses defendidas entre 2000 e 2018

Nível	Categoria	Percentual (%)	Total
Dissertação	58	53	100% 109
Tese	51	47	

Fonte: Repositório institucional UFC (2018).

A Tabela 3 mostra a quantidade de dissertações e teses, defendidas anualmente, entre os anos 2000-2018. Na primeira coluna temos o ano de defesa; a segunda coluna mostra o tipo de curso, se mestrado ou doutorado; a terceira coluna mostra a quantidade específica de dissertação ou tese defendida no ano; e a quarta coluna mostra o total de defesas naquele ano.

Tabela 3 – Dissertações e teses distribuídas por ano e categoria

Ano	Categoria	Número de pesquisas por nível	Total de defesas por ano
2002	Dissertação	1	1
	Tese	0	
2006	Dissertação	0	4
	Tese	4	
2007	Dissertação	2	2
	Tese	0	
2008	Dissertação	3	6
	Tese	3	
2009	Dissertação	2	6
	Tese	4	
2010	Dissertação	4	6
	Tese	2	
2011	Dissertação	7	8
	Tese	1	
2012	Dissertação	7	12
	Tese	5	
2013	Dissertação	3	6
	Tese	3	
2014	Dissertação	5	13
	Tese	8	
2015	Dissertação	5	10
	Tese	5	
2016	Dissertação	6	13
	Tese	7	

Tabela 3 – Dissertações e teses distribuídas por ano e categoria
“continuação”

2017	Dissertação	8	11
	Tese	3	
2018	Dissertação	5	11
	Tese	6	
Total			109

Fonte: Repositório institucional UFC (2018).

A pesquisa no repositório da UFC identificou 109 dissertações e teses produzidas pelo Nhime, das quais 52 apontam o estudo sobre as “pessoas comuns”, que serão apresentadas na seção 7.

7 RESULTADOS E DISCUSSÃO

A Tabela 4 mostra a quantidade de dissertações e teses que apresentam investigação sobre as “pessoas comuns” e os percentuais correspondentes em relação ao total de 109 trabalhos científicos encontrados no repositório da UFC, no período de 2000 a 2018.

Tabela 4 – Dissertações e teses implicadas às “pessoas comuns”

Categoria	Quantidade	Percentual (%)
Dissertação	36	33
Tese	16	15
Total	52	48

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

Após a identificação, os trabalhos foram quantificados e classificados tematicamente, a partir do entrelaçamento dos aspectos educacionais citados nos trabalhos e os campos de investigação histórica, conforme a Tabela 5.

Tabela 5 – Classificação temática das dissertações e teses

Campo de investigação histórica	Quantidade
História das pessoas com deficiência no âmbito da educação profissional inclusiva	01
História dos delinquentes: droga, delinquência e educação	01
História dos grafiteiros: resistência e educação	01
História dos pichadores e a escrita das percepções cultural e educacional	01
História dos fanzineiros e a prática da escrita	01
História dos idosos: memória social e educacional	01
História dos pescadores: educação formal e informal no ambiente natural	01

Tabela 5 – Classificação temática das dissertações e teses “continuação”

Campo de investigação histórica	Quantidade
História dos imigrantes e a contribuição educacional para o Brasil	01
História dos feirantes: práticas educativas e saberes presentes nas feiras livres	01
História dos professores e a formação docente	13
História das crianças no contexto escolar	02
História dos jovens no âmbito educacional	04
História das mulheres: práticas social, cultural e educacional	14
História dos negros e os saberes tradicionais	10
Total	52

Fonte: Dados da pesquisa (2018).

A Tabela 5 mostra os campos de estudo histórico sobre as “pessoas comuns”, representados por 36 dissertações e 16 teses, que somam 52 trabalhos e correspondem a 48% do total de pesquisas. O objetivo de identificar a presença das “pessoas comuns” nas dissertações e teses do NHIME foi alcançado, porém o estudo não se limita somente à atividade positivista. Ele suscita uma reflexão do material historiografado, que pode estar no campo do esquecimento ou de pouca visitação. Esta reflexão torna-se importante, especialmente pelo momento em que a educação está passando, cuja qualificação e intensificação das produções científicas, dos programas de pós-graduação em educação, se fazem necessárias diante das avaliações nas instituições do Ensino Superior, por parte dos órgãos competentes.

A ação reflexiva neste trabalho se debruça também sobre o campo teórico metodológico, pois nos trabalhos investigados, muitas vezes, foram identificados termos como história de vida, história oral, biografia, estudo de caso, história local, micro-história, fontes orais, narrativas orais e entrevistas. Estes termos são

estratégias básicas de investigação histórica e procedimentos metodológicos, características do estudo das “pessoas comuns” e recursos que se enquadram, a priori, em pesquisas envolvidas com os fenômenos cultural e social, e no caso das pesquisas do NHIME acrescenta-se o fenômeno educacional.

Nesse contexto, “a história oral é concebida por meio de narrativas de sujeitos sobre os mais diversos assuntos presenciados ou que, de uma forma ou de outra, deles tomaram conhecimento”. (XAVIER; FIALHO; VASCONCELOS, 2018, p. 59). Segundo os autores, a história oral é um dos recursos indispensáveis nas produções das pesquisas históricas. Ela é a própria extração das informações contidas na memória que, através das narrativas contam as ações humanas, especialmente das camadas populares e das minorias.

A narrativa histórica é escrita a partir de dados concretos e verificáveis de acontecimentos, ocorridos em um determinado período temporal e espacial. Isso quer dizer que a narrativa histórica precisa de referências para ser construída. De acordo com Canabarro (2008, p. 13),

O referente comporta toda a série de acontecimentos, de experiências que a sociedade passou. Isto tudo existe independente da vontade do historiador, pois é a coisa concreta, o que realmente aconteceu e que ficou nas fontes de pesquisa, à espera de ser desvendado.

Assim, o pesquisador narra as experiências, ações e práticas históricas por ele investigadas, que servem de referências. Estas possibilitam a construção do conhecimento histórico.

Nesse bojo, citamos a micro-história e a história de vida, onde “o recurso teórico e epistemológico da micro-história contém em seu âmago uma produção historiográfica circunscrita, direciona para pesquisas [...] de histórias de pessoas comuns e/ou sujeitos anônimos da História”. (XAVIER; FIALHO; VASCONCELOS, 2018, p. 78); e “a pesquisa da história de vida se refere à técnica de obtenção de dados referentes às experiências de uma pessoa em torno de ações sociais e sob a perspectiva histórico-cultural, possibilitando um resgate de trajetórias individuais”. (SILVA, 2013, p. 16).

A trajetória pessoal também está presente na perspectiva do método biográfico, pelo qual, afirmam Santiago e Ferreira (2013), busca-se compreender a vida de um indivíduo, visando as descobertas acerca de sua complexa história, cujas fontes para a produção biográfica podem ser orais ou escritas, para se chegar à

reconstrução de uma trajetória pessoal. Os estudos biográficos, segundo Bezerra e Lima (2014), têm contribuído valiosamente à História da Educação, porque a escrita de uma vida possibilita o aprofundamento acerca da narrativa biográfica e suas repercussões no campo de ação da educação.

Nessa linha de raciocínio, Xavier, Fialho e Vasconcelos (2018) argumentam que este recurso teórico-metodológico tem como significado a perpetuação da memória de protagonista e dos acontecimentos que os envolveram. Os autores ainda relatam que, somente na Idade Moderna, a partir do século XVII, a produção do gênero passa a ser designada de biografia, e que no século XVIII as escritas deste recurso descrevem a vida de reis e rainhas e, posteriormente, no mesmo século, passam a discorrer sobre a vida dos poetas, soldados ou criminosos. Já no século XIX, as pesquisas biográficas sofrem uma certa rejeição, por se oporem à cultura greco-romana e demonstrarem teor pouco interessante para a história universal. No entanto, a partir da metade do século XIX, o gênero biográfico volta-se para a produção de histórias dos grandes vultos da política. Mas, no final deste século, com o avanço da História social, a modalidade volta a ser rejeitada até as primeiras décadas do século XX, e retomada com a fase de historiadores da nova história. Vale salientar que, a partir deste momento, a biografia intensificou-se como linha de pesquisa histórica, inclusive na História da educação.

Esses recursos e estratégias unem as histórias das “pessoas comuns” com as dissertações e teses do NHIME, que apresentam histórias de vida de deficientes visuais, delinquentes, feirantes, grafiteiros, idosos, imigrantes, pescadores, jovens, pichadores, fanzineiros, professores, crianças, mulheres e negros, que vivenciaram e vivenciam práticas cultural, social e educacional nas escolas e universidades, lócus da educação formal; e noutros espaços, onde a educação está entremeada aos fatores religioso, social e cultural como prostíbulos, terreiros, igrejas, comunidades quilombolas e pesqueiras, rodas de capoeira, praças e ruas de centros urbanos, num total de 52 pesquisas:

- a) a História dos portadores de deficiência, inserida na dissertação: “Aluno com deficiência visual: perspectivas de educação inclusiva na História e memória do Instituto Federal do Pará – campus Belém de 2009 a 2012”, revela o processo de inserção e permanência de alunos com deficiência visual em uma das unidades de ensino do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará (IFPA). (COIMBRA, 2012);

- b) a História dos delinquentes entreposta na dissertação: “Crack – práticas educativas e culturais na trajetória de um dependente”, visa a compreensão tanto das práticas educativas como culturais dos usuários de crack e questiona o papel da família, a partir da biografia de um usuário e morador de rua, com enfoque nos contextos e trajetórias que envolvem o uso da droga, relacionados com fatos e determinantes socioculturais que contribuem para a memória e história de vida do sujeito biografado, sob abordagens teóricas dos campos da saúde, da Sociologia e da Educação. (FERREIRA, 2014);
- c) a História dos grafiteiros agregada à dissertação: “O Benfica dos grafites nos anos 2000”, foca as práticas educativas dos grafiteiros que atuam nos muros do bairro Benfica, em Fortaleza/CE, retratando os dilemas urbanos, através das inscrições urbanas. O grafite possui história, regras, vestuário e vocabulário próprios que levam os sujeitos ao aprendizado e oportunidades que podem ser aproveitadas, porém, vivem conflitos e aventuras que os levam à condição de inclusão. (PEREIRA, 2012);
- d) a História dos pichadores dentro da dissertação: “Gangues da madrugada: práticas culturais e educativas dos pichadores de Fortaleza nas décadas de 1980 e 1990”, mostra as práticas culturais e educativas construídas com o movimento das gangues de pichadores na cidade de Fortaleza, nas décadas de 1980-1990. Também diz que os pichadores são sujeitos ousados e transgressores, que usam spray e escrita para mostrarem as suas percepções à sociedade, nos campos cultural e educacional, cujo estrato moralista os tratam como vândalos, marginais e criminosos, que merecem a expurgação. (SANTIAGO, 2011);
- e) a História dos fanzineiros incluída na tese: “A experiência pedagógica de uma escritura dionisíaca”, discursa sobre a prática da escrita dos fanzines, a partir das experiências e vivências de um grupo de indivíduos do bairro Benfica, na cidade de Fortaleza, no início dos anos 2000, cujas práticas, implicadas na escritura dessa comunidade discursiva, podem ser interpretadas como uma experiência pedagógica que reatualiza o mito de Dioniso, onde são mostrados os princípios de errância e pluralidade nas sociedades contemporâneas, evidenciadas nas

manifestações dionisíacas como a boemia, a indisciplina, o culto à vida em grupo, o elogio à embriaguez e o apelo ao riso. (MUNIZ, 2009);

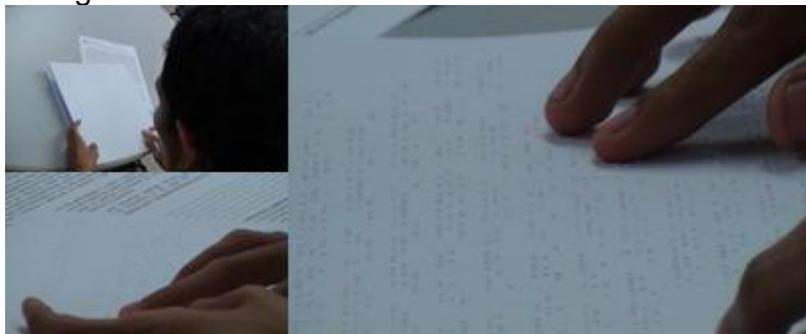
- f) a História dos idosos inclusa na dissertação: “Memória social e memória educacional: o caso do Grupo de idosos São José do bairro Seminário, Crato – CE”, se utiliza da memória dos sujeitos, que fazem parte do Grupo de Idosos São José do Seminário do Crato (CE), para a construção do conhecimento histórico, com o objetivo de entender a trajetória de vida dos idosos e a melhoria na qualidade de vida. (BRITO, 2008);
- g) a História dos imigrantes atrelada à dissertação: “Biografia de Josef Umann: memórias e contribuições educacionais de um imigrante alemão em terras brasileiras (03/11/1850 – 13/08/1927)”, questiona a contribuição de um imigrante alemão, no desenvolvimento econômico, social e educacional da comunidade de Linha Cecília em Venâncio Aires (RS), cuja história de vida, construída a partir de narrativas orais de netos e bisnetos, fontes documentais e imagéticas como atas, fotografias, poesias e livros, o nomeiam como o precursor no fomento à leitura e à educação da supracitada comunidade. (BRANDENBURG, 2015);
- h) a História dos pescadores imbricada à dissertação: “Memórias das águas: práticas educativas e culturais de pescadores artesanais nas ilhas de Abaetetuba-PA”, olha para as práticas culturais e educativas de pescadores das comunidades pesqueiras das ilhas da região de Abaetetuba (PA), com o intuito de compreender o modo de vida, a relação deles com o ambiente natural e com a educação formal e informal pertencentes ao cotidiano. Para estes atores sociais, o caminho para a educação é árduo, pois dependem das marés que controlam o fluxo de barcos motorizados ou canoas a remo. (CAETANO, 2012);
- i) a História dos feirantes entremeada na dissertação: “A Pedagogia da feira livre de São Bento: narrativas, saberes e práticas educativas na cidade de Cascavel-CE”, objetiva entender as práticas educativas e os saberes recorrentes na feira livre de São Bento, um evento social, cultural e educativo que contribui à sobrevivência de inúmeras famílias da cidade de Cascavel, no estado do Ceará. Também visa compreender as características afetivas envolvidas na relação de feirantes e suas

histórias de vida, a partir de suas experiências e práticas cotidianas. (SILVA, 2014).

Os sujeitos supracitados transitam na sociedade e nas ruas, com suas experiências e saberes. Muitas vezes não são vistos, nem reconhecidos, porém produzem e reproduzem conhecimento e cultura. Direciono os olhos para eles: por que pesquisar as “pessoas comuns”? A História precisa ser revista sempre. A História de todos que compõem as “massas inferiores” deve ser investigada, seja reavaliando o papel na História de ontem, de hoje e do que está por vir. A História é movimento, as pessoas estão em trânsito de aprendizagem. Os fatos, os valores e as normas fazem parte do crescimento e do aprendizado de direitos e deveres constituídos e adquiridos. Por este motivo, a tamanha importância de se estudar o ser humano de ontem e o de agora. Um novo ser, novos valores e aprendizado se constituem, por isso a importância da experiência trazida por todos eles, só assim podemos entender o grau de empoderamento já conquistado.

Sobre a História das pessoas com deficiência, o Brasil, segundo o censo de 2010 (IBGE, 2010), possui cerca de 46 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência: sensorial, física, mental ou intelectual, sem contar os transtornos mentais como o autismo, a psicose, a neurose e a esquizofrenia. Temos uma quantidade alarmante de pessoas vulneráveis que dependem de políticas públicas, sobretudo educacionais, para serem inseridas ou mantidas no mercado de trabalho e no sistema de ensino.

Fotografia 5 – Leitura de texto em braile



Fonte: Arquivo de Fernanda Cristina Correa Lima Coimbra (2012).

Coimbra (2012) defende que as discussões sobre as pessoas com deficiência e as abordagens contemporâneas, como a relação entre a inclusão social e escolar e a educação profissional nos institutos federais, são necessárias à

compreensão das práticas de inserção da pessoa com deficiência nos ambientes educacionais voltados para a formação profissional técnica na atualidade. Assim, as políticas devem ser efetivas, e só serão se forem baseadas em dados e informações evidentes. Para isso, é necessário que a classe acadêmica pesquise e publique artigos, dissertações e teses sobre o tema, tornando notório o papel dos programas de pós-graduação junto às pessoas ou grupos populares, que buscam um estabelecimento social.

No âmbito social, a resistência ou a infração das normas convencionais de uma sociedade torna o sujeito, autor das ações, um delinquente. No entanto, convém levarmos em consideração as condições e vulnerabilidades daqueles que se desviam do considerado lícito ou rotulados de desviantes sociais. Elencamos, entre as condições, a falta de oportunidades, a desigualdade social e a educação oferecida a esses sujeitos, que fazem parte da História dos delinquentes.

Fotografia 6 – Uso da pedra de crack em cachimbos improvisados



Fonte: Arquivo de Tereza Maria da Silva Ferreira (2014).

Para Ferreira (2014), é preciso conhecer o percurso histórico das drogas e suas problemáticas, assim como a trajetória do sujeito comprometido nos âmbitos familiar, social e escolar, somados aos esforços da saúde e da educação, para diminuir os impactos econômicos e seus efeitos na saúde e na política.

As drogas são um dos problemas sociais que afligem o Ceará e o país como todo. A infração praticada por jovens tornou-se um grande problema social no Brasil, e a violência cometida por eles cresce exponencialmente, preocupando o povo civil e o poder público. Abre-se aí o campo da delinquência, onde homens e mulheres, em sua maioria jovens, apresentam um quadro de comportamento ofensivo, e muitas vezes criminoso, completamente rechaçado pela sociedade em geral e punido pela

lei. Tais maneiras de se comportar geram estigmas, que recaem sobre a pessoa que se comporta diferente, daquilo que a sociedade considera normal ou padrão de conduta, e passa ser chamado de delinquente.

O termo delinquente é um construto que não se usa mais, acredita-se que ele está implicado de preconceito. Este forja o estigma de que uma pessoa uma vez delinquente, sempre será. Hoje, esta terminologia é questionada e usa-se no caso de menores de idade “jovens em conflito com a lei”, que cometeram em algum momento da vida um ato infracional. No caso dos maiores de idade, que infringiram a lei, procura-se também não criar estigmas como delinquente, marginal ou vagabundo.

Para eles, quando punidos, o acolhimento não é tão agradável nas unidades socioeducativas, onde cumprirão internação pela prática infracional.

Fotografia 7 – Dormitório de um centro para jovens em conflito com a lei



Fonte: Arquivo de Lia Machado Fiuza Fialho (2012).

Para Fialho (2012), a criminalidade tem crescido largamente em nosso país, por isso faz-se necessário determinados estudos que considerem as motivações de jovens, mulheres e homens cometerem práticas ilícitas, especialmente ligadas ao tráfico de drogas, com crescimento exponencial em território brasileiro, como um poder paralelo, difícil de combatê-lo, mas que é preciso minimizá-lo ou enfraquecê-lo com inteligência e não com força policial, e ao mesmo tempo ter estudos que possam entender o que se passa na cabeça destas pessoas, a vantagem de entrar neste

mundo, o que faz o ingresso e a dificuldade de sair, para que se possa fazer um trabalho político, social e preventivo.

Historicamente, o grafiteiro, sob o olhar da censura social, compõe o quadro da delinquência urbana. No entanto, é possível criar possibilidades que provoquem mudanças na relação entre a arte do grafite e a sociedade. Em São Paulo, por exemplo, o grafite é considerado uma expressão artística, pois ele integra o currículo de arte, em cerca de 100 escolas estaduais (SÃO PAULO, 2014). Neste sentido, ao invés de ser taxado, tradicionalmente, com o rótulo de delinquente, passa a ser aliado da educação, e nessa perspectiva incentiva a convivência entre as escolas, alunos e comunidades, além de preservar o patrimônio público, já que esta ação promove a conscientização de alunos e membros da comunidade.

Fotografia 8 – Grafites nos muros das Casas de Cultura da UFC



Fonte: Arquivo de Aleksandra Previtalli Furquim Pereira (2012).

Para Pereira (2012), estes grafites pertencem ao extinto coletivo *Grafiticidade*, criado em 2007, a partir de um projeto social, cuja abordagem estava pautada em metodologia de arte-educação. Outro grupo presente no Benfica, o coletivo *Acidum*, que junto com aquele se utilizavam da internet para transformarem as suas produções em material de consumo e um meio de sedução para o engajamento de pessoas no movimento. Além do *Grafiticidade* e do *Acidum*, outros grupos são encontrados na internet, o *Revolução através dos muros*, o *Viciado em Tinta Spray*, o *Paridos pelo Caos* e muitos outros.

Enquanto o grafite é coroadado, como objeto de estudo, no currículo escolar paulistano, a pichação é rechaçada pelo mesmo poder público. Isso porque a pichação suscita dicotomia e polêmica em relação a sua definição.

Fotografia 9 – Pichações do Movimento Pichação



Fonte: Arquivo de Naigleison Ferreira Santiago (2011).

Para Santiago (2011), é na madrugada que acontece o movimento dos pichadores, cujas pichações são estampadas nos muros, marquises, prédios e viadutos da cidade, com status marginalizado, pouco estudado e muito comum nas grandes metrópoles.

Alguns defendem como arte, arte urbana, outros como vandalismo, sujeira e desrespeito. Esta oposição continua viva entre os que a defendem e os que a proíbem. Para estes, é uma aversão a normas postas pela sociedade, é crime, e ao mesmo tempo, para aqueles, mostra potencial para o debate entre educadores artísticos, é expressão cultural de uma cidade. Parece-nos que o caminho viável para esta solução está na promoção de debates em sala de aula e na produção consciente da pichação.

Da mesma forma, o fanzine também pode ser trabalhado em sala de aula. O fanzine é uma publicação independente dos anos 1930, usado pelos poetas americanos na divulgação de seus trabalhos e, mais especificamente, um instrumento de manifestação dos fanqueiros ingleses dos anos de 1970.

O fanzine abrange diversos temas que compõem os universos dos quadrinhos, da música, da literatura e doutros temas inerentes às vivências e experiências dos alunos ao campo sociopolítico onde residem, à dimensão

educacional e suas dificuldades em que convivem e a muitos outros espaços físicos e metafísicos que transitam. Estes podem compor um fanzine em sala de aula, como instrumento socioeducativo e de comunicação, que os incentivarão ao engajamento social e à prática da escrita e da leitura.

Figura 14 – Livro: Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si



Fonte: Arquivo do autor (2010).

O livro de Muniz (2010), que faz parte da Coleção Diálogos Intempestivos, reúne os textos de nove autores, que refletem sobre a produção e circulação dos fanzines, e contribuem nas questões relacionadas à autoria, à subjetividade e à invenção de si na fanzinagem.

O fanzine, o grafite e a pichação estão, de modo geral, associados aos jovens. Porém, Kirkwood (2001, p. 15) profetiza: “Jovem hoje, velho amanhã.” Aquele dá pouca importância para este. O idoso, em quase todos os países desenvolvidos, é considerado um peso morto. Mas em algumas comunidades da África Ocidental quanto mais velho maior posição ele tem na escala social. Na Índia, o idoso é respeitado e tem papel importante na família e na sociedade, ele transmite sabedoria aos mais jovens. Este tratamento cordial e respeitoso pelos idosos também é constatado na China, pela contribuição à sociedade e pela experiência acumulada. Nas palavras de Brito (2008), a execução do trabalho confirmou a versão da História,

que acredita na riqueza de informações existentes na memória de idosos. São vivências e experiências que poderiam permanecer no esquecimento ou no anonimato, não fosse o trabalho do historiador. Nesse sentido, a inclusão do idoso no contexto escolar pode implicar em importantes resultados na formação de alunos e na práxis do educador.

A contribuição educacional também é estendida ao imigrante, desde o início do século XIX, com a história dos imigrantes europeus nas regiões Sudeste e Sul do Brasil, motivada, principalmente, pelo declínio e, posteriormente, pela extinção da escravidão (ESCOLA, 2019). Diferentemente da condição dos negros africanos em nosso solo, feita de forma arbitrária e violenta, contrária à vinda dos imigrantes que, segundo Prado Júnior (1970), o governo promoveu a propaganda nos países emigratórios e o pagamento do transporte de imigrantes ao Brasil. Estes contribuíram nas dimensões econômicas e culturais, a partir de novas técnicas agrícolas, variadas atividades urbanas, e claro, com a influência de seus costumes que se mesclaram à religião, culinária, arte e educação.

Para Brandenburg (2015), o tema “Imigração no Brasil” já foi bastante discutido, no entanto permear o processo de integração cultural, educacional e identitário do povo brasileiro ainda merece ser uma fonte singular de estudos e pesquisa. Assim, foi destacado o imigrante alemão, objeto da História dos imigrantes composta em nosso trabalho. Neste, realçamos também as vivências e experiências dos pescadores e feirantes que, de forma informal reproduz a cultura e incorpora a História das pessoas comuns, como fazem os professores.

Os professores, em sua maioria, não são reconhecidos, mesmo que exerçam, a partir do campo pedagógico, uma enorme contribuição para a sociedade como todo. A luta é desleal frente à estrutura precária inerente ao espaço de trabalho, à baixa remuneração e às dificuldades pertinentes ao cotidiano institucional. São essas “pessoas comuns”, que engrandecem a História da Educação, cujas histórias se apresentam:

- a) a História dos professores inclusa na dissertação: “O curso de Pedagogia da URCA, sua matriz curricular e a influência na prática pedagógica dos alunos que exercem a profissão docente”, tem como objetivos analisar a formação no curso de Pedagogia, seu currículo e a influência na prática pedagógica dos alunos, que já estão ligados, profissionalmente, à função docente; e perceber a relação professor-

aluno, a organização do trabalho em sala de aula, a identificação dos procedimentos avaliativos e a aprendizagem resultante da formação inicial. Nestas circunstâncias, esta história mostra que a formação em Pedagogia dos alunos-professores é, observação feita por eles, importante para repensar a ação didática, doravante a apreensão e compreensão das teorias e concepções trabalhadas no curso. Neste, os saberes científicos provocaram nos professores uma certa influência e mudanças de comportamento no fazer e pensar a prática pedagógica e na forma de organizar o trabalho docente. (MOTA, 2011);

- b) a História dos professores entreposta na dissertação: “Prática docente e as tecnologias da informação e da comunicação: abordagens pedagógicas de professores da Escola Governador Adauto Bezerra”, investiga que tipo de abordagem pedagógica os professores da escola pública de Ensino Médio utiliza na aplicação das tecnologias digitais da informação e comunicação no processo de ensino. Esta história revela que a sala de aula tem sido influenciada pela tecnologia, pelas redes interconectadas, pela mídia e pelo volume de informação que cercam os estudantes a todo momento. Também identifica três modelos pedagógicos, que os professores trabalham de maneira inventiva com as tecnologias digitais na docência: (1) o Construtivo Dialógico conta com as ferramentas do docente, como softwares, sites e vídeos que contextualizam o tema e o conteúdo da aula, e links com outras disciplinas e assuntos. Neste caso, o conhecimento é, reflexivamente, construído pelo aluno; (2) o Ilustrativo Expositivo-Dialógico tem o suporte técnico do microfone, notebook, caixa de som e projetor de imagens multimídias para ilustrar o conteúdo, com imagens, charges, gravuras, mapas e documentos históricos; (3) e o Instrumental Inventivo-Dialógico trabalha com ferramentas, que proporcionam a inovação e o diálogo, entre professor e aluno, nas atividades em sala de aula. (FREITAS, 2017);
- c) a História dos professores incluída na dissertação: “O professor de História e o seu saber: a experiência do programa PIBID/CAPES”, procura entender a construção de saberes ligados à formação e experiência dos estudantes do curso de História, participantes do

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à docência (PIBID), criado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Esta história mostra, resultados de entrevistas realizadas, o importante papel que o programa tem, não só na formação de professores como na interação universidade-escola, bem como a influência positiva na prática dos bolsistas-professores, em outros espaços escolares. (GABRIEL NETO, 2014);

- d) a História dos professores inserida na dissertação: “Formação docente, professor coordenador pedagógico e contexto escolar: diálogos possíveis”, assinala a importância da presença do professor coordenador no processo formativo. Este estudo envolveu a aplicação de questionários e entrevistas com 03 professores coordenadores pedagógicos de 02 instituições públicas do Ensino Médio do município de Ipu/CE, além de fontes documentais das escolas, projeto político pedagógico e o regimento escolar, cujos recursos e documentos mostraram a necessidade de uma formação contínua para os professores, a partir do próprio fazer docente, ancorada numa perspectiva sistemática e reflexiva. (ARAÚJO, 2015);
- e) a História dos professores inclusa na dissertação: “Quando a soma das partes altera o conteúdo: (des)continuidades da racionalidade técnica instrumental na formação inicial do professor de Geografia”, busca compreender a trajetória da formação inicial do professor de Geografia do curso de licenciatura plena em Geografia da Faculdade de Filosofia Dom Aureliano Matos (FAFIDAM/UECE), na cidade de Limoeiro do Norte/CE. Esta história atenta para a reflexão crítica sobre a formação e a prática do professor de Geografia. Porque os próprios docentes do curso reconhecem a necessidade de mudança do currículo e da realidade educacional, para além do capital. (DAMASCENO, 2016);
- f) a História dos professores dentro da dissertação: “Professores de História como intelectuais orgânicos críticos”, identifica as características de intelectuais orgânicos em 05 professores de História da Escola de Ensino Médio Adauto Bezerra, em Fortaleza/CE, segundo o pensamento de Antônio Gramsci. O estudo foi norteado pela observação da prática docente e entrevistas, que mostrou o intento de professores quanto à

função social e política, que é contribuir para que estudantes se vejam como sujeitos ativos na sociedade, capazes de tomar decisões como cidadãos conscientes de suas responsabilidades e compromissos sociais e políticos. (OLIVEIRA, 2017);

- g) a História dos professores entreposta na dissertação: “Narrativas docentes na escola básica atual: caminhos e contradições da prática em sala de aula”, tem o objetivo de compreender os caminhos e contradições da prática em sala de aula, que visam uma educação proporcionadora de uma sociedade justa e democrática. Esta história, por meio de narrativas e análise da prática de dois professores, evidencia a prática educativa, pautada na educação como instrumento de transformação social, que possibilita aos alunos vivenciarem situações que os tornem sujeitos críticos, autônomos e conscientes; e ressalta a prática contraditória e dissociada de bases teóricas fundamentais ao exercício da docência, de base tradicional e ineficaz à transformação social. (FERREIRA, 2017);
- h) a História dos professores inserida na dissertação: “Habitus, representação social e formação docente: a escolha profissional do curso de Pedagogia por alunos de uma universidade federal do Nordeste brasileiro”, revela a escolha, a identificação e a representação social do curso de Pedagogia, sob as concepções da praxiologia de Bourdieu e da teoria das representações sociais de Moscovici, que levam à compreensão da atual posição de alunos no campo educacional, dos seus gestos, do estilo de vida e das formas identitárias. Esta história pontua que a escolha pela Pedagogia não é a primeira opção, mas consequência da não aprovação no curso pretendido, da menor concorrência do curso, do fato de ser ofertado à noite e da vinculação de parentes com atividades voltadas à educação. (OLIVEIRA, 2018);
- i) a História dos professores atrelada à tese: “A arte como princípio educativo: uma nova leitura biográfica de Pedro Américo de Figueiredo e Melo”, ressalta, baseado na biografia e na exegese dos textos literários, filosóficos e científicos do professor e educador Pedro Américo de Figueiredo e Melo, o ensino da arte e o acesso da população brasileira à produção artística nacional e internacional, por meio da

escola pública e gratuita. Esta história expressa a importância da produção literária do autor pesquisado nos cenários intelectual e educacional brasileiros, pois preserva parte da memória da educação brasileira. (BARROS, 2006);

- j) a História dos professores-artistas imbricada à tese: “Calidoscópio: experiências de artistas-professores como eixo para uma história do ensino de artes plásticas em Fortaleza”, relata a experiência de dez artistas que se tornaram professores e o significado que eles dão à experiência docente. A pesquisa se concentra no recorte temporal entre 1944, criação da Sociedade Cearense de Artes Plásticas, e 2005, formatura dos primeiros artistas plásticos numa instituição pública de Fortaleza/CE. Esta história aponta que o desafio atual para as escolas de artes plásticas está relacionado com o norteamento da formação do artista. Portanto, o processo de formação exige reflexão mais consistente durante as experiências estéticas. (MACHADO, 2008);
- k) a História dos professores inclusa na tese: “Formação contínua e práticas de leitura: o olhar do professor dos anos finais do ensino fundamental”, disserta sobre o processo formativo no cotidiano escolar do ensino fundamental, na cidade de Aracoiaba/CE, a partir da visão de professores que participavam de um grupo de formação. Eles ressaltam a importância da formação como projeto coletivo, que produz novos conhecimentos, e posteriormente agregados à prática docente, e que a formação deve ser pensada e efetivada como uma ação contínua. (MARTINS, 2014);
- l) a História dos professores anexada à tese: “Intelectuais, professores e artistas: práticas educativas, arte engajada e o Massafeira Livre – (1955-1981)”, analisa, através de entrevistas, memórias e trajetórias individuais e coletivas de alunos e professores, as interfaces entre o movimento intelectual, político, artístico e cultural, na cidade de Fortaleza, nos anos de 1960 e 1970. Cujas experiências e formação nas instituições de ensino escolar e universitária influenciaram o processo educativo e artístico nesse período, além da inserção desses artistas na indústria cultural. Contudo, com o golpe militar de 1964, alguns dos artistas se engajaram na luta armada, outros buscaram a segurança do emprego e

do salário como professores na Universidade Federal do Ceará, outros rumaram na direção das artes cênicas e das artes plásticas, e alguns se tornaram artistas conhecidos na música. (CASTRO, 2014);

- m) a História dos professores agregada à tese: “Joaquim Nogueira: percurso profissional, práticas pedagógicas e projetos educacionais – (1904-1934)”, descreve a história de vida de Joaquim da Costa Nogueira, professor dedicado à educação em Fortaleza, no período de 1904-1934. Foi fundador do Instituto de Humanidades (1904) e do *Collegio Nogueira* (1918), marcos na história da educação do Ceará. Além disso, foi responsável, junto com o seu pai José Mendonça Nogueira, proprietário da *Typhographia Escolar*, por publicações de cunho didático e outros gêneros como a Revista escolar, o Anno escolar, o Baralho arithmetico, As lições progressivas das primeiras letras, Lições de arithmetica, o Anuário cearense, o Jornal Bandeirante e o Indicador cearense. Esta história destaca a relevância da trajetória profissional de Joaquim da Costa Nogueira à História da Educação no Ceará. (BEZERRA, 2015).

Vê-se nas Histórias dos professores uma pluralidade de contextos, temas e fontes, dignas de pesquisa, pois no campo pedagógico elas mostram conhecimento sobre a aprendizagem humana e sobre os recursos educacionais. (ILLICH, 1985). Nessa perspectiva, podemos citar dois exemplos contidos nos estudos apresentados: o primeiro aborda a influência dos saberes científicos nos professores da URCA, provocando mudanças de comportamento no tocante à prática pedagógica e à organização do trabalho docente (MOTA, 2011); e o segundo ressalta o uso das tecnologias digitais nas abordagens pedagógicas, para lidar com a relação dos estudantes e a enxurrada de informações ininterruptas (FREITAS, 2017). Estas são experiências indispensáveis para um efetivo processo histórico.

A Fotografia 10 mostra um determinado professor exercendo a prática da profissão, em sala de aula, que podemos chamar de Prática Pedagógica. Esta vai além do processo de ensino-aprendizagem, pois envolve a questão da formação do próprio profissional e dos alunos, e as expectativas destes. Como mostra a pesquisa de Ferreira (2017), quando argumenta sobre a prática que os professores realizam em sala de aula com vistas a uma educação que possibilite a construção de uma sociedade mais justa e democrática.

Fotografia 10 – O professor no exercício da profissão



Fonte: Arquivo do autor (2013).

Qual a importância histórica dos professores e por que pesquisar sobre eles? É importante para entender o que é ser professor. Este entendimento é um aspecto relevante, entender o que é ser professor, porque existe uma ideia de que qualquer pessoa que saiba alguma coisa, pode ser um professor. Será realmente que qualquer pessoa pode ser um professor? Se qualquer pessoa pode ser um professor, para que existem cursos de ensino superior para formar professores? Sobre estas questões, o professor Dieb reflete e emite o seu ponto de vista:

Se pensarmos da seguinte maneira: se não é qualquer pessoa que pode ser um médico e existe um curso de medicina que o forma, então, talvez não seja verdade que qualquer pessoa possa ser um professor, já que tem um curso que forma os professores, que são as licenciaturas. Há uma relação interessante entre o professor e outros profissionais, pois, para existirem estes é preciso que antes exista aquele, enquanto profissional, quer dizer, ele é um profissional de quem as outras profissões dependem, tanto que o exercício de sua profissão ou a sua função não é um ministério, mas um magistério, que é o maior de todos os ministérios. Ela é uma profissão que, a partir dela ou do trabalho deste profissional, se legitimam as demais profissões, porque todos os profissionais passaram, ou pelos menos deveria, em tese, passar pelo profissional da educação, que é o professor. Outro questionamento significativo: como é que a mais importante das profissões, que forma todos os outros profissionais, é uma das mais desvalorizadas? Esta é outra razão para se pensar a necessidade de pesquisar sobre o professor e sobre o papel deste na sociedade, porque na sociedade, principalmente àqueles que, para ser quem são dependeram dos professores, e hoje deslegitimam, e muitas vezes ofendem o profissional professor. (Messias Holanda Dieb, 2020).⁷

De acordo com o depoimento, são muitos os aspectos sobre o professor que podem ser abordados, pois nem sempre existiu esta profissão. Ela ganhou força

⁷ Doutor em educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e professor associado II da UFC.

profissionalmente depois de um certo tempo, mas enquanto prática sabemos a respeito desta atividade nas primeiras sociedades, como relata Monroe (1984, p. 01),

A educação, em sua mais simples forma, é encontrada nas sociedades primitivas de selvagens e de povos bárbaros. Aí não se acha escola, nem método de educação conscientemente reconhecido como tal, mas somente a mais ligeira diferenciação de uma classe docente.

Esta classe era formada por xamãs, feiticeiros, curandeiros, entre outros, considerados os professores mais primitivos.

Na Grécia Antiga existiam aquelas pessoas que eram responsáveis por formar outros sujeitos. Por exemplo, Aristóteles quando fundou a academia, a elite grega estudava com ele, ou seja, ele era, naquela época, um professor sem necessariamente ser chamado de professor. E se vasculharmos a história dos antigos egípcios, encontraremos a figura do mentor, encarregado de passar algum conhecimento para outros. Então, significa dizer que é uma profissão das mais antigas, que sempre existiu, que sempre a sociedade encarou como necessária, mas ela só foi se legitimar, enquanto profissão, muito tempo depois, porém, ainda hoje é questionada a posição do professor.

Para Freire (1996), o educador e a educadora críticos podem demonstrar, a partir do curso que coordenam ou do seminário que lideram, que é possível transformar o país. Eles, enquanto democráticos, coerentes, competentes, que têm a esperança no mundo melhor, que atestam sua capacidade de luta e que respeitam as diferenças, sabem o valor que têm para a modificação da realidade. Sabemos que os fenômenos sociais, culturais e educacionais se desenvolvem no percurso histórico.

No domínio da História, é pertinente informar que as pesquisas seguintes sobre as crianças, as mulheres e os negros pertencem ao campo da História das “pessoas comuns” e ao terreno das minorias, cuja fragmentação engendra: História das crianças, História das mulheres e História dos negros.

Os historiadores atuais vislumbram uma totalidade histórica, eles se interessam pelas discontinuidades entre séries parciais de fragmentos de história em lugar da continuidade da evolução histórica, em que pese o pensamento de Dosse (1994) ao dizer que à universalidade do discurso histórico opõe-se a multiplicação de objetos em sua singularidade, objetos oriundos da exclusão, importantes agentes históricos como as crianças e os jovens. Estes são objeto de pesquisa nos trabalhos que denominamos a História das crianças e dos jovens no contexto educacional:

- a) a História das crianças dentro da dissertação: “Narrativas de professores da Creche da Madame, no município de Horizonte-CE: espaço e formação integral da criança”, analisa, a partir da história e memória dos professores, a formação integral das crianças e a importância deste espaço para a vida política, social e educacional da cidade. Esta história destaca a contribuição da creche à comunidade quanto a conscientização dos direitos à educação, invariavelmente negada a certos estratos sociais. (CASTRO, 2017);
- b) a História das crianças inclusa na dissertação: “O ambiente escolar e a relação com o saber: história de vida, memória e narrativas de alunos do ensino fundamental”, ressalta as narrativas de alunos do ensino fundamental de uma escola do município de Pacajus/CE, analisadas como instrumento histórico para o entendimento da representação da sala de aula e a relação que eles fazem desta com o saber, cujo resultado, apontado pelo autor, diz que os alunos envolvidos numa atividade que propõe a produção de narrativas, história de vida e memória, se sentem parte integrante do processo escolar, elevando o sentimento de pertencimento à escola e da autoestima, uma vez que se sentem como protagonistas do processo de ensino-aprendizagem. (LIMA NETO, 2016);
- c) a História dos jovens inserida na dissertação: “Narrativas dos alunos do Centro de Educação de Jovens e Adultos Professor Gilmar Maia: móveis e sentidos na relação com o saber”, mostra os elementos de mobilização e os sentidos que os impulsionam a permanecerem na escola, a saber: pressão familiar e social à conclusão do ensino básico; melhor posição no mercado de trabalho; gosto pelo estudo; e oferta dos sistemas de educação para jovens e adultos, que é melhor do que a escola regular. (NASCIMENTO, 2017);
- d) a História dos jovens anexada à tese: “A experiência socioeducativa de internação na vida de jovens em conflito com a lei”, relata a história de vida dos jovens institucionalizados numa unidade socioeducativa, chamada Centro Educacional Patativa do Assaré – CEPa, no município de Fortaleza/CE, em cumprimento de medida de internação pela prática de ato infracional. Também investiga a atenção e a punição voltadas

para esses jovens, por parte do Estado. Esta história denuncia uma certa percepção negativa referente à experiência de internação, considerada uma perda de tempo. (FIALHO, 2012);

- e) a História dos jovens incorporada na dissertação: “Pornografia de vingança em redes sociais: perspectivas de jovens vitimadas e as práticas educativas digitais”, destaca a importância da internet e o acesso a informações em tempo real. Porém faz um alerta dos perigos, chamados crimes virtuais. Neste sentido, o estudo procura problematizar as Práticas Educativas Digitais (PEDs) em relação aos crimes virtuais, especialmente com a pornografia de vingança, visando a contribuição que elas podem promover a favor da prevenção da exposição de jovens na WEB. Esta história relata que a expansão da internet e a facilidade de comunicação, por intermédio de mensagens em aplicativos, provoca a difusão, inconsequente, da pornografia. (MOTA, 2015);
- f) a História dos jovens inclusa na tese: “Vou pra rua! Narrativas de formação de jovens estudantes das escolas do centro de Fortaleza nos anos 1980”, analisa as experiências e vivências, além-muro escolar, de jovens estudantes, evidenciando o processo educacional de formação proporcionado por estes espaços, onde a educação, na espacialidade e temporalidade citadas, era considerada como rito de passagem para o amadurecimento de jovens, frequentadores do centro da cidade. (SACRAMENTO, 2017).

Os atores infante-juvenis, como sujeitos históricos, foram invisibilizados pela História tradicional. A ideia de infância não existia na Idade Média, as crianças até aos sete anos eram vistas como animais ou miniaturas de adulto. Contudo, a infância foi descoberta na França, durante o século XVII, quando documentos e cartas apresentaram interesse de adultos pelo comportamento das crianças. Sobre estas, os estudos de Philippe Ariès (1981) contribuíram à inserção da infância no mapa histórico e estimulou a produção de novas pesquisas sobre a história das crianças, em diferentes regiões e períodos.

Ao longo da história a criança foi valorizada, enquanto os jovens, na visão contemporânea de Bauman (2013), já não fazem parte do discurso sobre a promessa de um futuro melhor, hoje estão incluídos na relação dos quase totalmente dispensáveis, a não ser pelo potencial de consumo. O jovem é visto como um novo

mercado a ser explorado, por meio de uma cultura que comercializa todos os aspectos da vida das crianças e dos jovens, através das novas tecnologias digitais. No entanto, sabemos do poder educativo das tecnologias digitais para evidenciar as dimensões sociais, políticas, culturais e outros aspectos relacionados à infância e juventude.

Sobre a investigação que compreende as crianças e jovens, vejamos a opinião de um educador, valorizando a nossa discussão:

A pesquisa envolvendo crianças e jovens se constitui um tema muito amplo, pois podemos abordar a maternagem, o desenvolvimento, a interação, a proteção, a saúde, a educação e outros aspectos. Ao centrarmos a visão pesquisadora para a educação, uma vertente importante está na possibilidade de se trabalhar no domínio do conhecimento histórico, a partir da pessoa ainda criança. Como educador, tenho visto que as pessoas relegam a segundo plano este tipo de conhecimento. A tradição histórica, sob a ótica escolar, contribui bastante para esta visão, uma vez que crianças, jovens e adultos a compreendem segundo uma linearidade renitente, cuja tônica principal é a cronologia. (Alles Lopes de Aquino, 2020)⁸.

Tendo em vista esta breve explanação, torna-se importante a realização de estudos que aprofundem a relevância de se pesquisar crianças e jovens acerca do seu conhecimento sobre a História, levantando questionamentos que as façam pensar sobre o papel desta ciência em suas vidas, para além do aspecto didático e pedagógico.

O campo de estudos sobre as crianças foi negligenciado pela História tradicional, assim o foi das mulheres. Estas compõem o campo histórico denominado História das mulheres. Uma ideia seguida pelo NHIME, cujas pesquisas foram intituladas neste trabalho de História das mulheres: práticas sociais, culturais e educacionais:

- a) a História das mulheres inclusa na dissertação: “Quem te ensinou a fazer renda? A cultura dos morros da Mariana-PI como influência na educação pela renda de bilros”, narra a trajetória de vida de duas professoras de renda, cujo objetivo é compreender, sob o prisma da educação, a produção da renda de bilro⁹, a transmissão deste costume pela tradição oral e de como a cultura age sobre o ensino-aprendizado não formal e informal deste ofício. Esta história pontua dois itens: (1) as meninas começam a praticar o ofício, aos seis ou sete anos, com as tramas mais

⁸ Mestre e doutor em educação pela Universidade Federal do Ceará. Professor da Secretaria da Educação do Estado do Ceará.

⁹ Bilro é uma peça de madeira ou metal usada para cruzar os fios têxteis.

elementares, e gradativamente trabalham os pontos e modelos complexos, até que o tempo e a acumulação de experiências as transformem em professoras, com metodologia e didática particulares; (2) e estas mestras do ofício da renda transmitem construtos culturais que intervêm na cultura do lugar. (MENESES, 2009);

- b) a História das mulheres incluída na dissertação: “CEFAM: Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento ao Magistério: homoerotismo, (in)disciplina e panoptismo – histórias de vida de jovens normalistas em regime integral no Instituto de Educação do Ceará (1992-1995)”, foca as práticas de homoerotismo, (in)disciplina e panoptismo¹⁰ das histórias de vida destas mulheres envolvidas com o projeto de formação de professores no Instituto de Educação do Ceará. A pesquisa versa sobre as práticas e resultados educacionais do programa pedagógico, como também as emoções e sentimentos inerentes aos relacionamentos entre as internas, que afetam o estilo e o sentido das práticas e condutas disciplinares durante o curso. Esta história ressalta o tempo e o espaço no interior da entidade. Tempo de estudo e de ócio, espaço da escola e da rua, são tempos e espaços permitidos e proibidos, e sujeitos que podem, quando e onde transitar. Estas práticas são aprendidas e naturalizadas, que constituem numa identidade escolarizada das internas. (CAMPÊLO, 2009);
- c) a História das mulheres entreposta na dissertação: “Trajetórias de formação e profissionalização de professoras leigas do município de Itapiúna/CE”, foca as vivências e experiências destas mulheres no campo da docência, ao mesmo tempo que cursavam os ensinos de primeiro e segundo graus, no período de 1960 a 1990, quando ficaram evidenciadas as dificuldades frente as condições precárias de trabalho, por conta de elementos do contexto histórico e geográfico da região. (ARAÚJO, 2010);

¹⁰ Panoptismo é uma estrutura organizacional de controle de ações em que o sujeito, sentindo-se vigiado, acaba por instituir a disciplina institucional. Fonte: <<http://www.achando.info/significado/63118/panoptismo.html>>.

- d) a História das mulheres entremeada na dissertação: “Saberes e práticas das professoras do 5º. Ano, matéria prima para a aprendizagem matemática das crianças”, verifica se os saberes e práticas destas mulheres se transformam em aprendizagens das crianças, segundo os indicadores do Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB). O estudo demonstrou que os saberes e práticas de professoras embasadas por uma formação permanente, qualificada e focada na aprendizagem dos estudantes, somada a condições adequadas são determinantes para o resultado positivo. (SILVA, 2011);
- e) a História das mulheres imbricada à dissertação: “Narrativas biográficas de Dandara Aragão: práticas educativas informais, prostituição e o uso de drogas em bordel do centro da cidade de Fortaleza”, questiona a partir das narrativas biográficas de Dandara Aragão, uma profissional do sexo e professora de alfabetização e de dança, se as práxis educativas podem ser identificadas na zona do meretrício, e se este espaço pode ser considerado como construtor de saberes. (MATOS, 2016);
- f) a História das mulheres atrelada à dissertação: “O zinidor ‘silencioso’ das mulheres negras de Floriano/PI”, foca a contribuição da educação informal para a construção de uma cultura da mulher negra, doravante os aprendizados do cotidiano destas mulheres. (SOUSA, 2016);
- g) a História das mulheres inserida na dissertação: “Memórias e narrativas da Escola Normal do Sagrado Coração em Ubajara-CE”, narra a formação da primeira turma de mulheres normalistas da Escola Normal do Sagrado Coração da cidade de Ubajara, nos meados do século XX. Este evento representou uma mudança significativa para as mulheres-estudantes menos abastadas, que não podiam sair da cidade para o prosseguimento dos estudos. A história foi tecida com narrativas orais de quatro discentes e duas professoras, de documentos escolares, livros de atas da Câmara Municipal, livro de tombo da paróquia de São José de Ubajara, fotografias e documentos de arquivos pessoais das normalistas. (CRUZ, 2017);
- h) a História das mulheres anexada à dissertação: “Narrativas da professora Ruth Cavalcante: lições de educação, de militância e exílio no período 1960 a 1980”, narra a história de vida da professora Ruth

Cavalcante nos momentos de sua formação, militância e exílio no período do regime militar no Brasil. (RICARTE, 2018);

- i) a História das mulheres enquadrada na dissertação: “Da roça à cartilha: trajetórias profissionais de professoras leigas rurais de Lavras da Mangabeira (1972-1992)”, conta que estas mulheres, como profissionais da educação com salários baixos, eram obrigadas a se manterem como agricultoras, artesãs ou vendedoras de leite, pão e queijo para sobreviverem e continuarem a formação docente. (CAMPOS, 2018);
- j) a História das mulheres insertada na dissertação: “A identidade profissional de professoras da educação básica: sentidos e significados atribuídos à docência”, aborda a constituição identitária destas mulheres, suas histórias de vida, sentidos e significados atribuídos à docência. Esta, segundo a autora, é a única opção para mulheres com espaços e recursos limitados, aliados à necessidade de outras atividades remuneradas, para suprir o cuidado da casa e dos filhos. (GUIMARÃES, 2018);
- k) a História das mulheres enxertada na tese: “Mulheres beletristas e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense – de 1862 a 1935”, retrata a trajetória biográfica da escritora e educadora Francisca Clotilde, que a exemplo de outras mulheres literatas e educadoras como Alba Valdez, Ana Facó, Ana Nogueira Batista e Emília Freitas, buscou o seu espaço na literatura e na educação no meio da intelectualidade masculina no Ceará provinciano, onde as vontades e os desejos femininos não eram observados. O estudo reconstrói a história da educação quando resgata a história de mulheres beletristas e educadoras, com informações e contribuições de uma época e de uma sociedade como todo, para o universo intelectual cearense, através de fontes primárias obtidas em arquivos (público e particular), fontes secundárias como jornais da época, documentos da instrução pública, diário íntimo, obras acadêmicas sobre a biografada e obras literárias de sua autoria. (ALMEIDA, 2012);
- l) a História das mulheres unida à tese: “A tradicional Escola Normal Cearense chega ao bairro de Fátima: formação das primeiras

professoras primárias (1958-1960)”, disserta sobre a formação das primeiras professoras primárias em 1958-1960, cujos objetivos envolvem a compreensão do currículo, dos aspectos pedagógicos, do planejamento de aulas e da preparação da prática docente ou tirocínio das normalistas. (ARAÚJO, 2014);

m) a História das mulheres agregada à tese: “O ‘reino da glória’ e a moral católica: memórias sobre a educação feminina e a prostituição na cidade de Crato-CE”, discute a relação da educação feminina, a prostituição e a moral cristã na cidade do Crato/CE, nas décadas de 1950 a 1970, quando aborda o cotidiano da Rua da Saudade. Um lugar social ocupado por mulheres e homens, que praticam a socialização, em especial a prática da prostituição numa cidade marcada pela moral cristã, imposta pela Diocese do Crato, preconizada pelo jornal A ação, com o intento de pôr fim aos prazeres e pecados no coração da cidade. (FLORENCIO, 2016);

n) a História das mulheres incorporada na tese: “Cultura da beleza: prostituição, corpo e práticas educativas”, utiliza-se de narrativas, observação e entrevista para narrar a história de 17 profissionais do sexo, dos prostíbulos do centro de Fortaleza/CE, e a relação delas com as práticas educativas, a partir dos saberes e experiências do uso da beleza na construção do corpo belo e atrativo. (ARANHA, 2018).

Acredita-se que a História das mulheres tenha surgido na década de 1960, com a militância feminista encabeçada pela academia, o que pode ser dito que este campo de estudo tem o seu início ligado à política. Nessa perspectiva, Cardoso e Vainfas (1997) sinalizam que os movimentos feministas deram origem às reivindicações das vozes femininas, forjando um volumoso número de perguntas por parte de estudantes e docentes. Estes propuseram a criação de cursos nas universidades voltados para o estudo das mulheres. Foram a partir desses cursos e encontros para refletir acerca da posição das mulheres na sociedade, que muitas pesquisas surgiram sobre a condição das mulheres, de sua sexualidade, de seus direitos de cidadania, de suas ações, de suas lutas e diversas atuações nos âmbitos doméstico e público.

Por que pesquisar sobre as mulheres? Porque a mulher, segundo as palavras de Paula e Silveira (2014), é parte de um tratado de fundamentos teóricos,

sociológicos e culturais sobre a luta de sua dignidade e sobre o aspecto cultural em que ela está inserida, como pessoa e como ser útil e capaz à atividade produtiva. Porque a mulher posta na condição de objeto e sujeito da História, como foram postas as pessoas comuns, os camponeses, os operários e os escravos, multiplicam os focos de investigação histórica. (CARDOSO; VAINFAS, 1997). Para eles, as mulheres não poderiam ficar de fora, devido a importante trajetória por elas vivida, ao longo da história, marcadas pelas abissais diferenças.

A Fotografia 11 representa a trajetória de luta contra as barreiras sociais e profissionais, que as mulheres, historicamente, enfrentaram e ainda enfrentam pela condição de mulher. De um lado, a trajetória educacional, política e intelectual da prof^a. Ruth Cavalcante, implicada de lutas e exílio. De outro lado, a pesquisadora Erbênia Ricarte resgatando uma história de vida de lutas e conquistas, tal qual a sua, que apresenta um percurso vitorioso em sua formação e em seu capital intelectual.

Fotografia 11 – Entrevista: Erbênia Ricarte com a prof^a. Ruth Cavalcanti



Fonte: Arquivo de Erbênia Maria Girão Ricarte (2018).

Historicamente, convivemos com a ideia que definia as mulheres como seres incapazes. Elas continuam enfrentando estigmas remotos como objeto sexual, doméstica e vocação materna. O seu potencial, as suas habilidades e competências, os seus talentos e dons foram tolhidos ao longo do tempo. Elas não faziam parte do princípio democrático de direito, eram submissas e passivas. Suas ações estavam

restritas ao lar, como a educação dos filhos e os afazeres domésticos. Mas elas foram capazes de transcender e quebrar paradigmas.

O pensamento machista reduz a atuação das mulheres nas atividades correlatas à capacidade física e intelectual. No entanto, sabemos que esta condição reducionista não é verdadeira. Prova disso são os espaços conquistados, ao longo da história, na dimensão físico-intelectual. Na literatura, por exemplo, a autora Christine Perkins destaca as mulheres-autoras que mudaram a história do mundo.

Nesse rol, temos a francesa Aurore Dupin (1804-1876) que usava o pseudônimo de George Sand, porque para ela, as escritoras não faziam tanto sucesso no mercado quanto os homens; as irmãs inglesas Charlotte Brontë (1816-1855) e Emily Brontë (1818-1848) usavam as iniciais dos nomes como pseudônimo; e Mary Ann Evan, também inglesa, que tinha o pseudônimo de George Eliot. Mesmo com a discriminação e outras adversidades, estas mulheres fizeram sucesso como escritoras.

Em sua obra, Perkins (2004) destaca outras mulheres escritoras como as estadunidenses Harriet Beecher Stowe (1811-1896), que abordava em seus livros a defesa dos direitos humanos e o fim da escravidão; Gertrude Stein (1874-1946), criadora e líder de um grupo na França, chamado de Geração Perdida, composto de escritores expatriados; Pearl Buck (1892-1973), cuja obra mostrava preocupação com os direitos e necessidades humanas do povo; e por último, as inglesas Virginia Woolf (1882-1941) e Agatha Christie (1891-1976). Estas mulheres, nascidas no século XIX, para alcançar os seus desejos e sonhos tinham que lutar bravamente contra o preconceito e ainda defendiam os direitos humanos em seus livros. No mesmo livro, temos autoras do século XX como Clarice Lispector (1920-1977), nascida na Ucrânia, veio para o Brasil com apenas dois meses de idade; Toni Morrison (nome de batismo Chloe Anthony Wofford, 1931-), autora estadunidense que escreve sobre o sofrimento do povo afro-americano, sobretudo de meninas e mulheres negras.

As mulheres-autoras mostraram que é possível conquistar espaços inimagináveis nos espaços dominados por homens. As mulheres de hoje sabem disso, pois passo a passo elas têm conquistado a sua independência financeira e ocupado o mercado competitivo, apesar das jornadas diárias como a família, o trabalho profissional e os anseios pessoais. Porém, há muito a ser conquistado e efetivado, pois a sociedade de hoje ainda se encontra presa aos paradigmas e preconceitos de ontem.

A História das mulheres foi construída com luta, o mesmo aconteceu com a História dos negros. Esta nos remete a Burke (1992), quando argumenta que a História vista de baixo tem um papel importante de nos fazer lembrar que a nossa identidade não foi estruturada somente por monarcas. Nessa perspectiva, ela também nos faz refletir acerca da afrodescendência que faz parte da formação da nossa identidade. Desse modo, para reforçar esta afirmação, vejamos a colaboração das pesquisas acerca das histórias de maracatu, de capoeira, de quilombola e de candomblé, que cabem dentro de um tema geral: História dos negros:

- a) a História dos negros inclusa na dissertação: “Reis, rainhas, calungas, balaios e batuques: imagens do maracatu Az de Ouro e suas práticas educativas”, versa sobre o movimento dos maracatus urbanos de Fortaleza, onde são reveladas a cultura africana e a História dos negros no Ceará. Este movimento procura evidenciar o processo educativo no interior do maracatu, através da dança dramática-religiosa de base afrodescendente, cuja construção envolve pessoas comuns e anônimas, que se transformam em personagens componentes do cortejo africano. (CARNEIRO, 2007);
- b) a História dos negros incluída na dissertação: “Práticas educacionais transmitidas e produzidas na Capoeira Angola do Ceará: história, saberes e ritual”, disserta sobre a prática pedagógica da capoeira de Angola, uma prática que traz, imbricada em si, definições de jogo, de luta, de dança e de brincadeira como caracterizações de saberes, que remetem à raiz afrodescendente. (CÂMARA, 2010);
- c) a História dos negros entreposta na dissertação: “Protagonistas no ensino da capoeira no Ceará: relações entre lazer, aprendizagem e formação profissional”, registra a história de vida de mestres que protagonizaram o ensino da capoeira em instituições formais de ensino no Ceará, contribuindo para o debate da educação na capoeira. (SILVA, 2013);
- d) a História dos negros entremeada na dissertação: “Incurções na História e memória da Comunidade de Quilombo de Alto Alegre – município de Horizonte-CE”, adentra na história das populações negras no Ceará, com viés social, historiográfico e educacional na comunidade do quilombo de Alto Alegre, distrito de Horizonte (CE), que é uma

comunidade rural negra com mais de um século de existência. (SANTOS, 2012);

- e) a História dos negros enquadrada na dissertação: “Quilombo Boqueirão da Arara, Ceará: memórias, histórias e práticas educativas”, ressalta as histórias de vida de remanescentes quilombolas do povoado daquele lugar, no estado do Ceará, focada nas práticas educativas e culturais disseminadas, num esforço de perceber a existência de traços ancestrais africanos, bem como verificar os saberes tradicionais herdados dos antepassados e difundidos entre as gerações. (SUCUPIRA, 2015);
- f) a História dos negros insertada na dissertação: “Rituais totêmicos e práticas educativas de um candomblé Ketu em Fortaleza”, identifica as práticas educativas não-formais e informais, transcorrentes no cotidiano ritual de um terreiro de candomblé. Este é visto como um espaço construtor de saberes, legitimado pela tradição oral e pela memória ancestral, carregado de histórias, ritos, signos, tradição e experiências. (BARBOSA, 2018);
- g) a História dos negros incorporada na tese: “As vinte e uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da educação: imagens, discursos e narrativas”, examina os múltiplos conceitos existentes para Exu, após sua chegada ao Brasil. Também analisa os mitos africanos, que são a base da formação, da existência e da cultura de um povo, com a intenção de mostrar em Exu, o princípio pedagógico e dialógico gerador de conceitos. (SOARES, 2008);
- h) a História dos negros anexada à tese: “As narrativas dos mestres e a História da capoeira em Teresina-PI: do pé do berimbau aos espaços escolares”, enfoca a capoeira como manifestação cultural brasileira e fenômeno social, criada e desenvolvida pelos escravos no Brasil, com capacidade de agregar valores educativos, considerada um instrumento de resistência e estratégia de sobrevivência. Hoje, na condição de cultura nacional, é aceita nos currículos escolares. Dessa forma, a pesquisa visa compreender o processo histórico de inserção da capoeira nos espaços escolares, a partir das narrativas dos mestres de capoeira piauienses, além de diversas fontes como textos de jornais, revistas

periódicas, imagens e documentos oficiais e não oficiais, cuja experiência levou a percepção da dificuldade de contar histórias de povos tidos como sem história e de grupos marginalizados e vistos como de menor importância na historiografia oficial. (SILVA, 2012);

- i) a História dos negros adicionada à tese: “Corpo, ancestralidade, oralidade e educação no Ile Asè Omo Tifé: o corpo de Xangô”, descreve, através do método biográfico da antroposofia, conhecimento da natureza e do universo, a ancestralidade africana no terreiro. Neste, considerado lócus de educação, a sabedoria é transmitida por meio da oralidade e a educação apresenta um dualismo com a pedagogia do Òrisà e a pedagogia do terreiro, que, conforme o autor, ambas destoantes, porém prevalece a segunda, que na linguagem da consciência corporal, deforma e adoce os corpos. (CRUZ, 2013);
- j) a História dos negros inserida na tese: “Campo de saberes da capoeira cearense: um estudo sobre o Centro Cultural Água de Beber (2002-2016)”, registra as práticas educativas da capoeira no início do século XXI, cujo prestígio da capoeira se deu por causa das políticas patrimonialistas brasileiras e mundiais. Também destaca, a partir do histórico dos projetos articulados pelo grupo, a relação do campo de saberes da capoeira com os campos científicos da educação formal e o saber popular tradicional, onde se conclui que as ações educativas coletivas, com recursos públicos e privados, perpetuam conhecimentos sobre valores e elementos culturais africanos e indígenas, numa perspectiva multicultural. (SILVA, 2017).

Por que pesquisar os negros e o cenário quilombola? Nessa perspectiva, veremos dois depoimentos de pesquisadores que fizeram parte do NHIME:

Do ponto de vista histórico, porque os negros estão na raiz da nossa sociedade, eles são parte estruturante desta, com uma participação, no mínimo impactante, que passa pelas questões de exploração, de crueldade e abandono. Na perspectiva social, porque o segmento negro da sociedade está envolvido nas principais problemáticas da vida cotidiana. São obstáculos relacionados com a economia, a segurança, a educação e as relações étnico-racial-sociais. Portanto, o mergulho nas problemáticas afrodescendentes é de natureza urgente e importante. Quanto ao cenário quilombola, é nele que se encontra os descendentes dos antigos escravos, das populações originárias na formação do estrato negro da sociedade. Por que então pesquisar sobre os negros e os quilombos? Primeiro ponto, porque está disposto na legislação federal, Lei 10.639/2003, “que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade

da temática História e Cultura Afro-brasileira” (MP-ES, 1996, p. 154). Portanto, devemos considerar a inclusão dos temas relacionados com as questões afrobrasileiras e étnico-raciais nas pesquisas e currículos. Segundo ponto, porque temos um compromisso sociológico e histórico em recuperar a inserção desta população, ressignificar, reduzir as desigualdades, afrontar e atacar de frente o racismo estrutural, que é flagrante dentro das instituições e na vida cotidiana. Quando o pesquisador se volta para o cenário quilombola e recupera a história dessas comunidades, composta de centenas de pessoas que foram retiradas das suas aldeias, dos seus povos e do seio das comunidades no continente africano e, em chegando aqui, tiveram a sua cultura destituída e obrigados a assimilar outra cultura. Nesta aproximação, os investigadores também têm que se aproximar dos elementos originais, da raiz, da história, da cultura, do idioma, dos rituais e dos temas que constroem e caracterizam uma etnia. É como levar um novo olhar para uma população antiga, e nesse novo olhar respeita-se aquela realidade, e muitas vezes, recupera a autoestima dos que fazem esta população. Porque não é incomum nos quilombos encontrar os mais jovens, que estão muito assimilados com a nova cultura, a cultura hospedeira, rejeitando, se afastando e negando a sua raiz, a raiz africana, a raiz negra, por conta de uma série de questões relacionadas com as relações sociais, com o racismo, o que torna a situação lamentável e preocupante, por isso é importante ampliar o olhar sobre as sociedades, respeitando e considerando em todas as suas especificidades. (Tânia Gorayeb Sucupira, 2020).¹¹

Não sabemos por que os nossos currículos, tanto da educação básica do educador, quanto da pós-graduação, não contempla na grade disciplinar as disciplinas que são obrigatórias para o aprofundamento das leis que afirmam os direitos dos temas relevantes para a recuperação da cultura, dos traços ancestrais, da memória e da história dessa população.

Historicamente, transita em nosso meio sociocultural a ideia, trazida pelos portugueses no início da colonização e naturalizada por nós, uma determinada soberania racial, um tipo de supremacia eurocêntrica, onde a cultura europeia é tida como a principal e mais sábia, gerando um preconceito cultural. Perdemos com isso o usufruto do conhecimento e de ser parte de três culturas, como nós somos, do branco, do negro e do índio. Deixamos de apreender uma cultura agregada e ampla calcada nas matrizes branca europeia, negra e indígena, por considerarmos as duas últimas culturas como “inferiores”. Estas compreendem o idioma, a religião, a música, a dança, a culinária, a capoeira, o samba e as curas medicinais, através das raízes e folhas. A cultura indígena e a ancestralidade negra, em parte, foram perdidas e ficaram restritas nas aldeias e nos quilombos. Os conhecimentos foram encobertos e ficaram, quase que exclusivos, na cognição dos povos vistos como “inferiores”. Assim, para aprendermos algo sobre as plantas medicinais temos que entrevistar as curandeiras, para sabermos acerca da capoeira temos que realizar pesquisas com os considerados “marginais”. Podemos argumentar que o conhecimento é algo que não tem classe social, todas as classes sociais conhecem alguma coisa, elas têm algum tipo de conhecimento que pode ser acrescentado à sociedade. Por isso temos que entrevistar essas pessoas, porque as consideradas “superiores” têm o seu conhecimento escrito em livros, dado, esclarecido e vendido, e os outros conhecimentos “ordinários” não têm a cultura livresca, por isso a pesquisa e

¹¹ Mestra e doutora em educação pela Universidade Federal do Ceará. Professora na Secretaria Municipal de Educação.

a entrevista são passadas pela oralidade, são culturas de tradição oral. Grosso modo, o índio e o negro não escrevem, embora tenham um conhecimento largo. Esta afirmação suscita críticas ao Brasil, pois em determinado momento as principais culturas europeias e americana se deslocavam para outros centros com o objetivo de investigar a cultura dos negros. Assim, faziam os alemães e franceses quando viajavam à África para estudar os africanos, e os brasileiros aqui, com os africanos escravizados, não os estudavam. Em outro momento, americanos e ingleses vinham ao Brasil para estudar a cultura dos índios, e os brasileiros estavam aqui com os indígenas e não os estudavam. (Emanoel Luís Roque Soares, 2020).¹²

Compreender as culturas ditas “inferiores”, sem menosprezar a cultura europeia, é enriquecer o nosso conhecimento.

A economia típica de quilombos (Fotografia 12), segundo Sucupira (2015), baseada nos trabalhos manuais para fins comerciais, é uma prática verificada ainda hoje no Boqueirão da Arara. São processos práticos alicerçados pela experiência e vivências, são conhecimentos construídos e reconstruídos ao longo do tempo.

Fotografia 12 – Produção artesanal feita com palha de carnaúba



Fonte: Arquivo de Tânia Gorayeb Sucupira (2015).

Assim, as classes acadêmicas vão pesquisar aquilo que não está dentro da academia, que é exatamente a “classe menor”, a “classe pobre” que não teve acesso à universidade, mas que tem um conhecimento vultoso, que pode nos acrescentar, pois o que nos acrescenta é o diferente.

¹² Doutor em educação pela Universidade Federal do Ceará. Professor da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia.

Diferente são as relações pessoais, profissionais e educacionais, a partir do uso e naturalização da tecnologia digital e das redes sociais, no nosso dia a dia. Esta afirmação remete a um dos problemas introdutórios: O uso de novas tecnologias é compatível com as pesquisas sobre as “pessoas comuns”? Esta pergunta é pertinente, porque as “pessoas comuns” ou suas comunidades, geralmente não têm um site próprio e exclusivo que narrem as suas histórias, as suas origens e os seus costumes. Se queremos estudar a história de vida dos profissionais da pesca, temos que visitar as comunidades pesqueiras, se for sobre os quilombolas temos que ir aos quilombos, e assim por diante.

Por isso, não há um número substancial de pesquisas, nas plataformas digitais, que abordem o tema ou as histórias das “pessoas comuns”. Nesta linha, encontramos apenas uma dissertação intitulada “Pornografia de vingança nas redes sociais: perspectivas de jovens vitimadas e as práticas educativas digitais” (MOTA, 2015), já enquadrada na categoria de jovens, que investiga na plataforma digital uma história de “pessoas comuns”, neste caso, as jovens vítimas de crimes virtuais (Figura 15).

Figura 15 – Charge sobre a pornografia de vingança



Fonte: Arquivo de Bruna Germana Nunes Mota (2014).

No entanto, o uso das novas tecnologias é imprescindível à produção de trabalhos científicos. O computador, conectado à internet, possibilita através de suas ferramentas como o processador textual e o editor de planilha, mais rapidez e organização na realização das tarefas, e o Google torna-se uma importante ferramenta no fomento de dados e informações às pesquisas, em qualquer área. Exemplo disso, são as dissertações e teses que usam a plataforma digital no processo

produtivo, nas quais abordam o tema “as práticas educativas digitais”, implicado com imagens fotográficas digitais, museus virtuais, artefatos tecnológicos, cultura participativa na escola, a partir dos espaços sociodigitais e com a informática digital nas instituições, são elas:

A dissertação “Redes sociais na internet: as práticas educativas digitais do Instituto Federal do Pará – Campus Castanhal de 2004 a 2010” aborda a utilização de imagens fotográficas, conteúdo muito usado nas redes sociais, como práticas educativas e de memória, para compreender até que ponto elas influenciam no processo educativo e na memória do Campus Castanhal. (CANTO, 2011). Este trabalho traça uma relação entre as ferramentas digitais e uma instituição educacional, medindo as possibilidades e limites de utilização das redes sociais como práticas educativas, no processo pedagógico.

A dissertação “As práticas educativas digitais nos museus virtuais” adentra nos museus virtuais para ver a possibilidade de transformá-los em uma ferramenta didática nas práticas educativas digitais, considerando a contribuição à construção da memória, e como fonte à aquisição de conhecimentos. (VASCONCELOS, 2014). Aqui é investigada outra instituição, responsável pela conservação e exposição de objetos artísticos e históricos, desta feita no campo virtual, que mantém uma relação do seu patrimônio com os usuários pela internet.

A dissertação “O uso dos artefatos tecnológicos virtuais e digitais nas práticas educativas de letramento” deriva o seu olhar para o uso das tecnologias na educação quanto a alfabetização e letramento. (SANTIAGO, 2014). Este trabalho usa a internet, uma rede de informações, para encontrar dados e artefatos tecnológicos que possam contribuir para o letramento. As novas tecnologias, nesse caso, estão servindo ao estudo de um processo educacional.

A tese “Práticas educativas digitais: uma cultura participativa em formação” averigua as dificuldades e facilidades implicadas com a formação de uma cultura participativa na escola, ou fora dela, dentro dos espaços sociodigitais. (MARTINS, 2015). Diante das severas mudanças na educação provocadas pelo uso da internet e uma miríade de informações, este trabalho se envolve com mais um processo educacional, que visa compreender como as escolas vão lidar com o amplo acesso à informação.

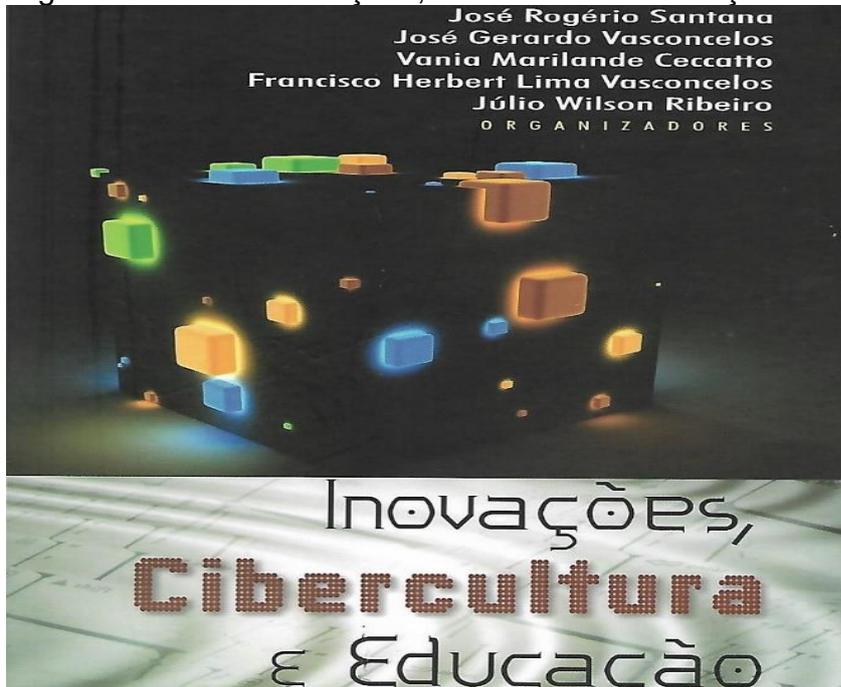
A tese “História e memória da informática educativa no Ceará”, tem como objetivo compreender, historicamente, como se deu a expansão da informática

educativa no contexto das instituições públicas. (SANTIAGO, 2017). Mais um trabalho que faz referência ao uso das tecnologias digitais para compreender as práticas educativas digitais no interior das instituições.

A tese “Práticas educativas digitais e políticas públicas: construindo a Política Nacional de Educação Museal – PNEM” analisa a educação Museal no ambiente virtual, com o objetivo de compreender os eventos globais, atuais e locais, que ocorrem no ciberespaço e suas consequências na sociedade, nas esferas políticas, culturais e educacionais. (VASCONCELOS, 2018). Mais um exemplo de estudo que usa as tecnologias digitais para investigar um processo educacional e o funcionamento de uma instituição.

Em se tratando de novas tecnologias, ciberespaço, cibercultura, práticas educativas e culturais digitais, artefatos tecnológicos virtuais e digitais, o NHIME está sempre atento às inovações, às pesquisas e às publicações. Exemplo disso é o livro – Inovações, cibercultura e educação – mais uma publicação da Coleção Diálogos Intempestivos:

Figura 16 – Livro: Inovações, cibercultura e educação



Fonte: Arquivo do autor (2011).

Para Santana et al. (2011), esta coletânea reúne práticas de pesquisa de diversos investigadores sociais, conectados com o mundo virtual, que investigam neste universo as mais diversas áreas como indústria cultural e suas mídias,

educação à distância (EAD), fontes digitais para preservação da história e memória da educação, entre outras.

O universo virtual e digital permite o acesso a uma enorme quantidade de informações, inclusive a detalhes sobre as “pessoas comuns”. Estas têm passado e história que podem ser um importante objeto de estudo. Elas não podem ficar esquecidas no passado como deseja a historiografia tradicional. Porque pelas práticas sociais, culturais e educacionais, vistas em suas histórias de vida, há uma contribuição importante para a produção do conhecimento. Dentro desta visão, o NHIME, de acordo com o seu objetivo de desenvolver um amplo projeto na linha da História da Educação, com foco em novas fontes para reconstruir a História social, cultural e educacional local, traz à tona, através de seus pesquisadores, histórias de “pessoas comuns”.

8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa seguiu o passo a passo de cada etapa estabelecida no trabalho, conforme o objetivo proposto. Nele buscou-se compreender a relação entre a História, as “pessoas comuns” e as dissertações e teses, produzidas pelo NHIME. Alcançamos este intento com a ajuda dos procedimentos técnicos, métodos e referencial teórico já citados. Não foi uma tarefa fácil abordar o tema em questão, por causa da complexidade, mas acreditamos ter alcançado êxito, porque apresentamos uma pesquisa importante para a comunidade acadêmica e não acadêmica, pelo resgate de histórias importantes para o novo comportamento que vive a sociedade, pela ampliação de temas, de fontes e de novos objetos de estudo.

O estudo mostrou que as primeiras evidências de estudo mais específico sobre os costumes, as experiências e vivências das “pessoas comuns” se deram a partir das teorias da História, inicialmente com o Materialismo Histórico e conceitos abordados por Marx como “classes sociais” e “classe operária”, especificação de uma determinada categoria.

A investigação das pessoas mais simples continuou, com maior aprofundamento, nas historiografias francesa e inglesa. Os historiadores franceses dos Annales, em oposição à História tradicional e à postura metódica da escrita histórica, buscaram uma história-problema, uma história abrangente e totalizante, em união com outras disciplinas das Ciências Humanas, que contemplassem todas as atividades humanas. Assim, os Annales ampliou os seus estudos para além dos campos social e econômico, atingindo as esferas mental e cultural. A partir disso, os processos mentais, as representações e a vida cotidiana passaram a ser objeto de investigação histórica, ao lado de microtemas como o amor, a família, as crianças, as mulheres, os loucos, os diversos costumes, os variados modos de vestir, e muitos outros.

Os historiadores ingleses do marxismo, implicados ao corpo teórico-prático do Materialismo Histórico, buscavam o reconhecimento dos excluídos, das classes populares, das classes trabalhadoras e de toda a história vista de baixo. A proposta deles derivava à produção do conhecimento histórico, a partir da investigação de todas as ações dos homens e mulheres considerados comuns, das crianças e jovens.

No roteiro investigativo foram identificados recursos teórico-metodológicos apresentados nas obras históricas pesquisadas, que são artifícios adequados e

necessários ao estudo histórico e às pesquisas das “pessoas comuns”, que também estão entrelaçadas nas dissertações e teses analisadas. A história oral e as narrativas, podemos colocar no mesmo bojo, pois a primeira se configura a partir das narrativas dos sujeitos, daquilo que eles presenciaram ou tomaram conhecimento.

Outros meios citados nas obras históricas e vistos nos trabalhos científicos do NHIME, são a biografia histórica, uma via de compreensão da mentalidade dos grupos e dos indivíduos mais ou menos comuns, e a micro-história, que direciona o olhar para as histórias de “pessoas comuns” e sujeitos anônimos da História.

Os resultados apontaram 36 dissertações e 16 teses que investigaram a vida de “pessoas comuns”. São profissionais artesanais ligados à pesca e à feira, imigrante, crianças, jovens, idosos, professores, mulheres e negros. Às histórias deles estão entremeados os aspectos sociais, culturais, políticos e educacionais.

Podemos lembrar das experiências e saberes dos profissionais artesanais e dos idosos; da contribuição cultural, culinário e educacional dos imigrantes; do poder da linguagem popular implicada com a arte, a cultura e a conscientização de jovens que lidam com a pichação, com o grafite e com o fanzine; dos professores envolvidos com a aprendizagem humana e responsáveis pela formação dos próprios docentes e de todos os outros profissionais; das mulheres militantes e lutadoras por seus direitos que, sem deixar de lado a maternidade e os afazeres domésticos, vêm conquistando, ao longo da história, grandes feitos e destruição do mito “eterno feminino”. Ao passo que ganham espaços, vão encorpando a sua independência e libertação perante o domínio viril. Por último, os negros, os quilombos, as representações e a ancestralidade africanas. Os negros e suas tradições e rituais são raiz e parte estruturante da nossa sociedade, parte do nosso cotidiano e das problemáticas que permeiam a nossa vida social, econômica e cultural.

À guisa de conclusão, após a análise geral do trabalho, a importância das pesquisas sobre as “pessoas comuns” é ratificada pela contribuição histórica, cultural, econômica, política e educacional para a sociedade, o que cada grupo social pode oferecer. Também confirma-se o poder que os trabalhos científicos têm de resgatar o povo esquecido na História, de levantar a autoestima de um povo excluído e passar adiante todo o conhecimento dos “povos comuns”. Para que este processo se fortaleça perenemente, é necessário que a classe acadêmica, não somente pesquise sobre a massa desconhecida para as suas dissertações e teses e as deixem virtualmente engavetadas no repositório universitário, mas também produza artigos

para as revistas especializadas e transformem os seus trabalhos em livros. Estas ferramentas são importantes na propagação do conhecimento histórico das “pessoas comuns”, que têm histórias extraordinárias.

As pessoas comuns e suas histórias não podem ser deixadas à margem do campo histórico, nem dos polos de pesquisas educacionais, muito menos dos ambientes virtuais. Pois a história do tempo presente, as constantes mudanças sociais e o tempo pandêmico que estamos vivendo, tornam a pesquisa uma linha em constante movimento, fazem surgir outras exigências e outros valores na nova sociedade do conhecimento, provocando a renovação dos recursos metodológicos para atender a metodologia virtual.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO, Santo. **A cidade de Deus**. Tradução, prefácio, nota biográfica e transcrições de J. Dias Pereira. 2. ed. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1996.

ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo. **Mulheres beletristas e educadoras: Francisca Clotilde na sociedade cearense – de 1862 a 1935**. 2012. 356 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

AQUINO, S. Tomás de. **De Magistro**: sobre o mestre. Questões discutidas sobre a verdade, XI. Introdução, tradução e notas de Maurílio J. O. Camello. Lorena: Unisal, 2000.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda; MARTINS, Maria Helena Pires. **Filosofando**: introdução à filosofia. 2. ed. São Paulo: Moderna, 1993.

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. **História da educação**. 2. ed. rev. e atual. São Paulo: Moderna, 1996.

ARANHA, Francisca Karla Botão. **Cultura da beleza**: prostituição, corpo e práticas educativas. 2018. 117 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

ARAÚJO, Maria das Graças de. **Trajetórias de formação e profissionalização de professoras leigas do município de Itapiúna/CE**. 2010. 164 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

ARAÚJO, Helena de Lima Marinho Rodrigues. **A tradicional escola normal cearense chega ao bairro de Fátima**: formação das primeiras professoras primárias (1958-1960). 2014. 307 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

ARAÚJO, Osmar Hélio Alves. **Formação docente, professor coordenador pedagógico e contexto escolar**: diálogos possíveis. 2015. 147 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos Editora, 1981.

BARBOSA, Madelyne dos Santos. **Rituais totêmicos e práticas educativas de um candomblé Ketu em Fortaleza**. 2018. 98 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

BARROS, Francisca Argentina Gois. **A arte como princípio educativo**: uma nova leitura biográfica de Pedro Américo de Figueiredo e Melo. 2006. 172 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2006.

BARROS, José D'Assunção. História e memória – uma relação na confluência entre tempo e espaço. **Revista Mouseion**, Canoas, v. 3, n. 5, p. 35-67, jan./jul. 2009.

BARROS, José D'Assunção. Escolas históricas – discussão de conceito a partir de dois exemplos principais: escola histórica alemã e a escola dos annales. **Revista Esboços**, Florianópolis, v. 17, n. 24, p. 7-36, dez. 2010.

BARROS, José D'Assunção. **O projeto de pesquisa em história**: da escolha do tema ao quadro teórico. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2012.

BARROS, José D'Assunção. **Teoria da história**. 4. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BAUMAN, Zygmunt. **Sobre educação e juventude**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

BEZERRA, Daniele Barbosa; LIMA, Ana Michele da Silva. Biografar: a escrita entre a literatura e a história. In: FIALHO, Lia Machado Fiuza; ALMEIDA, Gildênia Moura de Araújo; CASTRO, Edilson silva. **Pesquisas educacionais biográficas**. Fortaleza: Edições UFC, 2014. p. 19-34

BEZERRA, Daniele Barbosa. **Joaquim Nogueira**: percurso profissional, práticas pedagógicas e projetos educacionais (1904-1934). 2015. 183 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

BLOCH, Marc. **Os reis taumaturgos**: o caráter sobrenatural do poder régio: França e Inglaterra. Trad. Júlia Mainardi. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

BLOCH, Marc. **A apologia da história ou o ofício de historiador**. Trad. André Telles. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

BOURDÉ, Guy; MARTIN, Hervé. **As escolas históricas**. [S.l.]: Publicações Europa América, 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. 33. ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.

BRANDENBURG, Cristine. **Biografia de Josef Umann**: memórias e contribuições educacionais de um imigrante alemão em terras brasileiras (03/11/1850 – 13/08/1927). 2015. 160 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. **Enciclopédia de pedagogia universitária**. Brasília, DF: INEP, 2006. v. 2.

BRASIL, Luciana Leão. Michel Pêcheux e a teoria da análise de discurso: desdobramentos importantes para a compreensão de uma tipologia discursiva. **Linguagem**: estudos e pesquisas, Catalão, v. 15, n. 1, p. 171-182, jan./jun., 2011.

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II**. Lisboa: Publicações D. Quixote, 1984. v. II, 732p.

BRAUDEL, Fernand. **O Mediterrâneo e o mundo mediterrâneo na época de Felipe II**. São Paulo: Edusp, 2016. v. I, 800p.

BRITO, Luisa Amanda Santos. **Memória social e memória educacional: o caso do grupo de idosos São José do bairro Seminário, Crato-CE**. 2008. 138 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

BURKE, Peter. **A revolução francesa da historiografia: a escola dos annales (1929-1989)**. Trad. Nilo Odália. São Paulo: Unesp, 1991.

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992.

CAETANO, Marta Coutinho. **Memória das águas: práticas educativas e culturais de pescadores artesanais nas ilhas de Abaetetuba-PA**. 2012. 91 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

CÂMARA, Samara Amaral. **Práticas educacionais transmitidas e produzidas na capoeira Angola do Ceará: história, saberes e ritual**. 2010. 114 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2010.

CAMPÊLO, Kátia Malena Sampaio. **CEFAM: Centro específico de formação e aperfeiçoamento ao magistério: homoerotismo, (in)disciplina e panoptismo – histórias de vida de jovens normalistas em regime integral no Instituto de Educação do Ceará (1992-1995)**. 2009. 69 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

CAMPOS, Hermano Moura. **Da roça à cartilha: trajetórias profissionais de professoras leigas rurais de Lavras da Mangabeira (1972-1992)**. 2018. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

CANABARRO, Ivo dos Santos. **Teoria e métodos da história I**. Ijuí: Unijuí, 2008.

CANTO, João de Jesus Farias. **Redes sociais na internet: as práticas educativas digitais do Instituto Federal do Ceará – Campus Castanhais de 2004 a 2010**. 2011. 152 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Domínio da história: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CARNEIRO, Mário Henrique Thé Mota. **Reis, rainhas, calungas, balaios e batuques: imagens do maracatu Az de ouro e suas práticas educacionais**. 2007.

176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2007.

CASTRO, Wagner José Silva de. **Intelectuais, professores e artistas: práticas educativas, arte engajada e o massafeira livre (1955-1981)**. 2014. 250 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

CASTRO, Mayara Alves de. **Narrativas de professores da creche da Madame, no município de Horizonte-CE: Espaço e formação integral da criança**. 2017. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Trad. Maria de Lourdes Menezes. Rio de Janeiro: Forense universitária, 1982.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.

CEZAR, Temístocles. Considerações acerca do estatuto do texto histórico. **História em Revista**, Pelotas, n. 2, p. 29-46, 1996.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

COIMBRA, Fernanda Cristina Correa Lima. **Aluno com deficiência visual: perspectivas de educação profissional inclusiva na história e na memória do Instituto Federal do Pará – campus Belém de 2009 a 2012**. 2012. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

CRUZ, Norval Batista. **Corpo, ancestralidade, oralidade e educação no Ile Asè Omo Tifé: o corpo de xangô**. 2013. 153 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

CRUZ, Francisca Tatianni Carneiro. **Memórias e narrativas da escola normal do sagrado coração em Ubajara – CE**. 2017. 110 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

CUNHA JR., Henrique. História e memória de bairros de maioria afrodescendentes. In: VASCONCELOS, José Gerardo et. al. **Interfaces metodológicas na história da educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2007. p. 77-89.

DAMASCENO, Francisca Jardélia Lima. **Quando a soma das partes altera o conteúdo: (des)continuidades da racionalidade técnica instrumental na formação inicial do professor de geografia**. 2016. 116 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

DELUMEAU, Jean. **História do medo no ocidente 1300-1800**: uma cidade sitiada. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

DOSSE, François. **A história em migalhas**: dos annales à nova história. Trad. de Dulce A. Silva Ramos. Campinas: Ensaio, 1994.

DOSSE, François. **A história**. Trad. Maria Elena Ortiz Assumpção. Bauru: EDUSC, 2003. 326 p.

DUBLANTE, Carlos André Sousa; SILVA, Sirlene Mota Pinheiro da. Ciência e modernidade nas tramas do esclarecimento: a construção de uma nova forma de pensar em Adorno e Horkheimer. In: SOUSA, Antonio Paulino; VASCONCELOS, José Gerardo. **A filosofia moderna**. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 62-75.

DUBY, Georges. **Guilherme Marechal ou o melhor cavaleiro do mundo**. Trad. Renato Janine Ribeiro. Rio de Janeiro: Graal, 1988. 212 p.

ESCOLA, Equipe Brasil. **Imigração no Brasil. Brasil Escola**, Goiânia, 2019. Disponível em: <https://brasilecola.uol.com.br/brasil/imigracao-no-brasil.htm>. Acesso em: 28 jun. 2019.

FAZENDA, Ivani Catarina Arantes. Interdisciplinaridade-transdisciplinaridade: visões culturais e epistemológicas e as condições de produção. **Revista interdisciplinaridade**. v. 1, n. 2, p. 34-42, out. 2012. São Paulo: PucSP, 2012.

FEBVRE, Lucien. **Combates pela história**. Trad. Leonor M. Simões e Gisela Moniz. Lisboa: Presença, 1989.

FEBVRE, Lucien. **O problema da incredulidade no século XVI**: a religião de Rabelais. Trad. Maria Lúcia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **Pesquisa em leitura**: um estudo dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado defendidas no Brasil, de 1980 a 1995. Campinas: Unicamp, 1999.

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. As pesquisas denominadas estado da arte. **Educação & Sociedade**, Campinas, ano XXIII, n. 79, Ago. 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/es/v23n79/10857.pdf>. Acesso em: 29 dez. 2018.

FERREIRA, Tereza Maria da Silva. **Crack**: práticas educativas e culturais na trajetória de um dependente. 2014. 97 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

FERREIRA, Tássia Fernandes. **Narrativas docentes na escola básica atual**: caminhos e contradições da prática em sala de aula. 2017. 134 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

FIALHO, Lia Machado Fiuza. **A experiência socioeducativa de internação na vida de jovens em conflito com a lei.** 2012. 359 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

FIALHO, Lia Machado Fiuza; SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS, José Gerardo. **Fontes orais em pesquisas educacionais.** Fortaleza: Edições UFC, 2015. 128p.

FLORENCIO, Lourdes Rafaella Santos. **O reino da glória e a moral católica: memórias sobre educação feminina e a prostituição na cidade de Crato – CE.** 2016. 160 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

FOUCAULT, Michel. **Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha e meu irmão:** um caso de parricídio do século XIX, apresentado por Michel Foucault. Trad. Denize Lezan de Almeida. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1977.

FREITAS, Munique de Souza. **Prática docente e as tecnologias da informação e da comunicação:** abordagens pedagógicas de professores da escola governador Aduino Bezerra. 2017. 115 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

GABRIEL NETO, José Antonio. **O professor de história e o seu saber: a experiência do programa PIBID/CAPES.** 2014. 99 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa.** Porto Alegre: UFRGS, 2009.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes:** o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

GONÇALVES, Maria de Fátima da Costa. Quem tem medo de Gaston Bachelard? *In:* SOUSA, Antonio Paulino; VASCONCELOS, José Gerardo. **A filosofia moderna.** Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 120-133.

GUIMARÃES, Marília Duarte. **A identidade profissional de professoras da educação básica:** sentidos e significados atribuídos à docência. 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

HILL, Christopher. **O mundo de ponta-cabeça:** ideias radicais durante a revolução inglesa de 1640. Trad., repres. e notas de Renato Janine Ribeiro. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

HOBSBAWM, Eric J. **Rebeldes primitivos:** estudio sobre las formas arcaicas de los movimientos sociales em los siglos XIX y XX. Trad. Joaquin Romero Maura. Barcelona: Ariel, 1983.

HOBBSAWM, Eric J. **Mundos do trabalho**. Trad. Waldea Barcellos e Sandra Bedran. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.

HOBBSAWM, Eric J. **Bandidos**. Trad. Maria Dolors Folch e Joaquim Sempere. Barcelona: Crítica, 2001.

HOBBSAWM, Eric J. **Sobre a história**. Trad. Cid Knipel Moreira. [s. l.]: Companhia de bolso, 2013.

IBGE. **Pessoas com deficiência**. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/20551-pessoas-com-deficiencia.html>. Acesso em: 21 dez. 2020.

ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. 7. ed. Trad. Lúcia Mathilde Endlich Orth. Petrópolis: Vozes, 1985.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 3. ed. rev. e ampl. São Paulo: Atlas, 1991.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Trad. Bernardo Leitão. Campinas: Unicamp, 1990. (Coleção Repertórios).

LE GOFF, Jacques. **São Francisco de Assis**. 10. ed. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Record, 2011.

LE GOFF, Jacques. **A Idade Média e o dinheiro**: ensaio de antropologia histórica. Trad. Marcos de Castro. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. *In*: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história**: novas perspectivas. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Unesp, 1992. p. 133-161.

LIMA, Bárbara Souza; SOUSA, Carlos Erick Brito de. O desvelamento da questão primordial: o desvelamento de um conhecimento enraizado no desconhecimento. *In*: SOUSA, Antonio Paulino; VASCONCELOS, José Gerardo. **A filosofia moderna**. Fortaleza: Edições UFC, 2008. p. 27-36.

LIMA NETO, José Melinho de. **O ambiente escolar e a relação com o saber**: história de vida, memória e narrativas de alunos do ensino fundamental. 2016. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

LINHARES, Juliana Magalhães; QUEIROZ, Priscilla Régis Cunha de. **Teoria da História I**. Sobral, CE: [s.n.], 2016.

LIRA, Bruno Carneiro. **O passo a passo do trabalho científico**. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

KIRKWOOD, Ton. **Os melhores anos de nossas vidas**. Trad. Ruy Jungmann. Rio de Janeiro: Record, 2001.

KOSOVSKY, Ester. Minorias e discriminação. **Revista Virtual de Direitos Humanos**, [s. l.], n. 1, p. 46-52, dez. 2000.

MACHADO, Gilberto Andrade. **Calidoscópico**: experiências de artistas-professores como eixo para uma história do ensino de artes plásticas em Fortaleza. 2008. 169 f. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

MACHADO, Charliton José dos Santos; VASCONCELOS JÚNIOR, Raimundo Elmo de Paula; VASCONCELOS, José Gerardo. **O Barão e o Prisioneiro**: biografia e história de vida em debate. Fortaleza: Edições UFC, 2011.

MANDROU, Robert. **Magistrados e feiticeiros na França do século XVII**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

MARTINS, Elcimar Simão. **Formação contínua e práticas de leitura**: o olhar do professor dos anos finais do ensino fundamental. 2014. 190 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

MARTINS, Cibelle Amorim. **Práticas educativas digitais**: uma cultura participativa em formação. 2015. 325 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

MARX, Karl. **O capital**: crítica da economia política. Livro I: o processo de produção do capital. Trad. Rubens Enderle. São Paulo: Boitempo, 2013.

MATOS, Camila Saraiva de. **Narrativas biográficas de Dandara Aragão**: práticas educativas informais, prostituição e o uso de drogas em bordel do centro da cidade de Fortaleza. 2016. 92 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

MAUAD, Ana Maria; GRINBERG, Lucia. **Teoria da História**. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2010. v. 2, 356p.

MENESES, Ana Cláudia Pires Fontenele de. **Quem te ensinou a fazer renda? A cultura dos morros da Mariana-PI como influência na educação pela renda de bilros**. 2009. 199 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MONROE, Paul. **História da educação**. trad. e notas de Idel Becker. 16. ed. São Paulo: Nacional, 1984.

MOTA, Maria É Braga. **O curso de pedagogia da URCA, sua matriz curricular e a influência na prática pedagógica dos alunos que exercem a profissão docente**.

2011. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

MOTA, Bruna Germana Nunes. **Pornografia de vingança em redes sociais: perspectivas de jovens vitimadas e as práticas educativas digitais.** 2015. 167 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

MP-ES. Ministério Público do Estado do Espírito Santo. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB.** Lei Federal no 9.394/96 e Legislação Congênere. 2. ed. Vitória: Dossi Editora Gráfica, 2014.

MUNIZ, Cellina Rodrigues. **A experiência pedagógica de uma escritura dionisiaca.** 2009. 195 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2009.

MUNIZ, Cellina Rodrigues. **Fanzines: autoria, subjetividade e invenção de si.** Cellina Rodrigues Muniz (org.). Fortaleza: Edições UFC, 2010.

NASCIMENTO, Jorge Carvalho. Sobre o campo da história da educação na região Nordeste. In: VASCONCELOS, José Gerardo; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do (org.). **História da educação do Nordeste brasileiro.** Fortaleza: Edições UFC, 2006. p. 29-43.

NASCIMENTO, Thalyta Vasconcelos do. **Narrativas dos alunos do Centro de Educação de Jovens e Adultos professor Gilmar Maia: móveis e sentidos na relação com o saber.** 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

OLIVEIRA, Danielle Rodrigues de. **Professores de história como intelectuais orgânicos críticos.** 2017. 124 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

OLIVEIRA, Carla Dolores Menezes de. **Habitus, representação social e formação docente: a escolha profissional do curso de pedagogia por alunos de uma universidade federal do Nordeste brasileiro.** 2018. 95 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de discurso: princípios e procedimentos.** 8. ed. Campinas: Pontes, 2009. 100p.

PAULA, Júlio César Pereira de; SILVEIRA, Wellington. **Mulher, trabalho e assédio.** Fortaleza: Premium, 2014.

PENIDO, Thais Nogueira. **Um estudo dos resumos de dissertações de mestrado e teses de doutorado: 45 anos de produção em leitura no Brasil.** Campinas: Unicamp, 2017.

PEREIRA, Aleksandra Previtalli Furquim. **O Benfica dos grafites nos anos 2000**. 2012. 219 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

PERKINS, Christine N. **100 autores que mudaram a história do mundo**. Trad. Marise Chinetti de Barros. Rio de Janeiro: Ediouro, 2004.

REIS, José Carlos. **A história, entre a filosofia e a ciência**. São Paulo: Ática, 1996.

RIBEIRO, Drielle Lúcia G. da Silva; CASTRO, Regina Celi A. de Moura. Estado da arte, o que é isso afinal? *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 3., 2016, Natal. **Anais** [...]. Natal: CONEDU, 2016. v. 1

RICARTE, Erbênia Maria Girão. **Narrativas da professora Ruth Cavalcante: lições de educação, de militância e de exílio no período 1960 a 1980**. 2018. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

RÜSEN, Jörn. **Razão histórica: Teoria da história: fundamentos da ciência histórica**. Trad. Estevão de Resende Martins. Brasília, DF: Universidade de Brasília, 2001. 194p.

SACRAMENTO, Robério Augusto Leal. **Vou pra rua!: narrativas de formação de jovens estudantes das escolas do centro de Fortaleza nos anos de 1980**. 2017. 95 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SANTANA, José Rogério *et al.* **Inovações, cibercultura e educação**. José Rogério Santana, José Gerardo Vasconcelos, Vania Marilande Ceccatto, Francisco Herbert Lima Vasconcelos, Júlio Wilson Ribeiro. Fortaleza: Edições UFC, 2011. (Coleção Diálogos Intempestivos).

SANTIAGO, Naigleison Ferreira. **Gangues da madrugada: práticas culturais e educativas dos pichadores de Fortaleza nas décadas de 1980 e 1990**. 2011. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

SANTIAGO, Larisse Barreira de Macêdo; FERREIRA, Tereza Maria da Silva. Um novo olhar sobre Pierre Bourdieu, trajetórias e conceitos. *In*: VASCONCELOS, José Gerardo *et al.* **Pesquisas biográficas na educação**. Fortaleza: Edições UFC, 2013. p. 42-56.

SANTIAGO, Larisse Barreira de Macêdo. **O uso dos artefatos tecnológicos virtuais e digitais nas práticas educativas de letramento**. 2014. 93 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

SANTIAGO, Larisse Barreira de Macêdo. **História e memória da informática educativa no Ceará**. 2017. 354 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SANTOS, Marlene Pereira dos. **Incursões na história e memória da comunidade de quilombo de Alto Alegre – Município de Horizonte-CE**. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado de Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. **Grafite estimula alunos e incentiva convivência entre escolas e comunidade**. São Paulo: Governo do Estado de São Paulo, 2014. Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/noticias/educacao-usa-grafite-como-aliado-das-escolas-estaduais/>. Acesso em: 23 jan. 2019.

SILVA, Miguel Jocélio Alves da. **Saberes e práticas das professoras do 5º. Ano, matéria prima para a aprendizagem matemática das crianças**. 2011. 176 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.

SILVA, Robson Carlos da. **As narrativas dos mestres e a história da capoeira em Teresina/PI: do pé do berimbau aos espaços escolares**. 2012. 308 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

SILVA, Sammia Castro. **Protagonistas no ensino da capoeira no Ceará: relações entre lazer, aprendizagem e formação profissional**. 2013. 129 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2013.

SILVA, Sammia Castro. **Campo de saberes da capoeira cearense: um estudo sobre o Centro Cultural Capoeira Água de Beber (2002-2016)**. 2017. 173 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2017.

SILVA, Francisca Eliana Santos da. **A pedagogia da feira livre de São Bento: narrativas, saberes e práticas educativas na cidade de Cascavel-CE**. 2014. 100 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

SILVA JÚNIOR, Roberto. A fecundidade da história oral temática nas pesquisas educacionais. *In*: FIALHO, Lia Machado Fiuza; SANTANA, José Rogério; VASCONCELOS, José Gerardo. **Fontes orais em pesquisas educacionais**. Fortaleza: Edições UFC, 2015. p. 31-42.

SOARES, Emanuel Luís Roque. **As vinte e uma faces de Exu na filosofia afrodescendente da educação**. 2008. 181 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2008.

SOUSA, Antonio Paulino de; VASCONCELOS, José Gerardo. **A filosofia moderna**. Fortaleza: Edições UFC, 2008.

SOUSA, Alba Patrícia Passos de. **O zinidor “silencioso” das mulheres negras de Floriano-PI**. 2016. 94 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2016.

STRATHERN, Paul. **Maquiavel em 90 minutos**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000. 88 p.

SUCUPIRA, Tânia Gorayeb. **Quilombo Boqueirão da Arara, Ceará: memórias, histórias e práticas educativas**. 2015. 107 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2015.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **A universidade – início**. Fortaleza: UFC, 2018. Disponível em: <http://www.ufc.br/a-universidade>. Acesso em: 18 out. 2018.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Faculdade de Educação. **Sobre a Faculdade de Educação**. Fortaleza: UFC, 2019. Disponível em: http://www.faced.ufc.br/index.php?option=com_content&task=view&id=12&Itemid=26. Acesso em: 25 jan. 2019.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. **Repositório institucional UFC**. Fortaleza: UFC, 2020. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br>. Acesso em: 15 jan. 2020.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ. Programa de Pós-Graduação em Educação. **Linhas e eixos**. Fortaleza: UFC, 2021. Disponível em: <https://www.ppge.ufc.br/linhas>. Acesso em: 29 abr. 2021.

VASCONCELOS, José Gerardo; MAGALHÃES JÚNIOR, Antônio Germano; FONTELES, José Mendes (org.). **Ditos(Mau)ditos**. Fortaleza: LCR, 2001. 208 p.

VASCONCELOS, José Gerardo; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do (org.). **História da educação do Nordeste brasileiro**. Fortaleza: Edições UFC, 2006. 189 p.

VASCONCELOS, José Gerardo. Educação nos cárceres do Ceará no final dos anos 1980. *In*: VASCONCELOS, José Gerardo; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **História da educação do Nordeste brasileiro**. Fortaleza: Edições UFC, 2006. p. 60-68.

VASCONCELOS, José Gerardo. **Besouro cordão de ouro: o capoeira justiceiro**. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

VASCONCELOS, José Vasconcelos; FIALHO, Lia Machado Fiuza; FLORÊNCIO, Lourdes Rafaella Santos. **Práticas educativas, exclusão e resistência**. Fortaleza: Edições UFC, 2014.

VASCONCELOS, José Gerardo *et al.* **Interfaces metodológicas na história da educação**. José Gerardo Vasconcelos, Raimundo Elmo de Paula Vasconcelos Júnior, Zuleide Fernandes de Queiroz, José Edvar Costa de Araújo. Fortaleza: Edições UFC, 2007. 302 p.

VASCONCELOS, José Gerardo *et al.* **História da Educação: nas trilhas da pesquisa**. José Gerardo Vasconcelos, José Rogério Santana, Raimundo Elmo de

Paula Vasconcelos Júnior, Francisco Ari de Andrade (org.). Fortaleza: Edições UFC, 2010. 257p.

VASCONCELOS, José Gerardo *et al.* **História e memória da Educação no Ceará.** José Gerardo Vasconcelos, Lia Machado Fiuza Fialho, Jose Rogério Santana, Lourdes Rafaella Santos Florêncio, Rui Martinho Rodrigues, Dijane Maria Rocha Victor, Stanley Braz de Oliveira. Fortaleza: Edições UFC, 2013. 218p.

VASCONCELOS, Karla Colares. **As práticas educativas digitais nos museus virtuais.** 2014. 130f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

VASCONCELOS, Karla Colares. **Práticas educativas digitais e políticas públicas: construindo a Política Nacional de Educação Museal – PNEM.** 2018. 235 f. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2018.

VIDAL, Diana Gonçalves. O campo da história da educação no Brasil. *In:* VASCONCELOS, José Gerardo; NASCIMENTO, Jorge Carvalho do. **História da educação do Nordeste brasileiro.** Fortaleza: Edições UFC, 2006. p. 15-28.

XAVIER, Antônio Roberto *et al.* Interdisciplinaridade e outros níveis de conhecimento: desafios contemporâneos às práticas educativas. **Revista polêmica,** Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, p. 68-83, jan./mar. 2018.

XAVIER, Antônio Roberto; FIALHO, Lia Machado Fiuza; VASCONCELOS, José Gerardo. **História, memória e educação:** aspectos conceituais e teórico-epistemológicos. Fortaleza: EdUECE, 2018.

ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (org.). **Leitura perspectivas interdisciplinares.** São Paulo: Ática, 1988.

**APÊNDICE A – RELAÇÃO DE DISSERTAÇÕES COLETADAS E SEUS
RESPECTIVOS TÍTULOS E LINKS DE ACESSO**

TÍTULO DAS DISSERTAÇÕES E O LINK CORRESPONDENTE

Memória e narrativa: a história da educação da Administração Popular de Fortaleza (1986 – 1988)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7268
O cinema na sala de aula: uma aprendizagem dialógica da disciplina História	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3477
Reis, Rainhas, Calungas , Balaios e Batuques: imagens no Maracatu Az de Ouro e suas práticas educacionais	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3640
Representações da EEFM Monsenhor Catão Porfírio Sampaio em Itapajé-CE: memórias do "grupão" (1936-1978)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3049
Instituto de Humanidades: História de um Educandário Cearense na Belle Époque (1904-1914)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3310
Memória Social e Memória Educacional: O caso do grupo de idosos São José do bairro Seminário, Crato-CE	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3325
CEFAM: Centro Específico de Formação e Aperfeiçoamento ao Magistério: homoerotismo, indisciplina e panoptismo - histórias de vida de jovens normalistas em regime integral no Instituto de educação do Ceará (1992- 1995)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3048
Quem te ensinou a fazer renda? a cultura dos morros da Mariana-PI como influência na educação pela renda de bilros	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3403

TÍTULO DAS DISSERTAÇÕES E O LINK CORRESPONDENTE “continuação”

A Campanha Nacional das Escolas da Comunidade - CNEC e o Entusiasmo Pela Educação Ginásial no Ceará no Período de 1958 a 1963	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3511
Educação Profissional - Uma Viagem Pela Gênese do SENAI – Ceará	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6125
Trajetórias de formação e profissionalização de professoras leigas do município de Itapiúna/CE	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3580
Práticas Educacionais Transmitidas e Produzidas na Capoeira Angola do Ceará: História, Saberes e Ritual	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3510
Saberes e práticas docentes das professoras do 5º ano, matéria prima para aprendizagem matemática das crianças	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3648
A diocese do Crato e a importância do Colégio Diocesano para a sua manutenção 1914-1960	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7299
Gangues da madrugada: práticas culturais e educativas dos pichadores de Fortaleza nas décadas de 1980 e 1990	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7301
O aprendizado da vontade e as dores do mundo	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3075
Modernidade e educação: (des)caminhos históricos e críticas a educação no governo Nogueira Accioly (1896-1912)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7270
Redes sociais na Internet: as práticas educativas digitais do Instituto Federal do Pará - Campus Castanhal de 2004 a 2010	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3106

TÍTULO DAS DISSERTAÇÕES E O LINK CORRESPONDENTE “continua”

Ensino Agrícola: um estudo da gênese e das práticas Pedagógicas no antigo Patronato Agrícola Manoel Barata – PA	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7507
Re-contando a história da Escola Técnica Federal do Pará: a educação profissional em marcha de 1967 a 1979	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3008
Padres lazaristas no Ceará e a formação educacional confessional: seminários e colégios (1864 - 1914)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/2596
Aluno com deficiência visual: perspectivas de educação profissional inclusiva na história e na memória do Instituto Federal do Pará - Campus Belém de 2009 a 2012	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7340
O Benfica dos grafites nos anos 2000	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7389
Incursões na história e memória da comunidade de quilombo de Alto-Alegre - município de Horizonte – CE	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7391
Memória das Águas: práticas culturais e educativas de pescadores artesanais nas ilhas de Abaetetuba – Pará	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7339
O Curso de Pedagogia da URCA, sua estrutura curricular e a influência na prática pedagógica dos alunos que exercem a profissão docente	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6128
Práticas educativas culturais no Caldeirão de Santa Cruz do Deserto (Crato-CE) : um estudo da educação religiosa	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6034

TÍTULO DAS DISSERTAÇÕES E O LINK CORRESPONDENTE “continua”

Protagonistas no ensino da capoeira no Ceará: relações entre lazer, aprendizagem e formação profissional	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6035
Custeio da Educação Pública na era Vargas: a caixa escolar do Ceará (1930-1945)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8052
Crack: práticas educativas e culturais na trajetória de um dependente	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7959
A "Pedagogia" da Feira Livre de São Bento: narrativas, saberes e práticas educativas na cidade de Cascavel – CE	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8590
O professor de História e o seu Saber: a experiência do Programa PIBID/Capes	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/9134
O uso dos artefatos tecnológicos virtuais e digitais nas práticas educativas de letramento	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7958
As práticas educativas digitais nos museus virtuais	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7957
Biografia de Josef Umann: memórias e contribuições educacionais de um imigrante alemão em terras brasileiras (03/11/1850 - 13/08/1927)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/11774
Pornografia de vingança em redes sociais: perspectivas de jovens vitimadas e as práticas digitais	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/11358
O Museu da Cultura Cearense e sua contribuição para a educação patrimonial: apropriações e falas dos alunos sobre o patrimônio e a cultura cearense	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/11775

TÍTULO DAS DISSERTAÇÕES E O LINK CORRESPONDENTE “continua”	
Quilombo Boqueirão da Arara, Ceará: memórias, histórias e práticas educativas	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14353
Formação docente, professor coordenador pedagógico e contexto escolar: diálogos possíveis	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14793
O ambiente escolar e a relação com o saber: história de vida, memória e narrativas de alunos do ensino fundamental	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/15895
Narrativas biográficas de Dandara Aragão: práticas educativas informais, prostituição e o uso de droga no bordel do centro da cidade de Fortaleza	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/16423
Catolicismo e educação: a história da criação da Diocese do Crato e a ação educacional de Dom Quintino no Cariri (1914- 1929)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/16446
Quando a soma das partes altera o conteúdo: (des) continuidades da racionalidade técnica instrumental na formação inicial do professor de geografia	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/31887
Moda e os uniformes escolares: aspectos históricos do fardamento escolar no Ceará	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/19247
Narrativas de professores da Creche da Madame, no Município de Horizonte-CE: espaço e formação integral da criança	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22503
Universidade aberta do Brasil na UFC: história, memória e acesso à educação superior	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/30702
Memórias e narrativas da Escola Normal do Sagrado Coração em Ubajara – CE	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/28485

TÍTULO DAS DISSERTAÇÕES E O LINK CORRESPONDENTE “continua”	
O zinidor "silencioso" das mulheres negras de Floriano-PI	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22377
Narrativas dos alunos do Centro de Educação de Jovens e Adultos Professor Gilmar Maia: móveis e sentidos na relação com o saber	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/25579
Narrativas docentes na escola básica atual: caminhos e contradições da prática em sala de aula	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/27529
Professores de história como intelectuais orgânicos críticos	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22507
Prática docente e as tecnologias da informação e da comunicação: abordagens pedagógicas de professores da Escola Governador Adauto Bezerra	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22509
A cidade em movimento: práticas educativas do morar e conviver no bairro Benfica	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/23801
Narrativas da professora Ruth Cavalcante: lições de educação, de militância e de exílio no período 1960 a 1980	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/30641
Da roça à cartilha: trajetórias profissionais de professoras leigas rurais de Lavras da Mangabeira (1972-1992)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/33679
A identidade profissional de professoras da Educação Básica: sentidos e significados atribuídos à docência	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/38333
Rituais totêmicos e práticas educativas de um candomblé Ketu em Fortaleza	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/29547

TÍTULO DAS DISSERTAÇÕES E O LINK CORRESPONDENTE “continuação”

Habitus, representação social e
formação docente: a escolha
profissional do Curso de
Pedagogia por alunos de uma
universidade federal do nordeste
brasileiro

<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/35899>

**APÊNDICE B – RELAÇÃO DE TESES COLETADAS E SEUS RESPECTIVOS
TÍTULOS E LINKS DE ACESSO**

TÍTULO DAS TESES E O LINK CORRESPONDENTE

O Limoeiro da educação: a história da criação da Diocese e a ação educacional de Dom Aureliano Matos em Limoeiro do Norte (1938-1968)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3284
A voz do Ceará - Comunicação e Educação na Trajetória da Ceará Rádio Clube entre 1934 e 1948	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3074
A arte como princípio educativo: uma nova leitura biográfica de Pedro Américo de Figueiredo e Melo	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3164
Intervenção e influência norte-americana sobre a cultura e educação japonesa e brasileira no Pós-Segunda Guerra Mundial: o despertar da memória pela oralidade	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3271
Farias Brito, um filósofo brasileiro: vida, pensamento e críticas historiográficas	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3137
As vinte e uma faces de Exu na Filosofia Afrodescendente da Educação: Imagens, discursos e narrativas	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3198
Calidoscópio: experiências de artistas-professores como eixo para uma história do ensino de artes plásticas em Fortaleza	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3314
A Construção da Memória Cívica: As Festas Escolares Espetáculos de Civilidade no Piauí (1930 - 1945)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/5883

TÍTULO DAS TESES E O LINK CORRESPONDENTE “continua”

O Círculo Operário de Barbalha como expressão do catolicismo social na educação e na cultura (1930 - 1964)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3197
Católicos no Cariri: embates em torno da formação cristã (1860-1965)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/3172
A experiência pedagógica de uma escritura dionisíaca	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/2977
Educar Crianças e Jovens à Luz da Fé e Cultura: as Instituições Escolares Confessionais Católicas na Sociedade Piauiense (1906 a 1973)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6096
Nos atalhos do pedir: favores, paternalismo e planejamento educacional no Ceará (1963-1982)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7578
Estética e audiovisual no Ceará: uma aproximação crítica à luz da ontologia marxiana	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7582
História da formação do pensamento geográfico cearense: entre o saber, o conhecimento científico e a docência (1887-1947)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7621
Ensino de Geografia: perspectiva histórico-curricular no Brasil republicano	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7603
Mulheres Beletristas e Educadoras: Francisca Clotilde na Sociedade Cearense - de 1862 a 1935	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7585
A experiência socioeducativa de internação na vida de jovens em conflitos com a lei	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7611

TÍTULO DE TESES E O LINK CORRESPONDENTE “continua”

As narrativas dos mestres e a história da capoeira em Teresina/PI: do pé do berimbau aos espaços escolares	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7651
Corpo, ancestralidade, oralidade e educação no Ile Asè Omo Tifé: o corpo de xangô	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7656
Práticas de clientelismo, educação planejada e sonho da redenção humana em torno do PLAMEG – Plano de Metas do Governo Virgílio Távora (Ceará, 1963-66)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/6046
Entre dois agostos: o Conselho de Educação do Ceará na década de 1970 – 1979	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7689
Schiller, educação e o estado estético	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10042
A criação do curso de moda da Universidade Federal do Ceará: história, memória e narrativas (1986 – 1993)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/11184
O PROEJA no IFPA Campus Castanhal e a experiência da alternância pedagógica (2007 a 2009)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/7799
A tradicional Escola Normal Cearense chega ao Bairro de Fátima: formação das primeiras professoras primárias (1958 - 1960)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/15466
O caso Sady e Ágaba: o crime da Praça Comendador Felizardo Leite e a revolta dos estudantes do grêmio 24 de março	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/10038
A ação educacional e o legado cultural de Gustavo Barroso para a moderna museologia brasileira	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/9498

TÍTULO DAS TESES E O LINK CORRESPONDENTE “continua”

Formação contínua e práticas de leitura: o olhar do professor dos anos finais do ensino fundamental	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8596
Intelectuais, professores e artistas: práticas educativas, arte engajada e o massafeira livre (1955-1981)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/8658
Gabriela, Cravo e Canela: subjetividade feminina e resistência na obra de Jorge Amado	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14370
O habitus acadêmico: O Curso do PARFOR – URCA, sua influência na ação docente dos alunos-professores	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14372
Cursos e percursos da educação profissional na escola da rede federal do Ceará de (1960 - 1980)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/16826
Joaquim Nogueira: percurso profissional, projetos escolares e práticas educacionais (1904-1934)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14375
Práticas educativas digitais: uma cultura participativa em formação	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14352
Juvenal Galeno e suas canções populares: reflexo do propósito educacional romântico sob os auspícios do espiritualismo eclético (1836 - 1889)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/21844
A Coluna Olímpíada de Matemática do Jornal O Povo (1987-1996): entre documentos e narrativas	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/21470
Hipócrates do amanhã: as Ligas Acadêmicas de Medicina e a Educação Médica na UFC	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/21046
A formação jurídica no Curso de Direito da Universidade Federal do Ceará – UFC, nas narrativas dos sujeitos acadêmicos	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22502

TÍTULO DAS TESES E O LINK CORRESPONDENTE “continua”

O Reino da Glória e a Moral Católica: memórias sobre a educação feminina e a prostituição na cidade de Crato-CE	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22079
Vou pra rua!: narrativas de formação de jovens estudantes das escolas do centro de Fortaleza nos anos 1980	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/25781
Campo de saberes da capoeira cearense: um estudo sobre o Centro Cultural Capoeira Água de Beber (2002-2016)	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/21800
História e memória da FUNEDUCE e UECE: entre narrativas e documentos oficiais	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/25071
Forjados nas estrelas: educação e doutrina espírita através de vidas em (trans)formação	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/26762
História e memória da informática educativa no Ceará	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/22907
Os saberes docentes do orientador de estágio curricular do Curso de Licenciatura em Geografia	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/34511
A formação docente nos percursos e itinerários dos projetos pedagógicos do curso de Pedagogia da Faculdade de Educação – FAGED/UFC entre 1987 e 2007	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/37803
Instituto Carneiro Mendonça: histórias, memórias e práticas educativas	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/35510
O Ginásio Escola Normal Virgílio Távora e sua contribuição para a formação de docentes no Maciço de Baturité/CE	http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/35677

TÍTULO DAS TESES E O LINK CORRESPONDENTE “continuação”

Cultura da beleza: prostituição,
corpo e práticas educativas

<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/39419>

Práticas educativas digitais e
políticas públicas: construindo a
Política Nacional de Educação
Museal

<http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/37618>
